



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

MARIA AUGUSTA ROCHA BEZERRA

ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA TÉCNICA E O  
SIGNIFICADO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL:  
enfoque na pesquisa-ação

FORTALEZA -CEARÁ

2011

MARIA AUGUSTA ROCHA BEZERRA

ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA TÉCNICA E O SIGNIFICADO DA FORMAÇÃO  
PROFISSIONAL: enfoque na pesquisa-ação

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Área de Concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Veraci Oliveira Queiroz

FORTALEZA - CEARÁ  
2011

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Estadual do Ceará  
Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho**

B574a Bezerra, Maria Augusta Rocha  
Adolescentes de uma escola técnica e o significado da formação profissional: enfoque na pesquisa-ação / Maria Augusta Rocha Bezerra. – 2012.

142f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente, Fortaleza, 2012.

Área de concentração: Saúde da Criança do Adolescente  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Veraci Oliveira Queiroz.

1. Escola. 2. Adolescência. 3. Formação. 4. Escolha profissional. I. Título.

CDD: 613.0432

MARIA AUGUSTA ROCHA BEZERRA

ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA TÉCNICA E O SIGNIFICADO DA FORMAÇÃO  
PROFISSIONAL: ENFOQUE NA PESQUISA-AÇÃO

Dissertação apresentada ao Curso de  
Mestrado Profissional em Saúde da Criança  
e do Adolescente da Universidade Estadual  
do Ceará, como requisito parcial para a  
obtenção do Grau de Mestre.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Veraci Oliveira Queiroz (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiane do Amaral Gubert  
Universidade Federal do Piauí

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Neyva da Costa Pinheiro  
Universidade Federal do Ceará

Aos meus Pais,  
pelo apoio e incentivo para  
realização de todos os meus sonhos

À minha madrinha  
Alcides, pelo carinho e pela  
amizade.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais, Maria Perpétua e Francisco Luís, meu irmão, Leilson Rocha, e meu amor Marcelo Teixeira Carneiro, sem os quais nenhuma realização seria possível ou teria sentido.

À minha prima Matildes, pelo carinho, apoio e cuidado sempre presentes e pela hospedagem.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Veraci Oliveira Queiroz, minha orientadora, pelos ensinamentos, pela paciência, dedicação e pelo incentivo para conseguirmos completar esta tarefa.

À Mary Anne e dona Maria, funcionárias exemplares do Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente, por tornarem-no mais leve e acolhedor.

Aos professores do CMPSCA, sem exceção, pelo profissionalismo e pela colaboração efetiva no percurso desta caminhada.

Aos meus colegas acadêmicos e amigos do CMPSCA, pelas discussões temáticas, pelos debates construtivos, momentos de vivências na sala de aula, em especial, à conterrânea Delane Amorim, pela parceria em diversos momentos.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Neyva da Costa Pinheiro, pelas contribuições valiosas no processo de qualificação deste trabalho e sua consolidação.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiane do Amaral Gubert, por ter aceitado prontamente participar da construção desta pesquisa e com seu brilhantismo engrandecê-la sensivelmente.

À professora do Colégio Agrícola de Bom Jesus e amiga Cristianne Teixeira Carneiro, pela colaboração indispensável e sensibilidade no planejamento e na realização das oficinas. Sem seu apoio a concretização deste sonho não teria sido possível.

À Prof.<sup>a</sup> Aldina Figueiredo, pedagoga da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Cinobelina Elvas, com quem tive a oportunidade de compartilhar saberes que foram e sempre serão importantes para meu crescimento como docente. Também pela contribuição na condução deste estudo.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Ensino Médio da UFPI e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por oportunizarem a inserção de bolsistas/monitoras que muito colaboraram para realização da pesquisa.

Às bolsistas deste projeto, Raniela e Milleny, pela dedicação, paciência e compreensão. Sem vocês este processo teria sido muito mais difícil.

À direção do Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ), em especial à Prof.<sup>a</sup> Oldênia Guerra, primeiramente pela liberação, em vários momentos, para a finalização deste curso de mestrado e, posteriormente, pela autorização para realização da pesquisa.

À coordenadora do Curso Técnico em Enfermagem do CABJ, professora Maria Angélica (Teca), pela amizade e colaboração nos momentos necessários.

Aos pais/responsáveis e adolescentes que participaram do estudo. Obrigada pela confiança.

*A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.*

*PAULO FREIRE*



## RESUMO

O adolescer é uma etapa fundamental do processo de crescimento e desenvolvimento humano, sendo a escola percebida como o ambiente ideal para a promoção de ações de educação em saúde nesta faixa etária. O estudo objetivou analisar as dúvidas e dificuldades que os adolescentes escolares vivenciam no processo de adolescer e identificar como vem sendo abordado os temas adolescência e saúde junto a esta população em escola de formação profissional. Estudo qualitativo, do tipo exploratório, tendo como referencial teórico metodológico a pesquisa-ação, realizado no de maio e junho de 2010. O cenário de estudo foi o Colégio Agrícola de Bom Jesus-PI. Atendeu a Resolução 196/96 e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI pelo parecer nº0088/2011. Os resultados evidenciaram que os estudantes apresentaram diferentes significados em relação à adolescência, principalmente na perspectiva da transformação humana. Os participantes apresentaram dúvidas acerca desta fase, considerando os pares como as principais fontes de informação acerca da adolescência e saúde, embora percebessem a escola como um local ideal para obtenção desses conhecimentos. Acerca da formação profissional, afirmaram que faziam o curso técnico concomitante ao ensino médio por ser obrigatoriedade do colégio técnico federal, que não oferecia a modalidade de docência, em que o aluno pudesse cursar apenas o ensino médio, essa situação apresentou-se também quando questionados sobre os motivos de estarem fazendo um curso técnico específico (agropecuária, enfermagem ou informática). Evidenciou-se que mesmo aqueles que afirmaram cursar o técnico concomitante ao médio por interesse ou identificação com área o faziam apenas vislumbrando a questão profissional, não relacionando essa modalidade de ensino à formação no sentido integral. Apesar disso, todos os estudantes concordaram quanto à importância de cursar a modalidade técnica concomitante ao médio, referindo esta integralidade como relacionada à questão da empregabilidade, fosse no sentido de decidir sobre profissão que seria seguida ou como opção frente ao mercado de trabalho. Entre os motivos relatados pelos jovens para não desejarem carreira de técnico estiveram: ter pouco conhecimento sobre o curso, não ter vocação e ter dúvidas sobre a profissão. Concernente aos motivos para escolha profissional, os participantes relataram que os fatores mais relevantes neste processo eram a vocação e o salário, tendo a influência dos pais ocupado a terceira posição na opinião dos jovens e referida sempre em associação com as variáveis já mencionadas. A respeito do sentido da formação profissional, os adolescentes a percebiam como uma formação para uma carreira específica, não integrada à formação para vida. Os resultados destacaram a necessidade premente de docentes e escola envolverem-se nos debates das questões relativas ao adolescer, à saúde e formação profissional, e a inserção de estratégias de ensino na perspectiva da educação libertadora, com vistas à reflexão para ação.

Palavras-chave: Escola. Adolescência. Formação/escolha profissional.

## ABSTRACT

The adolescent is a fundamental step in the process of human growth and development, need to create environments for young people to discuss the issues involved in this phase, and the school environment for the promotion of health education actions. The study aims to analyze the challenges and difficulties that adolescents experience school and adolescence in the process of identifying how the issues are being addressed and adolescent health in this population in vocational school. Qualitative study, exploratory, with the theoretical and methodological framework Action Research. The scenario study was the Agricultural College of Bom Jesus, PI, between May and June 2010. The study complies with Resolution 196/96 and was approved by the Ethics Committee of UFPI. The results show that students have different meanings in relation to adolescence, particularly in the light of human transformation. The participants have questions about this stage, considering the couple as the main sources of information about teens and health, while noting the school as a place to obtain that knowledge. About the training said that the technical course are concomitant with the high school be mandatory for federal technical college, which does not offer a method of teaching in which students can only attend school, this situation is also presented when asked for the reasons they are doing a particular technical course (agriculture, nursing or computer science). We note that even those who attend the coach said the average per concurrent interest or identification with the area are only glimpsing the professional matter, not relating this type of education training in the full sense. Still, all students agree that it is important to the medium concomitant with the technical course, this comprehensive reference as related to the issue of employability, is in deciding whether this is the profession that will be followed, or as an option outside the labor market it presents. Among the reasons reported by young people for not wanting to have a career as a coach are: having little knowledge about the course, did not call and have questions about the profession. Concerning the reasons for career choice, participants reported that the most relevant factors in this process are the vocation and salary, and the influence of parents occupied the third position in the opinion of young people and that always in association with the variables mentioned above. About the meaning of training teenagers perceive it as a training for a specific career, training for non-integrated life. The results highlight the urgent need for teachers and schools engage in the debates of issues related to adolescence, health and vocational training, and the inclusion of teaching strategies from the perspective of liberating education, with a view to reflection to action.

Key words: school, adolescence, education / career choice.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEN	Associação Brasileira de Enfermagem
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CAAE	Certificado de Apreciação para Aprovação Ética
CABJ	Colégio Agrícola de Bom Jesus
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CMPSCA	Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente
CONSUN	Conselho Universitário
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MES	Ministério da Educação e Saúde
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PE	Programa Educativo
PROEP	Programa de Expansão da Educação Profissional
PSE	Programa Saúde na Escola
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SENAT	Serviço Nacional do Transporte
SESC	Serviço Social do Comércio
SESCOOP	Serviço Nacional de Apoio ao Cooperativismo
SESI	Serviço Social da Indústria
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFPI	Universidade Federal do Piauí

## LISTA DE QUADROS

1	Temas escolhidos pelos adolescentes para serem abordados no programa educativo.....	78
2	Caracterização dos adolescentes pesquisados, de acordo com idade, sexo, orientação sexual, renda familiar, residência e curso técnico.....	80
3	Desenhos produzidos pelos adolescentes participantes na dinâmica Imagem Mental sobre a região corporal que mais representava a adolescência.....	84
4	Distribuição das profissões referidas pelos alunos como de maior interesse para serem explanadas na realização das oficinas.....	106

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Inserção da pesquisadora no objeto de estudo.....	15
1.2 Objeto e problemática da pesquisa.....	16
2 OBJETIVOS.....	25
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	27
3.1 A escola de ensino profissionalizante no Brasil.....	27
3.2 A escola e sua abordagem da adolescência e saúde.....	31
3.3 O adolescente e o processo de escolha profissional.....	41
3.4 As contribuições de Paulo Freire na pesquisa-ação.....	45
4 METODOLOGIA.....	49
4.1 Natureza do estudo e abordagem.....	49
4.2 Cenário da pesquisa.....	49
4.3 Sujeito do estudo e amostragem.....	50
4.4 Técnicas e procedimentos de coleta de informações.....	51
4.5 Organização e análise das discussões das informações.....	54
4.6 Princípios éticos adotados .....	57
4.7 Programa educativo e operacionalização do método aplicado.....	58
5 PESQUISA DE CAMPO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	77
5.1 Aproximação com o cenário e contatos com sujeitos da pesquisa: abordagem aos temas geradores da pesquisa.....	77
5.2 Caracterização dos participantes do estudo.....	80
5.3 Descrição das temáticas/categorias: exploração dos temas geradores.....	81
5.3.1 Temática 1: adolescência e saúde.....	81
5.3.2 Temática 2: escolha e formação profissional.....	94
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICES.....	134
ANEXOS.....	141

# ***INTRODUÇÃO***

---

## **1 INTRODUÇÃO**

### **1.1 Inserção da pesquisadora no objeto de estudo**

O interesse em compreender como a questão saúde está ou pode estar inserida no contexto escolar surgiu, em um primeiro momento, no desenvolvimento das atividades da autora como enfermeira da Atenção Básica da área rural, no município de Tauá-CE, em que se tentou articular com as escolas da comunidade atividades relacionadas à saúde de adolescentes, assim, percebeu-se dificuldade para construção e consolidação de grupos com os estudantes. Observou-se que na maior parte das vezes, os educadores pouco se envolviam no processo, permanecendo como espectadores.

Em outro município do interior do Ceará, Deputado Irapuan Pinheiro, já na função de coordenadora da Atenção Básica, a autora buscou, da mesma forma, articular atividades com os escolares adolescentes da rede pública de ensino municipal, tentando organizar estratégias integradas entre a Secretaria Municipal de Saúde e a Secretaria Municipal de Educação, entretanto, com pouco êxito, visto que as ações ficaram restritas a palestras isoladas sobre as temáticas Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Métodos Anticoncepcionais. Percebeu-se que existiam obstáculos na operacionalização de atividades de educação em saúde nos espaços escolares, na valorização destas atividades e na cooperação técnica entre os setores saúde e educação, na realidade didático-pedagógica das escolas.

Posteriormente, já no desenvolvimento das ações como docente do ensino técnico de um colégio agrícola federal, verificou-se que os professores dirigiam suas ações apenas para o campo especializado de sua responsabilidade e educação formal básica, não havendo preocupação com questões relativas ao “ser adolescente” na constituição do indivíduo e promoção de sua saúde e aos problemas e questionamentos inerentes desta fase da vida.

Com o decorrer dos meses de trabalho como professora e com a preocupação em conhecer melhor o universo com o qual pretendia atuar, procurou

identificar se haveria, por parte dos adolescentes da instituição, interesse em participar de atividades que envolvessem a discussão sobre o processo de adolecer e a promoção da saúde. Em novembro de 2010, com o apoio da direção do Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ), realizou-se o I Encontro de Educação em Saúde do CABJ, com participação efetiva de quase a totalidade dos estudantes e pouca participação dos docentes. Na ocasião, embora a estratégia pedagógica estivesse fundamentada, basicamente, em palestras dialogadas, os adolescentes demonstraram-se participativos, aduzindo questionamentos, demonstrando anseios e muitas dúvidas.

Empiricamente, percebeu-se o desejo do adolescente de falar e de também ser ouvido, de indagar, de discutir, de responder, de construir concepções relativas à sua saúde. Apesar dos percalços, observou-se que a direção da escola também ansiava por mudanças e pela inserção das temáticas envolvendo saúde no ambiente escolar e que os professores também poderiam ser sensibilizados. Assim, a partir dos contatos com os adolescentes e com a realização do referido encontro, o interesse em favorecer no espaço da escola uma ação reflexiva e crítica do conceito de saúde e de sua relação com a formação profissional foi se concretizando, resultando nesta pesquisa.

## **1.2 Objeto e problemática da pesquisa**

O adolecer é uma etapa fundamental do processo de crescimento e desenvolvimento humano, no qual acontecem modificações rápidas e importantes, a nível corporal, mental e, também, nas relações familiares e sociais, implicando, ainda, em alterações em seu estilo de vida. De acordo com Serrão e Baleeiro (2000), é um momento de escolhas e de projetos que começam a ser construídos, com características e marcas próprias. Para Dolto (2004), conhece-se menos o adolescente do que a criança, sendo importante, por isso, entender bem a realidade expressa por esse termo.

A adolescência é parte de um fenômeno cultural muito mais amplo do que as variações de idade estabelecidas tanto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como pelo Ministério da Saúde (que segue sua proposição) e pelo Estatuto



da Criança e do Adolescente (ECA), e não apresenta características muito evidentes de início e término. Todavia, alegando a necessidade de delimitações para planificação, é definida pela OMS como o período de vida compreendido entre 10 e 19 anos (OMS, 2004) e pelo ECA (Lei Federal Nº 8.069, 1990), de 12 a 18 anos (BASTOS; DESLANDES, 2009).

Entretanto, é importante destacar que as fronteiras etárias são um marco abstrato útil para a delimitação de políticas e de estratégias, mas na vida concreta e na experiência individual das pessoas, as fronteiras da adolescência e da juventude não estão dadas de modo homogêneo e fixo. Assim, parece ser mais adequado falar em adolescências e juventudes, considerando os diferentes grupos populacionais, porque esta etapa dentro do *continuum* da vida implicará em experiências diferenciadas e em significados específicos (BRASIL, 2010).

A adolescência é também marcada pela metamorfose físico-corporal decorrente do processo evolutivo orgânico, cujas necessidades são, antes de tudo, processos produzidos no âmbito das sociedades, definindo-se e modificando-se na interação com seus diversos contextos, incluindo, entre outros, a família, o ambiente em que vive e a escola. Esta fase, quando compreendida para além da sua demarcação temporal, incorpora a ideia do adolescente como protagonista na construção de seu processo de vida pessoal e coletiva, o que lhe confere um potencial de emancipação, autonomia e responsabilidade social (ABEN, 2001).

De acordo com o Censo de 2010, a geração do Brasil de adolescentes de 10 a 19 anos de idade é de 34.157.631 – 17.9 % da população brasileira. No Piauí, este grupo totaliza 611.782 pessoas e no município de Bom Jesus, local do estudo, somam 4.569 adolescentes (IBGE, 2010). Ressalta-se, também, a vulnerabilidade desse grupo populacional às causas externas, em proporções mais significativas do que no restante da população, uma vez que estas ocupam o primeiro lugar na mortalidade, além das altas taxas de gravidez e aborto, diretamente relacionadas aos índices de mortalidade materna, entre adolescentes e jovens de todas as raças e etnias, atingindo, sobretudo, aquelas em situação de pobreza (BRASIL, 2010).

Sabe-se, também, que grande parte destes adolescentes vive em ambientes nocivos à saúde, em situações de exclusão social, e continuamente

ameaçada pelas chamadas morbidades sociais, como as causas externas, que incluem situações de maus-tratos, abuso sexual, violência, drogas e acidentes. Em ambientes expostos a múltiplos fatores de risco, as crianças e os adolescentes tendem a desenvolver práticas e atitudes de risco para a sua saúde (BRASIL, 2006a).

A partir dessas informações, considera-se que as questões inerentes à saúde não necessariamente devem ser desenvolvidas nos setores específicos desta área, como Unidades Básicas de Saúde e Hospitais, mas nos mais diversificados espaços, no qual o adolescente vive e convive com seus pares. Além disso, todos os profissionais que estabelecem vínculos com estes indivíduos devem se responsabilizar por focalizar a problemática intrínseca desta faixa etária, como já apontado exaustivamente pela literatura (ALVES; VIANA, 2003; PEREIRA, 2007; RUZANY; SZWARCOWALD, 2000).

Para Alves e Viana (2003), é necessário promover ambientes para que os adolescentes possam não apenas receber informações, como também falar de si, discutir suas questões e expressar sentimentos, ou seja, em que possam ser vistos com singularidade. Embora seja importante focalizar o sujeito, é junto a outros que os jovens terão mais facilidade de expressão. Nos grupos de adolescentes, todos estão vivenciando o mesmo processo, têm dúvidas e conflitos muito parecidos e podem compartilhar medos e anseios, alegrias e conquistas. Entre os lugares possíveis para se trabalhar as nuances que envolvem a questão do adolescer, bem como todos os aspectos que podem influenciar este processo, encontra-se a escola.

Schenker e Minayo (2005) afirmam que a escola é um espaço privilegiado de encontros e interações entre os jovens, um poderoso agente de sociabilidade do adolescente por juntar em seu interior a comunidade de pares e por ter fortes instrumentos de promoção da autoestima e do autodesenvolvimento em mãos.

Dessa forma, a escola coloca-se na vida do jovem como uma instituição de grande significado, por proporcionar o exercício da identidade para além da família, em contatos com contextos de condicionamentos e diferenças sociais e, por criar condições para a produção e o acesso a novos saberes e ao conhecimento socialmente produzido e sistematizado. É, também, um espaço privilegiado para a

educação em saúde em um enfoque ampliado, na perspectiva de construção de cidadania e de envolvimento dos diversos atores que compõem o universo (ALVES; VIANA, 2003).

Ademais os sistemas de ensino abrigam aproximadamente 62% de adolescentes e jovens entre 10 e 24 anos de idade. Trata-se de um espaço institucional privilegiado para a convivência social e o estabelecimento de relações intersubjetivas favoráveis à promoção da saúde e à construção de resposta social aos desafios colocados para a sociedade (BRASIL, 2006b).

Ao partir dessa perspectiva, o Ministério da Saúde (MS), no documento Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção da Saúde, Prevenção de Agravos e de Enfermidades e na Assistência (2010), enfatiza a necessidade do estímulo à promoção da participação juvenil nas ações de promoção da saúde, fortalecendo grêmios escolares, lideranças e outros grupos juvenis organizados nas escolas, incorporando novos subsídios de ação e de reflexão voltados para o reconhecimento dos adolescentes e jovens como sujeitos plenos de direitos, socialmente mais responsáveis e cooperativos, com capacidade de posicionamento frente à vida e saúde.

Em outro documento, com o tema Escolas Promotoras de Saúde: Experiências do Brasil, o MS, em parceria com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), ressalta que, com o fortalecimento da democracia e da luta pela cidadania no país, o trabalho educativo em saúde, vivenciado na escola, tem avançado através da incorporação de novas concepções teóricas da educação e da saúde, assim como na diversificação de seu campo de atuação. Este avanço possibilitou a incorporação das práticas educativas em saúde, no cotidiano das escolas, além de contribuir para uma crescente consolidação da cooperação técnica entre os Ministérios da Saúde e da Educação. Tais iniciativas resultaram em acúmulos consideráveis que potencializaram a ação educativa em saúde nos espaços institucionais, como a disseminação da proposta das escolas como espaços de desenvolvimento de ações de promoção da saúde e a inclusão dos temas transversais – ética e cidadania, consumo e trabalho, multiculturalidade, meio ambiente, saúde e sexualidade – no currículo das escolas, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006a).

Entretanto, a experiência empírica tem demonstrado que, mesmo com todos os benefícios apontados pelos estudiosos e pelas iniciativas governamentais, as temáticas envolvendo o adolescer/adolescência muitas vezes não são abordadas nas instituições de ensino. Acredita-se que isto ocorra, em especial, pela dificuldade encontrada pelos educadores em promover estratégias de abordagem que envolvam os adolescentes. É importante indagar e refletir se esta dificuldade provém da carência de formação adequada dos professores e/ou de estímulos institucionais, pontos inseridos em uma perspectiva abrangente, que carece reflexões, mesmo não sendo foco desta pesquisa.

Nesse sentido, embora o papel do setor educação seja formar os escolares em temas como matemática, línguas, história e outros conhecimentos e habilidades acadêmicas, não sendo a saúde objetivo primordial, é imprescindível melhorar o compromisso das escolas em favorecer formação para a vida, envolvendo aspectos da saúde. Portanto, entre os desafios atuais discute-se a necessidade de integrar na escola o ensino de habilidades para a vida, bem como a vigilância de práticas de riscos a envolver ações de prevenção e promoção da saúde.

Nessa perspectiva, surge o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, o qual resulta do trabalho integrado entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, na perspectiva de ampliar as ações de prevenção, promoção e atenção à saúde de crianças, adolescentes e jovens da rede pública de ensino. Deste modo, esta proposta pretende contribuir para o fortalecimento de ações que vinculem saúde e educação, facilitando o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento dos alunos brasileiros (BRASIL, 2008a).

Já em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1996b) enfatiza a formação cidadã dos alunos, para que possam agir como sujeitos conscientes, capazes de refletir, de se organizar, de participar e decidir sua própria história dentro da sociedade (MEYER, 1998 *apud* BRASIL, 2006). Conforme Meyer *et al.* (2006), em complementação à LDB, foram elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação, que foram aprovadas pelo Congresso Nacional, portanto, apresenta

conotação de lei. De acordo com essas diretrizes, as escolas brasileiras têm vida autônoma e apoio legal para o desenvolvimento de uma educação pública e de qualidade para todos. A saúde está incluída entre os componentes necessários para a formação cidadã.

Com base nessas proposições e pela experiência empírica vivenciada até o momento, procuraram-se por adolescentes do Colégio Agrícola de Bom Jesus – PI com a proposta de discutir e trabalhar, por meio de estratégias participativas, dialógicas e de construção coletiva, anseios e desejos destes, ou seja, todos os motes que estivessem presentes na vivência e que, de alguma forma, trouxessem dúvidas, questionamentos e preocupações. Através desta abertura e pela gama de temas sobre os quais os estudantes da referida instituição tinham interesse em conhecer mais, na etapa inicial desta investigação/intervenção, deparou-se com o primeiro dos obstáculos que se seguiriam: solicitação pelos adolescentes (apenas dos estudantes do 2º ano do ensino médio) de 22 temáticas diferentes, com mais de 200 pedidos (visto que eles poderiam solicitar quantos assuntos quisessem), ou seja, todos os adolescentes tinham quatro ou mais assuntos de interesse.

Assim, optou-se, nesta etapa exploratória, por abordar o tema que havia sido solicitado por um maior número de jovens: escolha/formação profissional. Destaca-se que os pesquisadores tiveram o cuidado de não induzir os participantes para este tema, mas permitir que permanecesse à vontade na seleção.

A educação profissional faz parte, obviamente, do sistema de ensino nacional, portanto, deve ser contemplada pelos novos referenciais orientadores para a construção curricular, com inclusão de temas transversais, anteriormente descritos, em seu projeto pedagógico. Neste sentido, as temáticas escolha e formação profissional devem ser abordadas, tanto por sua importância na vida deste adolescente, que pelo momento vivenciado é tipicamente permeado pela indecisão, como pela relevância permanente ao longo da sua existência.

Entretanto, de acordo com Almeida (2009), o cenário brasileiro atual, no que diz respeito à formação de adolescentes e jovens para o campo de trabalho, apresenta postura da escola que tem contribuído para um pensamento fragmentado por parte do adolescente, que não envolve abordagem crítica e ampliada da

realidade, inclusive, da carreira profissional, mas a mera escolha pelo nome de um curso universitário e aprovação no exame vestibular. Ademais, muitas vezes, percebe-se que as escolas não apresentam estratégias claras que apoiem os jovens estudantes neste momento de eleição, tornando este período ainda mais complexo.

Essa realidade, ainda, torna-se mais intrincada quando situa esta pesquisa referindo-se a um grupo de adolescentes, os quais viviam no interior do Piauí, interior do nordeste brasileiro, com todas as suas nuances relativas ao desemprego e à miséria. Muitas vezes, o jovem precisa ingressar em um mercado de trabalho em que escolher acaba tornando-se “até fácil”, por não haver tantas opções, e ao mesmo tempo muito difícil, porque em diversas ocasiões é preciso abdicar do sonho e escolher a única opção que tem acesso. Assim, pode-se afirmar que tanto a escolha como a formação profissional são, de regra, processos determinados socialmente.

Dessa forma, a escola deve estar preparada para lidar com todos estes aspectos relativos à profissionalização e formação cidadã do adolescente. No entanto, o que se percebe, consoante Menezes (2004), é que no cotidiano escolar, há um conflito vivenciado pelos professores na relação com os jovens, principalmente no que se refere à construção de perspectivas futuras, como projetos de vida e escolha profissional. É observada, também, dificuldade relacionada ao desenvolvimento de temas em sala de aula, como cidadania, ética, meio-ambiente, sexualidade, dentre outros, tendo em vista que alguns professores argumentam que existe desinteresse por parte dos alunos.

Em pesquisa realizada por Menezes (2004) com professoras que atuavam com adolescentes, a dificuldade estava na formação inicial dos professores, que, segundo as participantes do estudo, não possibilitava preparo teórico-prático satisfatório para lidar com os adolescentes. Tendo em vista que a graduação está focada em conteúdos específicos das disciplinas que irão ministrar e não contemplam questões relacionadas à aprendizagem e ao desenvolvimento humano, de modo a ampliar o olhar sobre o jovem.

No contexto da interlocução entre adolescência, saúde e formação profissional, lançaram-se os seguintes questionamentos norteadores da pesquisa:

como estes adolescentes percebem a si e o processo de adolecer? Como a escola profissionalizante aborda as temáticas da adolescência? Quais as reflexões que os adolescentes da escola profissionalizante fazem sobre os cursos profissionalizantes e a formação profissional?

Por conseguinte, abordou-se nesta pesquisa o tema escolha/formação profissional com os participantes, acrescido da compreensão sobre a fase da adolescência e saúde. Assim, pretendeu-se identificar como vem sendo abordado os temas da saúde junto aos adolescentes na escola profissionalizante e, ao mesmo tempo, discutir as temáticas escolha e formação profissional por meio de um programa educativo que favoreceu reflexões e desenvolvimento de habilidades para melhor vivenciar este processo.

Para isso, efetivou-se a pesquisa em uma proposta baseada nos pressupostos de Paulo Freire, para fundamentar as discussões em grupo, favorecendo a abordagem dos adolescentes e de suas vivências, utilizando concepções pedagógicas que promovessem a problematização, reflexão e ação. Sugerira-se, conforme Pereira (2007), as técnicas participativas e dialógicas, através das quais proporcionou-se um processo de ensino-aprendizagem com práticas que permitiram a construção individual e coletiva de conhecimentos e habilidades, de forma crítica e reflexiva, culminando em uma ação transformadora, integral, equânime e contextualizada.

Acredita-se que a pesquisa apresenta contribuições para todos os envolvidos em sua construção: os adolescentes/pesquisados/pesquisadores, que por meio da proposta da pesquisa-ação puderam construir uma visão mais crítica do processo (de adolecer e de escolha profissional) que estavam inseridos; os educadores do local em estudo, que poderão vivenciar uma nova experiência metodológica e poderão se aproximar desta realidade, se assim desejarem, após a exposição dos resultados desta pesquisa; a direção da escola, que poderá ser sensibilizada, também, a implementar uma nova proposta em seu modelo pedagógico; e as responsáveis pela pesquisa que responderam as suas inquietações e socializarão os resultados em varias instâncias científicas e acadêmicas.

# ***OBJETIVOS***

---



## **2 OBJETIVOS**

- Compreender como os adolescentes vivenciam o adolescer e o processo de escolha/formação profissional;
- Identificar como vem sendo abordado os temas adolescência e saúde nas escolas de formação profissional;
- Propor, a partir das temáticas identificadas pelos adolescentes, um programa educativo com vistas a favorecer a reflexão-ação no processo de escolha profissional.

***FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-  
METODOLÓGICA***

---

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA**

#### **3.1 A escola e sua abordagem na adolescência**

No espaço escolar, o saber teórico e prático sobre saúde e doença foi sendo construído de acordo com o cenário ideológico da época e as questões sobre saúde abordadas com base no referencial teórico de cada momento (GONÇALVES *et al.*, 2008).

Consoante Figueiredo, Machado e Abreu (2010, p. 401):

Entendida, de início, como uma prática que se situava na intercessão da polícia médica, do higienismo e da puericultura, a atenção à saúde escolar evoluiu em fina sintonia com o conceito de promoção da saúde. Especificamente no espaço latino-americano e caribenho, a OPAS recomenda este paradigma como forma - principalmente - de subsídio à superação de problemas de saúde da população infanto-juvenil.

A escola é, atualmente, percebida por diversos autores e pelo próprio governo como o local ideal para serem trabalhadas as nuances da adolescência e de saúde. Entretanto, por muito tempo, este espaço foi visto apenas como um local de aglomeração de crianças e adolescentes que facilitava a implementação de ações de saúde (como campanhas de vacina) e de estratégias “baseadas no ordenamento dos corpos a partir da medicalização biológica e/ou psíquica dos fracassos do processo ensino-aprendizagem” (BRASIL, 2009, p. 7).

Meirelles e Ruzany (2008) destacam que as atividades direcionadas à saúde da população jovem, em especial os adolescentes, são mais eficazes quando desenvolvidas em uma perspectiva de saúde coletiva, pois consideram o indivíduo inserido em seu contexto, sendo a escola considerada um dos ambientes mais propícios para o desenvolvimento destas estratégias. Este enfoque facilita a abordagem de diversos problemas, como atividade sexual precoce, pressão de grupo, uso de drogas, prevenção de acidentes, violência urbana, escolha profissional, entre outros.

Pelicioni e Torres (1999) citados por Gonçalves *et al.* (2008) afirmam que durante algum tempo, a educação em saúde na escola centrou sua ação nas individualidades, tentando mudar comportamentos e atitudes sem, muitas vezes, considerar as incontáveis influências provenientes da realidade em que crianças e adolescentes estavam inseridos. Era comum acontecerem ações isoladas voltadas ao trabalho para saúde, partindo de uma visão assistencialista de educação e sem discutir a conscientização acerca do tema saúde e suas inter-relações para o equilíbrio dinâmico da vida.

No Brasil, até a década de 1950, os setores de Educação e de Saúde eram trabalhados de forma unificada. A partir desta década, o então Ministério da Educação e Saúde (MES) se desdobrou em dois: no Ministério da Saúde e no Ministério da Educação e Cultura (MEC), com autonomia institucional para elaboração e implantação de políticas em suas áreas. A partir dos anos de 1950 até o início dos anos 2000, passando pela redemocratização do Brasil e pela Constituição Federal de 1988, muitas foram as iniciativas e abordagens que pretendiam focalizar o espaço escolar e, em especial, os estudantes, a partir e/ou dentro de uma perspectiva sanitária. Em sua maioria, tais experiências tiveram como centro a transmissão de cuidados de higiene e primeiros socorros, bem como a garantia de assistência médica e/ou odontológica. Assim, centraram-se na apropriação dos corpos dos estudantes, que, sob o paradigma biológico e quaisquer paradigmas, deveriam ser saudáveis (BRASIL, 2009).

Até 1996, por meio da chamada Lei da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus nº 5.692, de 1971, o tema saúde era abordado dentro do referencial curricular escolar, utilizando como designação a referência Programas de Saúde, sem ser incorporado como disciplina curricular, e sim como um trabalho a ser desenvolvido de modo pragmático e contínuo. Já com a nova LDBEN 9.394/96 e a construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a saúde no campo da educação passou a ser considerada como um tema transversal, expondo a necessidade de se assegurar uma ação integrada e intencional entre os campos da educação e saúde, uma vez que ambos se pautam, fundamentalmente, nos princípios de formação da consciência crítica e no protagonismo social (GONÇALVES *et al.*, 2008).

Barros e Mataruna (2005) complementam que durante anos, diversos autores cogitaram a possibilidade de se discutir o tema saúde dentro da escola. Entretanto, apenas com a estruturação dos PCN pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1997, é que a temática saúde foi destacada como um tema transversal, que deveria ser trabalhado, dentro das possibilidades, por todas as disciplinas curriculares, não necessitando de formação especializada.

Assim, por meio dessa estratégia intersetorial, a saúde e a educação passaram a ser pensadas de forma mais integradora. Esses parâmetros apontam para a construção de uma nova cultura em que a saúde e a educação trabalhem com temas transversais (pluralidade cultural, ética, orientação sexual, cidadania, meio ambiente, trabalho, consumo) com base em situações concretas vivenciadas no cotidiano das populações. Portanto, o conhecimento deve ser tratado como algo construído e apropriado, fruto da interação e cooperação entre sujeitos que são diferentes. Os novos parâmetros curriculares apontam para a necessidade de planejar o trabalho institucional, considerando as especificidades locais, regionais e culturais (AERTS *et al.*, 2004).

Conforme Brasil (2006b), desde 1995, o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação têm, conjuntamente, reunido esforços para que os temas em saúde, em especial saúde sexual e reprodutiva, sejam trabalhados nas escolas. Do trabalho integrado entre os dois ministérios nasceu o “Projeto Escolas”. Em agosto de 2003, no município de Curitiba, aconteceu o lançamento oficial do projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”. O projeto teve como elementos inovadores a disponibilização de preservativos nas escolas, a integração entre as escolas e as unidades básicas de saúde, respeitando a autonomia dos sistemas educacionais e das escolas, bem como a participação da comunidade no processo. Em 2005, o Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas” foi reformulado. Novas estratégias foram definidas, entre elas: o monitoramento das escolas a partir da inclusão de um questionário específico no Censo Escolar e a incorporação de diretrizes para que as ações possam atingir alunos a partir das primeiras séries do ensino fundamental.

Para melhor articular essas estratégias, foi lançado em 2007 o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído por Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, resultado do trabalho integrado entre o Ministério da Saúde e o

Ministério da Educação, na perspectiva de ampliar as ações específicas de saúde aos alunos da rede pública de ensino: Ensino Fundamental, Ensino Médio, Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2008a).

Com a ação conjunta dos dois ministérios, o tema da promoção da saúde na escola torna-se um eixo de importante trabalho em nível nacional, evidenciando a perspectiva de que a escola é um espaço de ensino-aprendizagem, convivência e crescimento importante, no qual se adquirem valores fundamentais. A escola é o lugar ideal para se desenvolverem programas da promoção e educação em saúde de amplo alcance e repercussão, já que exerce grande influência sobre os alunos nas etapas formativas e mais importantes de suas vidas (GONÇALVES *et al.*, 2008).

Entretanto, os estudos evidenciam considerável dificuldade na percepção, em especial pelo corpo docente, da escola como um ambiente em que todos os seus membros sejam, de fato, promotores de saúde destes estudantes. Santos e Bógus (2007) concluíram em estudo que, entre professores de uma escola municipal situada na zona leste do município de São Paulo, prevaleceu a concepção especialista, na qual o responsável pelo tema de educação em saúde seria o professor de Ciências, exclusivamente, por ser ele o mais habilitado para isso, pela sua formação profissional. Enfatizaram que, em geral, há uma tendência em os profissionais da educação pensarem em saúde de forma assistencialista e higienista, reduzida ao corpo biológico, executando ações de forma isolada e sem pensar nas articulações de parcerias que podem acontecer dentro e fora da escola com a interação e o empoderamento de conhecimentos e habilidades que possam ser adquiridos sob a ótica das escolas promotoras de saúde.

Em outro estudo envolvendo adolescentes e o espaço escolar, em especial no que concerne à anticoncepção, Guimarães, Vieira e Palmeira (2003) constataram que a escola, como um dos principais responsáveis pela educação do indivíduo, não vem de fato assumindo seu papel, que é também participar das transformações socioculturais ligadas à questão sexual.

Percebeu-se, também, que tão importante quanto a apropriação e abordagem adequada dos temas envolvendo a vida e a saúde destes escolares é a inserção do

profissional de saúde nos ambientes da educação. Maciel *et al.* (2010) apontam em investigação a importância da inserção do profissional de saúde na saúde escolar, delineando o seu papel na escola: função educativa e assistencial, e consideram indispensável a integração dos serviços de saúde para a solidificação desse espaço.

Corroborar-se Liberal *et al.* (2005) que é fundamental que todos os profissionais de saúde e educação estejam com o olhar direcionado para os problemas sociais, cientes de sua responsabilidade e adequados às ações preventivas. As iniciativas do setor de saúde precisam ser compartilhadas por outras ligadas à educação, cultura e ao lazer, à segurança e justiça. A promoção da saúde no ambiente escolar é fundamental para o desenvolvimento integral da cidadania, que permeia a segurança, a educação, a justiça e a equidade.

### **3.2 A escola de ensino profissionalizante no Brasil**

Nesta sessão, teve-se como finalidade enfatizar alguns momentos importantes da história da educação profissional no Brasil, focalizando a integralidade com o ensino médio, alvo desta investigação.

O fenômeno da educação profissional acompanha as práticas humanas, desde os primórdios da história, quando os humanos, segundo Manfredi (2002), transferiam os saberes profissionais por meio de uma educação baseada na observação, na prática e na repetição, pelas quais repassavam conhecimentos e técnicas de fabricação de utensílios, aprimoramento de ferramentas, instrumentos de caça, defesa e demais artefatos que lhes servissem e facilitassem o cotidiano. Com sua cognição e tecnologia acumuladas, as populações pré-históricas e as civilizações que as seguiram produziram soluções para enfrentarem os desafios impostos pelo ambiente no qual estavam inseridos, bem como nas suas relações e interferências com os demais componentes ambientais, como, ainda, nos atos civilizatórios e nos de conquista (WITTACZIK, 2008).

A autora supracitada afirma ainda que, internacionalmente, a educação profissional somente se consolidou a partir da Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra, em meados do final do século XVIII.

De acordo com Garcia (2000), no caso do Brasil, a formação do trabalhador ficou marcada desde o início pelo estigma da servidão, por terem sido os índios e os escravos os primeiros aprendizes de ofício. Guaraldo (2008) complementa que de 1500 a 1700, com o Brasil em processo de colonização, para a maior parte da população brasileira, a educação não ia muito além da catequização dos índios e das práticas educativas nos engenhos, estas informais e instrumentais, propostas pensadas no e para o trabalho. Portanto, do ponto de vista do colonizador, não se ofereciam maiores qualificações para os negros nem para os índios.

Com o passar dos tempos houve a descoberta do ouro em Minas Gerais, fazendo com que aparecessem as Casas de Fundição e de Moeda, e com elas a necessidade do ensino de ofícios para aprendizes trabalharem nestas Casas. A aprendizagem nas Casas da Moeda diferenciava-se da realizada nos engenhos, pois era destinada somente aos homens brancos, filhos dos empregados da própria Casa. Outra diferença era que aqueles que aprendiam o ofício, nos engenhos, faziam-no de forma assistemática e não precisavam provar o conhecimento prático por meio de exames. Nas Casas de Moeda, os aprendizes, no fim do período de cinco a seis anos, tinham que demonstrar as habilidades perante uma banca examinadora e, sendo aprovados recebiam certidão de aprovação. No mesmo período, também, iniciaram-se nos Arsenais da Marinha no Brasil centros de aprendizagem de ofícios; os operários especializados trazidos de Portugal e os aprendizes eram recrutados até à noite, quando uma patrulha do Arsenal saía e recolhia todo aquele que fosse encontrado vagando pelas ruas depois do toque de recolher (GARCIA, 2000).

Entretanto, conforme Moura, Garcia e Ramos (2007), na história brasileira, até o século XIX, não há registros de iniciativas devidamente sistematizadas que hoje possam ser caracterizadas como pertencentes ao campo da educação profissional. O que existia até então era a educação propedêutica para as elites, voltada para a formação de futuros dirigentes. Os primeiros indícios do que hoje se pode caracterizar como as origens da educação profissional surgiram a partir de 1809, com a criação do Colégio das Fábricas, pelo Príncipe Regente, futuro D. João VI.



Garcia (2000) aponta os marcos históricos do processo que culminou com a constituição sistematizada da Educação Profissional no Brasil:

- Com a fundação do Império em 1822 e com a Assembleia Constituinte de 1823 não houve nenhum progresso em relação ao ensino de ofícios, isto é, continuava a mesma mentalidade de destinar este ramo de ensino aos humildes, pobres e desvalidos.
- Em 1827, a Câmara aprovou o projeto da Comissão de Instrução que organizava o ensino público pela primeira vez no Brasil. Neste projeto, a instrução ficou dividida em quatro graus distintos, com o ensino de ofícios incluído na 3ª série das escolas primárias, e depois nos Liceus no estudo de desenho, necessário às artes e aos ofícios.
- Em 1834, mediante o ato adicional, ocorreu a descentralização do ensino, ficando sob a competência das Províncias o ensino primário e secundário, e do governo central o ensino superior.
- Por volta de 1852, foi exposta a ideia de fundar estabelecimentos de ensino de ofícios que não ponderasse o estado social dos alunos. Esta ideia representou reação formal à mentalidade dominante da época, porém não passou de um projeto.
- Em 1854, foi instituído o Decreto nº 1.331-A, de 01 de fevereiro de 1854, que reformava a instrução primária e secundária do Município Neutro, e que continha medidas para os menores abandonados, criando para eles asilos, local em que receberiam a instrução de 1º grau e posteriormente seriam enviados às oficinas públicas ou particulares para aprenderem um ofício.
- Em 1874, foram criadas dez escolas, sendo a uma delas estabelecido que deveria executar os artigos 62 e 63 do referido decreto. A escola era a Casa do Asilo, que um ano depois passou a se chamar Asilo dos Meninos Desvalidos do Rio de Janeiro.

Também, entre 1887 e 1900, foi construído o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, no Parque Luz, para ministrar gratuitamente ao povo os conhecimentos necessários às artes e aos ofícios, ao comércio, à lavoura e às indústrias. Essa instituição teve papel considerável na formação profissional: a pessoa que desejava aprender a trabalhar ia à noite ao Liceu. A maioria dos professores era de artesãos italianos, que dominavam os estilos europeus da moda, formando profissionais para trabalhar nas construções que se erguiam em ritmo acelerado na cidade de São Paulo, além de produzir mobiliários de madeira e estofados luxuosos (GUARALDO, 2008).

Consoante Moura, Garcia e Ramos (2007, p.10), a educação profissional no Brasil tem, portanto, origem na perspectiva assistencialista com o objetivo de “amparar os órfãos e os demais desvalidos da sorte”, ou seja, de atender àqueles que não tinham condições sociais satisfatórias, para que não continuassem a praticar ações que estavam na contra a ordem dos bons costumes.

Embora todos estes momentos históricos tenham sido essenciais no processo que culminaria na consolidação da educação profissional que hoje é apresentada, para Kunze (2009), a implantação da República foi, de fato, o primeiro período a determinar um olhar, ainda que insipiente, para a educação, visto que anteriormente a este regime, a constituição do ensino público se fizera sem espírito sistemático e sob acanhados moldes. Já na mensagem inaugural enviada ao Poder Legislativo do país, em 1890, o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca expressou claramente suas intenções com a educação ao apresentar a política de trabalho e objetivos. Deste modo, dentre os empreendimentos necessários à empreitada, a educação do povo republicano foi considerada como um dos mecanismos estratégicos na propagação dos novos princípios governamentais à cabeça e ao coração dos cidadãos de modo a contribuir para a legitimação do novo regime político.

O início do século XX trouxe uma novidade para a educação profissional do país quando houve esforço público de sua organização, modificando a preocupação mais nitidamente assistencialista de atendimento a menores abandonados e órfãos, para a da preparação de operários para o exercício profissional. Assim, em 1909, o Presidente Nilo Peçanha criou as Escolas de

Aprendizes Artífices, destinadas “aos pobres e humildes”, e instalou dezenove delas, em 1910, nas várias unidades da Federação (MOURA; GARCIA; RAMOS, 2007, p.11).

De forma sucinta, expõe-se a seguir a trajetória histórica de consolidação da educação profissional brasileira, conforme Wittaczik (2008), a partir deste ano até a década de 1990:

- **Ano 1909:** o Decreto-Lei nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, sancionado pelo então Presidente da República Nilo Peçanha, instituiu oficialmente a educação profissional brasileira que, vista como instrumento de capacitação ou adestramento para atender ao crescente desenvolvimento industrial e ao ciclo de urbanização, tinha caráter assistencialista em relação à massa trabalhadora. Ocorreu a criação de 19 Escolas de Aprendizes Artífices, difundidas com o intuito de preparar gerações vindouras para a continuidade dos ofícios, suprimindo, assim, o mercado produtivo, dominado pela burguesia emergente, formando profissionais advindos das camadas pobres da população. O ensino profissional foi delegado ao Ministério de Indústria e Comércio.
- **Ano 1910:** foram ofertados cursos de tornearia, mecânica e eletricidade, além das oficinas de carpintaria e artes decorativas ministradas nas 19 Escolas de Aprendizes Artífices.
- **Ano 1930:** ocorreu a instalação de escolas superiores para formação de recursos humanos necessários ao processo produtivo (início da Industrialização do Brasil). A partir da década de 1930, o ensino profissional se expandiu no Brasil, incluindo, em seu público-alvo, ricos e pobres.
- **Ano 1937:** a Constituição de 1937 fez menção às escolas vocacionais e pré-vocacionais como dever do Estado, a quem competia, com a colaboração das indústrias e dos sindicatos econômicos, criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários e associados.

- **Ano 1940:** amplitude de atendimento – criação das instituições responsáveis pela formação de mão de obra para os dois principais pilares da economia: a Indústria e o Comércio. Surgimento do chamado Sistema S (As escolas do Sistema S eram financiadas e geridas pelos empresários por via de recolhimento de 1% sobre a folha de salários e fiscalizadas pelo Poder Público; representantes dos governos federais e estaduais fazem parte de todos os conselhos deliberativos, e o Tribunal de Contas da União examina a aplicação dos recursos de todo o Sistema S; o modelo do Sistema S espalhou-se rapidamente por toda a América Latina).
- **Ano 1942:** criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI (S pioneiro). Criação da Lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Secundário.
- **Ano 1943:** criação da Lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Comercial.
- **Ano 1946:** criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), do Serviço Social do Comércio (SESC) e Serviço Social da Indústria (SESI). Criação da Lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Primário, Normal e Agrícola.
- **Ano 1990:** criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), do Serviço Nacional do Transporte (SENAT), do Serviço Nacional de Apoio ao Cooperativismo (SESCOOP) e do Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (SEBRAE).

É relevante enfatizar, também, de acordo com Moura, Garcia e Ramos (2007), uma fase de grande efervescência política em torno das questões educacionais. Este período diz respeito aos anos que antecederam a vigência da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN. O projeto de Lei começou a tramitar no Congresso Nacional em 1948, portanto na fase de redemocratização do país pós Estado Novo, entretanto a Lei nº 4.024 (a primeira LDBEN) somente entrou em vigor em 1961.

A criação desta primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional possibilitou a articulação completa entre o hoje ensino médio e a educação profissional. Isto permitiu ao egresso dessa educação o acesso ao ensino superior. Também, a partir da promulgação da Lei nº 5.692/71, a educação profissional passou a fazer parte da preocupação nacional e o caráter de agenda de governo, dessa modalidade, é substituído pelo de política de estado (CONCIANI; FIGUEIREDO, 2009).

Assim, na década de 1970, sob o governo militar, houve profunda reforma da educação básica promovida pela Lei nº 5.692/71 – também chamada de Lei da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus, a qual se constituiu em uma tentativa de estruturar a educação de nível médio brasileiro como sendo profissionalizante para todos. As mudanças concentraram-se na educação de grau primário e de grau médio, mais especificamente nos cursos que até então se denominavam primário, ginásial e colegial, os quais foram transformados em 1º grau e 2º grau, sendo que o 1º grau agrupou o primário e o ginásial e o 2º grau absorveu o colegial. Aspecto extremamente relevante, e, ao mesmo tempo, polêmico, foi o caráter de profissionalização obrigatória do ensino de 2º grau. Uma conjugação de fatores produziu essa compulsoriedade. Entre eles estava a existência de um governo autoritário com elevados índices de aceitação popular, evidentemente interessado em manter-se dessa forma. Para isso era necessário fornecer respostas à crescente demanda das classes populares por acesso a níveis mais elevados de escolarização, o que acarretava forte pressão pelo aumento de vagas no ensino superior (MOURA; GARCIA; RAMOS, 2007).

Os autores supracitados ainda complementam que, de forma incoerente com o discurso, ao invés de se ampliar a duração do 2º grau para incluir os conteúdos da formação profissional de forma integrada aos conhecimentos das ciências, das letras e das artes, o que houve foi a redução dos últimos em favor dos primeiros, os quais assumiram caráter instrumental e de baixa complexidade. E isto não ocorreu por acaso, pois fazia parte da própria concepção de desenvolvimento do país e da reforma educacional em questão. Diante desse quadro, observou-se acentuado movimento dos filhos da classe média das escolas públicas para as privadas na busca por garantir uma formação que lhes permitisse continuar os estudos no nível superior. Esse movimento alimentou o processo de desvalorização

da escola pública estadual e municipal, pois foi e continua sendo a classe média que tem algum poder de pressão junto às esferas de governo.

Nesse processo, diante de tantos problemas, em 1982 (depois de dez anos da vigência legal), a profissionalização compulsória deixou de existir, com criação da Lei 7.044 que reformulou a Lei 5.692. A preocupação central do ensino passou a ser, a partir desse momento, preparar o aluno para o trabalho de forma genérica e não mais qualificá-lo para o exercício profissional no mercado de trabalho. Poucos anos depois, e já muito tardiamente, a educação passou a ser direito de todos e dever do Estado e da família, com a aprovação da Constituição de 1988. Foi estabelecido que a educação deveria ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (GUARALDO, 2008).

Conciani e Figueiredo (2009), de forma resumida, apresentam o processo histórico da educação profissional brasileira até a década de 1990 dividida em quatro fases: a primeira fase, segundo os autores, primou pelo aprender a fazer, tendo sido iniciada com a presença do europeu com conhecimentos “mais sistemáticos” no período do Império Brasileiro, resultado do esforço dos Liceus de Artes e Ofícios; a segunda fase inaugurou a rede de educação profissional com a criação de 19 escolas no território nacional, em 1909, pelo Presidente Nilo Peçanha; a terceira fase da educação profissional brasileira aconteceu com a Reforma Capanema, em 1942, admitindo-se o segundo ciclo equivalente ao Ensino Médio, porém sem acesso ao Ensino Superior (a partir da Reforma Capanema a educação profissional passou de mera modalidade alternativa de formação para os trabalhadores para inserir-se no esforço nacional de industrialização pela substituição de importação, com a criação do sistema S); a quarta fase veio com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996, a LDBEN/96, em um contexto de reestruturação produtiva global que atingiu a América Latina e, em especial, o Brasil (a LDBEN/96 apresenta um capítulo dedicado à educação profissional).

Dessa forma, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394) e, no ano seguinte, o Decreto Federal nº 2.208/97 instituíram as bases para a

reforma do ensino profissionalizante. Esta Reforma foi implantada dentro do ideário de Estado Mínimo, com fortes reflexos nas escolas federais de educação profissional do país, que vinham debatendo e articulando outro projeto de formação profissional, orientado por uma formação profissional politécnica. O Decreto nº 2.208/97 configurou uma proposta que separava a formação acadêmica da Educação Profissional, aproximando-se muito mais dos interesses imediatistas dos empresários e das recomendações dos órgãos internacionais do que das perspectivas democratizantes inerentes aos projetos defendidos pelas entidades da sociedade civil (SOBRAL, 2009).

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, afirma o propósito de estender ao poder público a obrigatoriedade de oferta de Ensino Médio, na qualidade de um direito do cidadão. Nos artigos 39 a 42, a educação profissional é concebida como “[...] integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia [...]”, de modo a conduzir “[...] ao permanente desenvolvimento para a vida produtiva” (BRASIL, 1996b, p. 67). No que se refere à organização curricular, a LDBEN traz diretrizes para que as ofertas educacionais estejam em consonância com a economia mundial (WITTACZIK, 2008).

Posteriormente, no início de 1998, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) apresentou a proposta do Plano Nacional de Educação. Este documento do MEC, quando se refere à Educação Profissional, inicia tratando-a como educação tecnológica e formação profissional. A distinção ocorre da seguinte forma: a educação tecnológica oferecida pelas Escolas Técnicas e a Formação profissional como requalificação para o mercado de trabalho. Trata da formação profissional como a preparação dos jovens para o mercado de trabalho e dos adultos como readaptação ao mercado. Enfatiza que não há informações precisas no Brasil sobre oferta de formação para o trabalho, pois são vários os programas oferecidos. Somente pelo governo são oferecidos pelo Ministério da Educação e também pelo Ministério do Trabalho (GARCIA, 2000).

Em 2003, com o Governo Federal, foram editadas novas medidas para a educação profissional. Ocorreu a substituição do Decreto nº 2.208/97 pelo Decreto 5.154/04 que eliminava determinadas amarras estabelecidas por aquele. A discussão de se construir um projeto politécnico de formação profissional foi

retomada. A formação profissional orientada, exclusivamente, para o mercado de trabalho foi revista e o conceito de qualidade social passou a integrar novos projetos de curso. Portanto, foi iniciada, em 2006, a expansão das escolas federais de educação profissional e tecnológica inclusive em municípios interioranos distantes dos centros urbanos, objetivando sintonia com os arranjos produtivos sociais e culturais locais (SOBRAL, 2009).

Ainda mais recentemente, algumas iniciativas governamentais têm potencializado a ampliação da oferta do ensino médio integrado nas instituições públicas de educação, buscando contribuir para uma efetiva (re) construção de uma identidade própria e, ao mesmo tempo, significativa, para a vida de seus grupos destinatários. Uma delas é o Projeto de Lei nº 919/2007, enviado pelo Executivo ao Congresso Nacional, cujo objetivo é incorporar à LDBEN os conteúdos dos Decretos nº 5.154/2004 e nº 5.840/2006, que tratam, dentre outros temas, do ensino médio integrado, tanto para os adolescentes recém-concluintes do ensino fundamental e que ingressam no ensino médio, como para o público da educação de jovens e adultos (MOURA; GARCIA; RAMOS, 2007).

Outra iniciativa foi a aprovação da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criando os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Através desta Lei foi determinada que esta rede federal de educação, vinculada ao Ministério da Educação, fosse constituída pelas seguintes instituições: Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - Institutos Federais; Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR; Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET-RJ e de Minas Gerais - CEFET-MG; Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais (entre elas o Colégio Agrícola de Bom Jesus-PI, campo desta pesquisa). No artigo 4º, foi estabelecido que estas Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais são estabelecimentos de ensino pertencentes à estrutura organizacional das universidades federais, dedicando-se, precipuamente, à oferta de formação profissional técnica de nível médio, em suas respectivas áreas de atuação (BRASIL, 2008b).

Determinada, historicamente, e, apesar dos necessários ajustamentos, a escola de formação profissional, que contempla o ensino médio e a formação



técnica de adolescentes e jovens, apresenta-se, portanto, como uma possibilidade para um preparo profissional adequado, objetivando a inserção destes indivíduos no mercado de trabalho. Para Guaraldo (2008), como finalização da educação básica, o ensino médio, integrado ao ensino profissionalizante ou não, deve oferecer sólida formação geral aos estudantes no sentido de instrumentalizá-los para a compreensão crítica das relações entre educação, trabalho e cidadania. Para isso, o currículo do ensino médio deve contribuir efetivamente para formação da humanidade dos adolescentes, jovens adultos e adultos que o frequentam, trazendo significado à vida e ao trabalho humano, tendo em vista o bem comum.

### **3.3 O adolescente e o processo de escolha profissional**

Para entender de que forma processa-se esta interconexão entre o adolecer e a decisão da carreira profissional a ser seguida (temática escolhida pelos participantes do estudo para ser trabalhada na proposta de intervenção), é importante que se compreendam as nuances que envolvem os dois polos de discussão. Para isso, realizou-se revisão de literatura atualizada, em bases de dados e bibliotecas, buscando informações referentes aos temas nas mais variadas fontes de informação, incluindo livros, dissertações, teses e, em especial, artigos científicos. Muito já foi pesquisado sobre o momento da escolha profissional que, em virtude da faixa etária em que geralmente ocorre, não pode ser dissociada da fase da adolescência. Entretanto, em geral, as áreas que mais realizam estudos a este respeito são a psicologia e a psicanálise, o que aponta uma lacuna a ser preenchida, visto que não apenas estas áreas devem se preocupar em abordar esta questão, mas todos os profissionais que, de algum modo, convivem e trabalham com estes jovens.

Fonseca (2009), em abordagem a diversos autores, ressalta que a adolescência é compreendida como um momento de um processo e, como tal, em construção, que pode ser diferente do que está sendo para o próprio adolescente e a sociedade. Desta forma, é entendido como não natural, não universal, mas produto do que se viveu, de sua história enquanto sujeito pertencente a um grupo social, a uma cultura, da qual recebe influência e sobre a qual age dialeticamente;

não desenvolvimentista, pois cada sujeito o vivenciará de uma maneira, dependendo de suas interações sociais, do desenvolvimento de seus interesses, de suas necessidades e da significação que as mudanças biológicas têm ou tiveram; e não patológico, no sentido de que não vivenciar as mesmas coisas que outro adolescente – por exemplo, a chamada crise da adolescência – não é patológico, podendo ser saudável, possibilitando que cada um seja sujeito de sua própria história, capaz de fazer suas escolhas dentro de suas possibilidades objetivas e subjetivas, desenvolvendo autoconsciência e autonomia diante do contexto.

Além de ser um processo individual e único na vida de cada ser humano, Sparta e Gomes (2005) afirmam que a adolescência é uma fase da vida caracterizada por uma série de mudanças, não apenas fisiológicas, cognitivas e psicológicas, como também em relação aos papéis sociais a serem assumidos pelo indivíduo. Bock (2004) assinala que, para a compreensão da adolescência, é importante apontar as diferenças nos modos de inserção social entre grupos de classes sociais distintos. Neste sentido, a adolescência é pensada como fato social, que surge nas relações sociais e na vida concreta dos homens, apresentando também repercussões psicológicas em que são construídos significados sociais aos acontecimentos. Assim, a sociedade registra e atribui significado ao fato social da adolescência, passando a reconhecê-la como fase natural do desenvolvimento humano. Os jovens, por sua vez, passam a seguir as referências que lhes foram atribuídas na constituição da própria identidade.

Lara *et al.* (2005), citando Aberastury e Knobel (1992) e Enderle (1988), ressaltam que a adolescência é o estágio intermediário do desenvolvimento, que se encontra entre a infância e a fase adulta. Durante esse período, o jovem permanece em um estado de desequilíbrio, uma vez que seus antigos padrões de comportamentos já não funcionam muito bem e os novos, ainda, não estão estabelecidos. Há, também, mudanças corporais que são universais, com algumas variações, enquanto que as mudanças psicológicas e de relações variam de cultura para cultura, de grupo para grupo e até entre indivíduos de um mesmo grupo.

Locatelli, Bzuneck e Guimarães (2007) corroboram que na adolescência, etapa caracterizada por diversas transformações que marcam a transição entre a meninice e a idade adulta, a pessoa se torna capaz de estabelecer de modo

realístico um projeto de vida, o que é ao mesmo tempo uma tarefa determinada socioculturalmente. Espera-se que, ao menos pelo final desse período e como ingrediente da formação de sua identidade pessoal, os indivíduos se tenham decidido sobre o próprio futuro, particularmente em termos profissionais.

Esse momento de decisão, que coincide com o período em que o indivíduo passa por um processo evolutivo, no qual ocorre tanto a desestruturação como a reorganização da identidade (o *adolescere*), é marcado pelas instabilidades tão frequentes desta fase. Portanto, para abordar a escolha profissional, é preciso que se considerem também os aspectos particulares da adolescência (TEIXEIRA; HASHIMOTO, 2005).

De acordo com Primi *et al.* (2000), o processo de escolha profissional é um momento de importância significativa para o adolescente e, como não poderia deixar de ser, frequentemente, é repleto de dificuldades e conflitos. Pela leitura dos inúmeros relatórios de pesquisa transformados em artigos, perceberam-se, como propõe o autor, que independente das diferenças que envolvem cada grupo estudado (gênero, classe social, estudantes de escola pública ou particular, entre outras) e da intensidade que ocorrem estas dificuldades e conflitos, os anseios e as inquietações estão sempre presentes, ainda que de forma velada.

Lara *et al.* (2005) destacam que o adolescente, tendo de vivenciar mudanças pertinentes ao período da adolescência e, ainda, tendo de definir um caminho profissional a seguir, pode encontrar dificuldades, uma vez que a decisão implica uma escolha para definir o futuro, uma maneira de sobreviver – é a etapa do profissionalismo a ser vencida pela passagem da adolescência para a vida adulta. A escolha profissional está diretamente ligada à felicidade do indivíduo, uma vez que a pessoa irá passar a metade, ou mais, de seu dia, dedicando-se ao seu trabalho, além do que, é este ambiente um contexto rico em relações sociais. E é por meio das relações que o homem sobrevive; é na interação com o ambiente e com o próximo que o sujeito poderá estabelecer o seu estilo de vida, ou seja, é o trabalho que torna exequível seu reconhecimento na sociedade.

Como objetivo entender o que de fato pode predispor ao jovem optar por esta ou por aquela carreira profissional, observou-se concordância entre os autores

quanto à diversidade de fatores que podem influenciar os adolescentes no processo de escolha profissional. Entre estes autores, Soares (2002) divide os fatores determinantes nas escolhas profissionais em:

- **Fatores Políticos:** referem-se, especialmente, à política governamental e ao posicionamento frente à educação, em especial no ensino médio, pós-médio, ensino profissionalizante e à universidade.
- **Fatores Sociais:** dizem respeito à divisão da sociedade em classes sociais, à busca da ascensão social através do estudo (curso superior), à influência da sociedade na família e aos efeitos da globalização na cultura e na família.
- **Fatores Educacionais:** compreendem o sistema de ensino brasileiro, o pouco investimento do poder público na educação, a necessidade e os prejuízos do vestibular e a questão da universidade pública e privada de uma forma mais geral.
- **Fatores Familiares:** colocam a família como parte importante no processo de impregnação da ideologia vigente. A busca pela realização das expectativas familiares em detrimento dos interesses pessoais influencia na decisão e na fabricação dos diferentes papéis profissionais.
- **Fatores Psicológicos:** dizem respeito aos interesses, às motivações, habilidades e competências pessoais, à compreensão e conscientização dos fatores determinantes versus a desinformação à qual o indivíduo está submetido.
- **Fatores Econômicos:** referem-se ao mercado de trabalho, à globalização e informatização das profissões, falta de oportunidades, ao desemprego, à dificuldade de tornar-se “empregável”, à ausência de planejamento econômico, à queda do poder aquisitivo da classe média e a todas as consequências do sistema capitalista, no qual vivemos. A clarificação dos componentes atribuídos ao dinheiro em uma determinada população poderia ser proveitosa para melhor entendimento de certas influências econômicas e psicológicas presentes na escolha profissional. A profissão escolhida será a responsável por prover o sustento e pela obtenção de recursos que

possibilitarão a realização de outros interesses e, por isso, a relação que cada sujeito estabelece com o dinheiro exerce um papel importante na escolha profissional. Estudar o processo de escolha profissional sem considerar o aspecto financeiro envolvido é analisar a questão parcialmente.

### **3.4 As contribuições de Paulo Freire na pesquisa-ação**

A opção pela utilização dos métodos da pesquisa-ação neste estudo surgiu como possibilidade de realizar um tipo de investigação que produzisse conhecimento e ao mesmo tempo apresentasse contribuições significativas para a vida de todos os implicados, em especial, os adolescentes que se apresentavam tão desejosos por modificações. Importava não apenas coletar dados, discutir achados e concluir os resultados da pesquisa, mas realizar um processo de educação reflexiva e de fato transformadora, da situação que era apresentada, com os principais envolvidos.

Nessa perspectiva, durante a busca de referenciais, deparou-se com os pensamentos de Paulo Freire, ainda desconhecido, visto que mesmo que se apreciassem algumas de suas obras, ainda não haviam sido analisadas sob o olhar da pesquisa. As leituras de suas produções e o encontro com os trabalhos de Bueno (2001) e Pereira (2007) fomentaram a aspiração de empregar os pressupostos e as considerações destas autoras nesta pesquisa. Há muito tempo, o autor, que teria sua formação original na educação, era utilizado por diversas áreas do conhecimento, inclusive na enfermagem – Moizés e Bueno (2010), Moretti-Pires e Bueno (2009), Miranda e Barroso (2007), Miranda e Barroso (2004), Cardoso e Cocco (2003).

Pela perspectiva dialógica e das estratégias baseadas na reflexão-ação, a fundamentação freireana se mostrou coerente para a proposta desta pesquisa. Silva e Araújo (2005) apontam que Paulo Freire possui uma produção acadêmica e literária muito vasta e com a realização de uma pesquisa exploratória com os especialistas do Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, os autores identificaram as inúmeras obras em que Freire explicita e sistematiza o conceito de reflexão. As obras identificadas foram: *A educação na cidade* (FREIRE, 1991); *Cartas à Guiné-*

Bissau: registros de uma experiência em processo (FREIRE, 1978); Educação como prática para liberdade (FREIRE, 1989); Educação e mudança (FREIRE, 1984); Medo e ousadia (FREIRE, 1986); Pedagogia da autonomia (FREIRE, 2001); Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2002); Política e educação (FREIRE, 1997); Que fazer: teoria e prática em educação popular (FREIRE, 1993).

Conforme Miranda e Barroso (2004), Paulo Freire, através de suas obras, insere em seus questionamentos uma educação multicultural, ética, libertadora e transformadora. Em suas reflexões, demonstra cuidados com a educação, propondo a humanização das relações e a libertação dos homens, tema central discutido no livro *Pedagogia do Oprimido*, escrito em 1968. Freire também falava da educação para uma sociedade que pensa, ouve, sente, se veste de forma diferente. Ele mostrava a educação solidária, dialogada, sem arrogância e supremacia do educador, defendendo a articulação do saber, conhecimento, vivência, comunidade, escola, meio ambiente, traduzindo-se um trabalho coletivo. Propõe a possibilidade de uma pedagogia fundamentada na práxis, inserida numa política de esperança, de luta revolucionária, de amor e de fé no ser humano.

De acordo com Ferreira (2010), o método de Paulo Freire foi inicialmente utilizado na educação de jovens e adultos, contudo ultrapassou os aspectos da pedagogia para a dimensão de vivência no mundo e com o mundo. Para Miranda e Barroso (2004), no caso particular da enfermagem, alguns conceitos de Paulo Freire são úteis para o desenvolvimento das atividades de educação em saúde numa perspectiva transformadora do indivíduo, tais como: liberdade, humanização, conscientização, diálogo, cultura, reflexão crítica, ética e problematização.

Então, para que fosse possível articular ações de educação em saúde, foi imprescindível a compreensão de que não se reuniam com adolescentes para ensinar conceitos e teorias da adolescência, de saúde e dos processos de escolha e formação profissional, mas, junto com aqueles sujeitos aprender. Dessa forma, corrobora-se Silveira *et al.* (2005) quando afirma que a proposta pedagógica de Freire apresenta elementos para a busca da superação das condições vigentes, em uma concepção mais ampla e mais progressista: a da educação como ato político. Proporciona aos sujeitos a possibilidade de desvelar a realidade e buscar melhores

condições de vida, mais cidadania, com um criticismo apurado, voltado para o benefício comum.

Para Costa e Vieira (2009), as ideias-forças de Paulo Freire incorporam-se às práticas de Educação em Saúde no momento em que corpo e consciência crítica fundem-se para melhoria da saúde e qualidade de vida dos indivíduos. Pois, segundo Bueno (2001), não basta, simplesmente oferecer informações, pois está informado não significa, necessariamente, conhecer; estar ciente não significa, necessariamente, tomar medidas; decidir a tomar medidas não significa, necessariamente, fazer.

Ademais, conforme refere Silveira *et al.* (2005), Freire defende uma proposta de mudança no processo educacional, voltada aos interesses da classe dominada, isto é, para a maioria da população brasileira, visando a sua emancipação por meio de uma transformação social. O autor não propõe uma teoria pronta e acabada, mas conceitos a serem relacionados com a prática, dentre eles destacam-se: homem, diálogo, educação, problematização e conscientização. Essa proposta requer uma postura de ida e volta, das partes ao todo e do todo às partes, propiciando percepções cada vez mais críticas da situação codificada, do concreto; percepções significativas da realidade dos educandos, permitindo-lhes reconhecer a interação possível entre as partes e o desenvolvimento da sua consciência crítica.

Estes conceitos aproximam-se da proposta do método pesquisa-ação, referido por Thiollent (2009) como um tipo de pesquisa caracterizada pela participação das pessoas implicadas nos problemas pesquisados e uma ação destinada a resolver o problema em questão. As concepções de Freire, por sua vez, ainda, instituem a reflexão como um dos elementos essenciais no processo de transformação do problema.

Assim, tomando como marco teórico de referência os pressupostos de Paulo Freire, este trabalho partiu de um olhar crítico-social da abordagem da escola dos aspectos da adolescência, da saúde e do processo de escolha/formação profissional, valorizando o contexto histórico-político e crítico-social, a problematização, a amorosidade, o diálogo bem como a articulação da teoria com a prática (MORETTI-PIRES; BUENO, 2009).

## ***METODOLOGIA***

---



## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Natureza do estudo e abordagem**

Realizou-se pesquisa de natureza qualitativa, tendo como método a pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2009), esta é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Optou-se pelo modelo de desenvolvimento da pesquisa-ação voltada para a educação problematizadora, libertadora ou conscientizadora, que vislumbra o desenvolvimento do homem integral, tornando-o agente de sua transformação (BUENO, 2001). Logo, a pesquisa permitiu identificar situações problemas com os sujeitos pesquisados, buscando, através das intervenções educativas, refletir e desenvolver habilidades que favorecessem a escolha profissional – temática sugerida pelos adolescentes.

A metodologia possibilitou às pesquisadoras um contexto ensino-aprendizagem favorável para que as pessoas implicadas (em especial os adolescentes/estudantes) tivessem algo a “dizer” e a “fazer”. Não se tratou, portanto, conforme propõe Thiollent (2009) de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados, mas da pretensão de realizar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

### **4.2 Cenário da pesquisa**

Desenvolveu-se a investigação no Colégio Agrícola do município de Bom Jesus, localizado na região Sudoeste do estado do Piauí, a 635 km de Teresina, sendo que sua população estimada em 2010 de 22.629 habitantes (IBGE, 2010).

O Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ) é uma unidade de ensino da Universidade Federal do Piauí (UFPI), criado através da Resolução do Conselho Universitário (CONSUN) nº 02/81. Em 21 de março de 1982, teve início a primeira turma do Curso Técnico em Agropecuária. Esta iniciativa da UFPI tinha por finalidade formar técnicos agrícolas habilitados para o exercício dessa profissão, possibilitando, assim, o retorno dos jovens às suas cidades de origem para atuarem como agentes propulsores do desenvolvimento sustentável da região (UFPI, 2011).

Em 1986, foi construída a primeira sede, na Vila Stela, em uma área de 22,5 hectares, em que se desenvolvem, hoje, atividades de campo como bovinocultura, apicultura, forragicultura e outras. Em 1993, foi adquirida outra área, Planalto Horizonte, em que, atualmente, são desenvolvidas as atividades de ensino e outras atividades de campo como caprinocultura, suinocultura, avicultura, holericultura, entre outras (UFPI, 2011).

No ano de 2006, teve início um projeto de expansão do CABJ, financiado pelo Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP), realizando a melhoria e a expansão da estrutura física desta unidade de ensino, bem como a oferta de novos cursos técnicos: Informática e Enfermagem (UFPI, 2011). Atualmente, o CABJ conta com três cursos técnicos e um quadro de 32 professores (sendo 25 efetivos e 07 substitutos). Este local foi escolhido para o desenvolvimento do estudo por ser uma instituição de ensino médio profissionalizante (sendo sua população de alunos formada, em sua maior parte, por adolescentes) e por fazer parte do cotidiano da pesquisadora, visto que a mesma desempenhava funções de docente da referida instituição.

### **4.3 Sujeito do estudo e amostragem**

O Colégio Agrícola de Bom Jesus, no período da coleta de dados, de maio a junho de 2010, possuía um quantitativo de 378 alunos divididos nos três cursos técnicos e que cursavam, concomitantemente, o segundo e terceiro ano do ensino médio, com aulas no período da manhã e período da tarde. A faixa etária dos estudantes encontrava-se no intervalo de 14 a 20 anos. Nesta pesquisa, seguiu-se o conceito de adolescente conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), que

delimita a adolescência como a segunda década de vida (dos 10 anos aos 19 anos, 11 meses e 29 dias).

A população do estudo incluiu os adolescentes que cursavam o 2º ano do ensino médio, concomitantemente ao 1º ano do Curso Técnico em Agropecuária, Enfermagem ou Informática, perfazendo um total de 88 estudantes. O processo de seleção dos participantes da pesquisa envolveu duas etapas: inicialmente, convidaram-se os alunos matriculados no 2º ano do ensino médio (88 estudantes) a participarem de um encontro no qual responderiam a um questionário (APÊNDICE A) que continha aspectos envolvendo adolescência, saúde e escola; de forma voluntária e consentida junto aos seus responsáveis, estiveram presentes neste momento 68 adolescentes. O referido instrumento possibilitou o planejamento prévio e a delimitação da proposta interventiva. Posteriormente, expuseram-se aos discentes que participaram do primeiro momento os achados preliminares e as temáticas que haviam sido solicitadas pela maior parte dos estudantes, sendo formado um grupo de nove adolescentes que aceitaram participar da pesquisa em momentos individuais e coletivos, por meio de dinâmicas e oficinas.

A seleção dos partícipes da segunda etapa ocorreu de forma apropriada quando diante da determinação da temática indicada (escolha / formação profissional) e do estabelecimento do horário de realização dos encontros (18h00min às 19h00min), somente nove adolescentes mostraram-se disponíveis. Vale ressaltar que na realização de cada etapa, observaram-se a representatividade dos sujeitos e os procedimentos éticos na condução da investigação.

#### **4.4 Técnicas e procedimentos de coleta de informações**

Utilizaram-se os referenciais teórico-metodológicos da Educação como Prática para Liberdade, preconizados por Paulo Freire (1994), e como técnicas a observação assistemática (com registro no instrumento diário de campo) e a aplicação de dois questionários que nortearam etapas da pesquisa em momentos distintos: o primeiro (APÊNDICE A) utilizado para uma abordagem inicial do grupo de adolescentes com os quais pretendia-se trabalhar e para uma investigação das temáticas de interesse dos participantes; e o segundo instrumento (APÊNDICE B)

utilizado já no desenvolvimento do Programa Educativo (PE), visando a elucidar questões relativas ao objeto da pesquisa e com isto colaborar com o planejamento de estratégias que seriam utilizadas na proposta interventiva.

É importante ressaltar que nesta proposta de investigação, balizada no método da pesquisa-ação, não existe monopolização na construção (procedimentos de coleta) dos resultados pelos pesquisadores, muitas vezes habituados apenas a executar perguntas e recolher as respostas dos “investigados”. Neste sentido, teve-se sempre como foco que os participantes não fossem considerados apenas como membros informantes, ou seja, procurou-se articular as etapas da pesquisa de modo que eles também desempenhassem função interrogativa, com a possibilidade de realizar perguntas e elucidar os assuntos coletivamente inquiridos (THIOLLENT, 2009).

A observação, neste estudo, também adquiriu aspecto de questionamento. Acordo em consonância com Marconi e Lakatos (2009), a técnica da observação não estruturada ou assistemática consiste em recolher e registrar fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. É mais empregada em estudos exploratórios e não tem planejamento e controle previamente elaborados.

No que diz respeito ao instrumento diário de campo, este foi essencial tanto no processo de coleta/construção dos dados como no momento de sua organização e análise. Utilizou-se este recurso para realizar anotações relativas às observações feitas durante o desenvolvimento de dinâmicas e oficinas, tanto do ponto de vista da comunicação verbal (temas importantes levantados que necessitavam de uma maior instigação, no momento ou posteriormente) como no registro da comunicação não verbal (anotando expressões faciais e corporais que enfatizavam ou ofereciam indícios de emoções sobre aquilo que estava sendo discutido verbalmente).

Propôs-se, também, a todos os adolescentes a realizarem registros escritos. Informaram-lhes que em determinado local da sala haveria folhas coloridas e canetas para que, em qualquer ocasião da atividade que estava sendo desenvolvida, anotassem o que estavam sentindo sobre aquele momento

vivenciado. Enfatizou-se aos participantes o caráter anônimo de seus comentários e que eles poderiam registrar tudo o quisessem: palavras soltas, frases, questionamentos, sugestões e avaliações dos encontros, além de construir desenhos e rabiscos. A cada novo encontro, antes de iniciá-lo, lia-se o que estava escrito nestes papéis e promovia-se breve discussão.

Polit e Hungler (2004) incluem a dimensão de cunho mais interpretativo das anotações em diários de campo, considerando que durante a observação de um fato, o pesquisador já poderia registrar algumas análises sobre o acontecimento. Para Silveira e Axt (2008), quando se produz uma escrita diária, com o objetivo de construção de conhecimento científico, refere-se, então, ao diário de campo ou de pesquisa. O objetivo desta forma de diário, que acontece em torno de uma investigação, é a realização de registros, pelo pesquisador, de hipóteses e achados.

As oficinas do PE foram conduzidas pelas pesquisadoras com a colaboração de monitoras (duas bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Ensino Médio – PIBIC-EM – da UFPI), outras duas colaboradoras (uma professora do curso técnico em enfermagem do CABJ e uma professora pedagoga do curso de Biologia da UFPI de Bom Jesus-PI) e os próprios estudantes, sujeitos do estudo. O desenvolvimento das oficinas subsidiou o diagnóstico do problema e a construção de conhecimentos sobre os adolescentes e, finalmente, da proposta, com base na discussão coletiva.

Conforme Priotto (2008), o que define a ação de uma oficina é sua proposta de aprendizagem compartilhada. Isso que parece simples implica alguns requisitos básicos: é uma atividade grupal, face a face, cujo objetivo de elaboração coletiva de conhecimentos, para ser atingido, exige particular atuação do orientador, facilitador, ou pessoa responsável. O número ideal nas oficinas dependerá dos objetivos propostos e da dinâmica de grupo a ser realizado, sendo o mais adequado um número de, no máximo, 25 pessoas, pois grupos maiores dificultam a aproximação do educador (orientador), assim como perceber possíveis ansiedades e/ou dúvidas dos adolescentes.

No que concerne ao Programa Educativo (PE), este foi o embasamento para a realização das atividades educativas, momento em que se desenvolveram

planos de ensino relativos aos temas geradores e avaliação do processo. Estes planos, que resultaram no Programa Educativo, considerando os temas propostos, foram implementados, iniciando-se com as situações-problemas codificadas para, em seguida, serem decodificadas pelos sujeitos pesquisados/educandos e pesquisador/educador. O debate em torno delas propiciou ao grupo a reflexão.

Desenvolveram-se, dessa forma, atividades, das quais foi possível a adaptação dos planos para abordagem de oficinas pedagógicas ou textos e recortes, estimulando a busca pela reflexão e construção do conhecimento e das habilidades. A avaliação do processo foi realizada por meio da leitura dos registros dos adolescentes, da satisfação com as estratégias referidas nos discursos e na última etapa do Programa Educativo por meio das respostas a questionamentos.

#### **4.5 Organização e análise das discussões das informações**

Para elaboração dos resultados, em um primeiro momento, foram compiladas as informações colhidas previamente no planejamento dos encontros. A organização das informações apreendidas seguiu as temáticas sugeridas pelos participantes e na análise foram interpretados os significados que os adolescentes elaboraram em suas experiências sobre a formação profissional e as nuances relativas à adolescência e à saúde. Finalmente, foram organizadas as ações e intervenções que foram desenvolvidas com os adolescentes, embasados nos constructos coletivos.

A opção pela aplicação da proposta emancipatória de Paulo Freire (1994), na construção do processo reflexivo/educativo, seguiu a orientação de Bueno (2001). Conforme a autora, este é um método ativo, dialogal e crítico, que busca conhecer como os pesquisados pensam a realidade, de modo que, ao tomar consciência, sejam criadores de cultura, verdadeiramente agentes transformadores da realidade.

**Diretrizes metodológicas, conforme Freire (1994), adaptado por Bueno (2001)**

- *Levantamento do universo temático*: fase que foi destinada à descrição e interpretação das situações vivenciadas pelos adolescentes, identificando-lhes os conhecimentos prévios, as habilidades e necessidades de aprendizagem. A organização da análise do universo temático adotou as seguintes fases: levantamento dos temas geradores; organização do material de coleta de dados; seleção e codificação de palavras e frases registradas ou emitidas; síntese das palavras e frases selecionadas e, ordem dos temas geradores.
- *Levantamento dos temas geradores*: esta fase culminou com a busca de resultados pertinentes para os educadores/pesquisadores, não somente pelas relações que travavam, como também pela busca da temática do pensamento dos adolescentes, que se encontra somente no meio deles. Visou buscar, portanto, temas significativos, com os participantes deste processo, ponto de partida da educação libertadora.
- *Organização do material da coleta dos dados*: neste momento, o conteúdo registrado foi resultado da emissão dos significados e do pensamento dos educandos, captados através da aplicação de um instrumento (no caso, o Questionário 1 – APÊNDICE A), possibilitando a seleção dos assuntos centrais, consoante sugerido por Freire (1994). Processou-se, então, a leitura minuciosa de todas as observações e respostas emitidas pelos sujeitos pesquisados. Foi nesta fase que se realizou um recorte do texto, selecionando palavras e frases que apareciam com maior frequência ou ênfase pelos participantes do estudo e possíveis de serem trabalhadas na atividade educativa. Nesta etapa, foi possível juntar o pensamento para depois reunir os pesquisados com elementos em comum (BUENO, 2001).
- *Seleção e codificação de palavras e frases registradas/emitidas*: foram selecionadas em ordem definida, algumas palavras e/ou frases que podiam ser agrupadas pela riqueza temática, codificando-se os temas geradores (Adolescência e Saúde; Escolha/Formação Profissional).

- *Sínteses das palavras e frases selecionadas*: selecionados e codificados os temas geradores, agruparam-se todas as palavras e frases relacionadas ao tema gerador, reunindo grandes temas.
- *Ordem dos temas geradores*: foram ordenados os temas geradores, pedagogicamente, em uma sequência lógica, no planejamento e na execução das atividades educativas estabelecidas.

Os resultados foram apresentados em quadros, nos quais os adolescentes participantes foram codificados através da letra A, seguido do número arábico que identificava a ordem de numeração dos instrumentos na coleta de dados. Abaixo dos quadros, agruparam-se os resultados, por meio da etapa de seleção e codificação de palavras e frases registradas, aproximando as falas que se relacionavam, para em seguida proceder à interpretação e discussão dos achados, os quais foram fundamentados com a literatura pertinente.

- *Desenvolvimento das atividades educativas na pesquisa-ação*: para a realização de atividades educativas, tendo por base a pesquisa-ação, elaboraram planos de ensino relativos aos temas geradores, desenvolveu-se a educação e avaliou-se o processo:
- *Planos de ensino relativos aos temas geradores*: foi elaborado o planejamento de ensino, considerando cada tema gerador apresentado (Adolescência e Saúde; Escolha/Formação Profissional). Este plano, que resultou no Programa Educativo, foi constituído a partir da aplicação do Questionário 1 (APÊNDICE A), com os adolescentes, considerando os temas propostos. Conforme Bueno (2001), pode-se adaptar estes planos para trabalhar oficinas pedagógicas ou textos e recortes, estimulando a busca, para reflexão e construção do conhecimento e das habilidades. Após o primeiro momento de implementação do PE, aplicou-se um segundo instrumento, Questionário 2 (APÊNDICE B), que proporcionou a elucidação de questões relativas à escolha e formação profissional e que orientou o desenvolvimento dos demais encontros direcionados a esta temática (nos dois primeiros momentos, destinados à apresentação e interação dos participantes as atividades



estiveram voltadas para o adolecer e saúde, em uma visão geral); somente após o terceiro momento (de investigação), no qual aplicou-se o segundo instrumento, é que conduziram-se as oficinas para a temática escolhida – cinco momentos restantes. O plano de ensino foi implementado, iniciando-se com as situações-problemas codificadas para, em seguida, serem decodificadas pelos sujeitos pesquisados/educandos e pesquisador/educador. O debate em torno delas propiciou ao grupo a reflexão.

- *Avaliação do Processo*: foi realizada por meio da leitura dos registros dos adolescentes em diários de campo, da satisfação com as estratégias referidas nos discursos e na última etapa do Programa Educativo através das respostas a questionamentos.

#### **4.6 Princípios éticos adotados**

Neste estudo, foram utilizados os princípios éticos constantes na Resolução 196/96 que regem a pesquisa em seres humanos, conforme orientação do Conselho Nacional de Saúde. Esta Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça (BRASIL, 1996a).

Conforme a Resolução 196/96, os procedimentos éticos incluem o consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo, compreendendo o direito à autodeterminação e à revelação completa por parte do pesquisador, em que deve descrever: a natureza do estudo, o direito dos sujeitos a recusar a participar da pesquisa em qualquer momento do estudo sem lhe trazer nenhum prejuízo, além de expor os prováveis riscos ou benefícios advindos (autonomia), a ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos (beneficência), comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos; a garantia de que danos previsíveis serão evitados (não maleficência); relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa, o que garante igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de suas destinações sócio humanitárias (justiça e equidade).

Assim, em todas as etapas desta investigação, estes aspectos éticos fomentaram e direcionaram as ações. A participação dos sujeitos adolescentes foi consentida por eles e pelos responsáveis, que após esclarecimentos dos objetivos, da metodologia e dos aspectos éticos da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C). Para manter o anonimato, os adolescentes foram identificados pelo código A, seguido do número arábico de acordo com a ordem de numeração do instrumento de coleta de dados. A consecução do estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, através do parecer nº 0088/20011.

#### **4.7 Programa educativo e operacionalização do método aplicado**

**Tema:** Escolha e Formação Profissional

**Período:** 14/06/2011 a 21/06/2011

**Horário:** 18h00min às 20h00min

**População-alvo:** estudantes do 2º ano do ensino médio do Colégio Agrícola de Bom Jesus-PI

**Docentes:** Maria Augusta Rocha Bezerra (Pesquisadora) e Cristianne Teixeira Carneiro (Colaboradora)

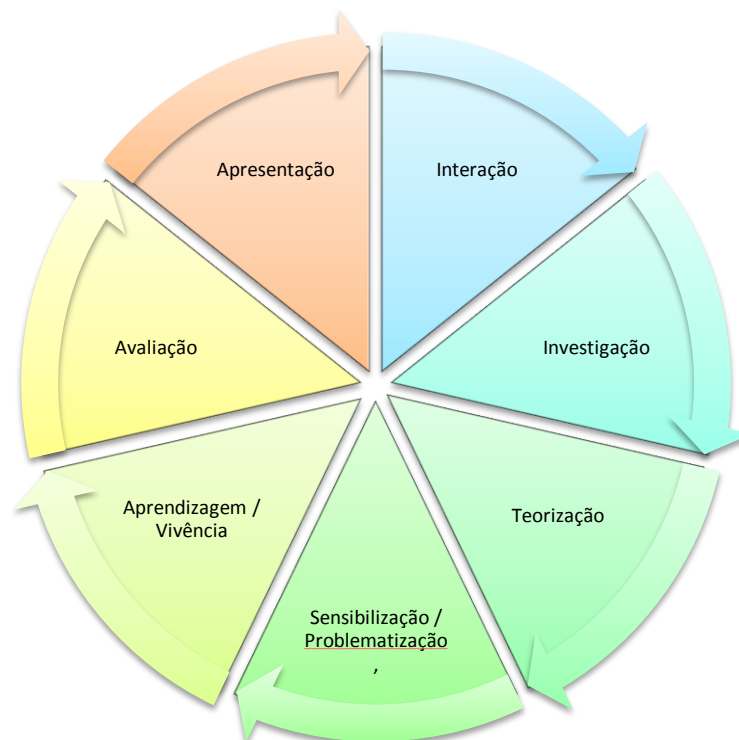
**Monitoras:** Milene Jurema Mangueira (Bolsista CNPQ) e Raniela de Sousa Santos (Bolsista CNPQ)

Para a realização desta pesquisa, procurou-se estar inseridos de forma que fosse possível proporcionar relação de interação entre as pesquisadoras, monitoras e estudantes (pesquisados). Tratava-se, conforme propõe Guaraldo (2008), de respeitar os valores dos jovens, ouvindo-os, atentamente, estimulando-os a se sentirem à vontade para se expressarem livremente. Assim, a opção pela colaboração na pesquisa de estudantes-monitoras decorreu de dois motivos: inclusão de estudantes em pesquisa, no intuito de fomentar a prática entre profissionais de nível técnico; e consecução do estudo, com a finalidade de permitir

que os jovens vissem outros jovens (seus pares) como inseridos no processo de construção da pesquisa e passassem a sentir-se à vontade para, também, engajarem-se na proposta da pesquisa-ação.

O programa educativo foi dividido em seis dias, constando de oito momentos, com média de duração de cada encontro de duas horas. Anterior à construção do programa educativo, com a intenção de melhor organização, obtiveram-se três ocasiões importantes: a apresentação da proposta da investigação/intervenção ao colegiado e direção; o encontro de pais e mestres, no qual o projeto de pesquisa foi apresentado e, também, foi solicitada a participação de pais e estudantes na pesquisa; e o primeiro encontro com os estudantes, em que se aplicou o primeiro instrumento (questionário 1- APÊNDICE A), através do qual a temática escolha/formação profissional foi elegida para ser abordada nos encontros educativos posteriores.

Seguindo os procedimentos empregados por Pereira (2007), dividiram-se os momentos do programa em: apresentação, interação, investigação, teorização, sensibilização/problematização, aprendizagem/vivência e avaliação, conforme esquematizado abaixo (Figura 3). A estratégia metodológica foi baseada, em especial, em dinâmicas de grupo (oficinas, uso de recortes de texto, discussões), tal como foram propostas por autores, como Priotto (2008), ou adaptações, de acordo com os objetivos do estudo e do momento vivenciado. Todos os encontros foram registrados por meio de vídeos, fotografias, escrita no diário de campo (pesquisador, monitores e pesquisados), desenhos e esculturas.



**FIGURA 1** – Esquematização das fases desenvolvidas no Programa Educativo.

## 1º DIA

### 1º Momento

1. **Apresentação** – Dinâmica da Melancia: cada participante se apresentou (expondo nome, cidade de origem, curso técnico no qual estava matriculado, de forma livre e sem restrições) ao mesmo tempo em que fazia um gesto diferente com a melancia (com peso aproximado de sete quilos). Os gestos não deveriam se repetir. Em seguida, todos os participantes se sentaram em círculo, momento em que foi apresentado o programa educativo, sendo esclarecidas dúvidas e inquietudes e realizadas sugestões pelos próprios adolescentes. Neste momento, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que os adolescentes entregassem aos seus pais (que já haviam sido esclarecidos sobre os objetivos e a metodologia do estudo e aceitado participar da pesquisa). Logo após, apresentou-se o diário de campo e informou-se que qualquer um dos adolescentes poderia escrever nele sempre que desejasse.

2. **Objetivos:** aproximar os participantes, conhecer as expectativas do grupo, esclarecer dúvidas, inquietudes, receber sugestões e apresentar o programa.
3. **Tempo de duração:** 40 minutos
4. **Recursos humanos:** uma coordenadora/facilitadora, três monitoras
5. **Recursos didáticos:** sala ampla sem cadeiras, tapetes de EVA dispostos no chão demarcando os locais; luz ambiente (artificial); um aparelho de som e CD de música instrumental.
6. **Pontos para discussão:** discutir as possibilidades de usar o corpo para se expressar, refletir sobre o uso da criatividade, sobre tentar esquecer as padronizações e interagir com o outro.
7. **Diário de campo:** os adolescentes mostraram-se inibidos neste primeiro momento, com grande dificuldade para fazer movimentos diferentes com a melancia. Eles apresentaram risadas, demonstrando vergonha em realizar o que havia sido solicitado. Entretanto, no diário de campo, expressaram a satisfação em ter participado deste primeiro momento e a vontade de sua continuidade (aspecto também relevante para avaliação da intervenção), através de comentários como: “Achei muito interessante as brincadeiras que ‘teve’ para cada componente do grupo se conhecesse mais”, “Sai com uma boa impressão, com uma enorme vontade de voltar”, “Eu estou adorando o encontro, porque no começo eu pensei que iria ser chato, mas percebo que além de divertido estou aprendendo novas coisas”, “Como é bom está aqui e sentir que não estou sozinha”, “Sinto neste momento um enorme alívio, bem tranquilo”. A maioria dos adolescentes modificou a letra ao escrever no diário de campo, tentando esconder a identidade, demonstrando, ainda, certa barreira a ser ultrapassada (estabelecimento de vínculo de confiança), talvez por receio do que eles haviam escrito ser divulgado, no entanto, a partir do segundo encontro, este fato não foi mais percebido.

## 1º DIA

### 2º Momento

1. **Interação** – Dinâmica Imagem Mental (adaptado de Priotto, 2008): no primeiro momento o orientador solicitou aos participantes que andassem pela sala, descalços, acompanhando o som da música e seguindo as instruções do facilitador: 1)Andar na ponta dos pés; 2)Andar apoiando o corpo no calcanhar; 3)Andar na chuva; 4)Andar em uma superfície quente; 5)Andar passando em uma porta estreita; 6)Andar em câmera lenta; 7)Andar em marcha ré. Os adolescentes foram orientados a não tocarem no corpo do outro colega. No segundo momento, o facilitador pediu a todos que parassem onde estavam, e fechassem os olhos, pensassem na parte do seu corpo que eles achavam mais bonita e atrativa, e guardassem mentalmente essa imagem consigo. No terceiro momento, o orientador convidou cada participante a sentar, pegar uma folha de papel e desenhar, esquematizar no papel a imagem captada pelo seu cérebro. O facilitador solicitou para que os estudantes não colocassem o nome, lembrando que o que eles estavam desenhando era somente um esquema e não um desenho artístico. No quarto momento, o orientador solicitou aos participantes que terminassem o desenho e virassem o mesmo para baixo e aguardassem até que todos terminassem. Após um tempo, o orientador pediu que fizessem as folhas circularem, em sentido horário, com o esquema para baixo, e parassem de passar quando as folhas atingissem a metade do círculo, para que então as mesmas fossem viradas. Cada participante, com uma folha nas mãos, comentou ou mostrou o que a pessoa conseguiu transmitir de sua imagem mental. O orientador solicitou para que o participante, pensando na adolescência, expusesse o porquê do colega ter desenhado aquela parte do corpo. Quando todos terminaram, o facilitador pediu para circulassem os desenhos até que cada um chegasse ao seu dono, o qual foi guardado para a apresentação final, no último encontro.
2. **Objetivos:** oportunizar aos adolescentes vivenciarem e tomarem consciência da imagem que tem seu próprio corpo e das mudanças físicas ocorridas;

colaborar na discussão sobre o entendimento dos participantes sobre a fase da adolescência.

3. **Tempo de duração:** 60 minutos
4. **Recursos humanos:** uma coordenadora/facilitadora, três monitoras
5. **Recursos didáticos:** sala ampla e confortável; folha de papel e pincéis coloridos; CD de música instrumental e aparelho de som; tapetes de EVA dispostos no chão demarcando os locais; luz ambiente (artificial).
6. **Pontos para discussão:** os adolescentes estão satisfeitos com suas formas físicas e com as modificações que estão acontecendo com seu corpo? A forma como nos sentimos em relação ao nosso corpo é influenciada pela opinião de outras pessoas do mesmo sexo ou sexo diferente? A forma como eu me vejo como adolescente é diferente da forma como o outro me vê?
7. **Diário de campo:** neste momento, os adolescentes relataram as dificuldades que encontraram para serem aceitos, e como muitas vezes eles se sentiam sozinhos. Em um momento, quando um dos participantes relatou o que havia entendido acerca do desenho da colega, expondo que havia desenhado os olhos, pois “eles eram a porta para alma, e o que importava era o quanto ela era bonita por dentro”, todos os participantes emocionaram-se e choraram, copiosamente. Ao serem instigados pelas facilitadoras, os adolescentes relataram, verbalmente, e em seu diário de campo: “às vezes me sinto muito solitária”, “tenho muitos problemas, não sei como resolver, tenho angústia, não sei como desabafar”, “queria ter só um amigo com quem pudesse desabafar”, “me emocionei com os demais participantes, me senti tão bem, eles são iguais a mim”. Embora o aprofundamento desta questão não fosse objetivo do encontro, e sabendo que os adolescentes não podem ser vistos apenas sob um aspecto, este momento foi essencial para que os participantes percebessem-se como pares, e se sentissem à vontade para interagir ao longo dos encontros.

## 2º DIA

### 3º Momento

1. **Investigação:** os alunos sentaram-se em círculo e responderam ao questionário 2 (APÊNDICE B) distribuído com questões norteadoras. Neste, também foram identificadas as profissões que os adolescentes tinham mais interesse para abordagem nos encontros, através de instrumento produzido por Priotto (2008). O questionário foi lido na íntegra, para verificação de possíveis dúvidas.
2. **Objetivos:** identificar o conhecimento prévio sobre formação e escolha profissional e profissão (ões) de interesse; identificar as profissões que tinham mais interesse em discutir.
3. **Tempo de duração:** 30 minutos
4. **Recursos humanos:** uma coordenadora/facilitadora, três monitoras
5. **Recursos didáticos:** sala ampla e confortável, canetas esferográficas e o instrumento norteador.
6. **Pontos para discussão:** somente esclarecimento das dúvidas encontradas pelos participantes quanto ao instrumento.
7. **Diário de campo:** os adolescentes não referiram grandes dificuldades para o preenchimento do questionário. Entretanto, mostraram-se decepcionados por “ter que escrever”, relatando preferência pelos encontros balizados por dinâmicas. Destacou-se a importância do momento (investigação) para melhorar as atividades propostas que se seguiriam, direcionando, cada vez mais, a intervenção para os interesses do grupo e objetivos do estudo.



## 2º DIA

### 4º Momento

1. **Teorização** – Dinâmica da Argila: os adolescentes deixaram a sala após o preenchimento do questionário no momento anterior. Antes de entrar, novamente, no ambiente, os participantes foram vendados. Solicitou-se que os adolescentes percebessem o ambiente, a música, sendo esclarecido que os participantes não deveriam conversar ao adentrar a sala, devendo comunicar-se apenas pela linguagem corporal. O orientador elucidou, após todos os participantes estarem no ambiente e sentar-se, que eles poderiam se tocar, mas não deveriam falar em nenhum momento. Após todos os participantes entrarem, eles foram conduzidos a sentarem-se, formando quatro subgrupos, nos quais foram orientados a tocar a argila, a qual estava no centro, a desconstruí-la (retirar pedaços), e depois a modelá-la, pensando na escolha profissional, em grupo (em que um deveria respeitar o espaço do outro), sendo fotografados os momentos das modelagens e resultados finais. Ao término, eles atribuíram títulos às esculturas e fizeram exposições sobre as obras de arte que foram construídas pelos outros participantes.
2. **Objetivos:** oportunizar aos adolescentes trabalharem em grupo, respeitando o espaço do outro; refletir sobre o futuro profissional e o caráter mutável da decisão profissional; trabalhar a autoconfiança e a confiança no outro.
3. **Tempo de duração:** 90 minutos
4. **Recursos humanos:** uma coordenadora/facilitadora, três monitoras
5. **Recursos didáticos:** sala ampla e confortável; argila; música instrumental e aparelho de som; tapetes de EVA dispostos no chão demarcando os locais; TNT para vendar os olhos; luz ambiente (artificial).
6. **Pontos para discussão:** importância do trabalho em equipe para qualquer profissão, ressaltando a dificuldade em trabalhar em grupo e a necessidade de confiar no trabalho do outro.

**7. Diário de campo:** os adolescentes apresentaram grande dificuldade para construir as esculturas de argila em grupo e de olhos vendados. As modelagens construídas foram: uma lâmpada (representando a profissão enfermagem), um coração (representando amor à profissão), um estetoscópio (representado as profissões da saúde) e uma escultura dividida, mostrando pedaços desconexos, que os estudantes não souberam determinar o quê, de fato, teriam construído, referindo apenas “dificuldade em conceber algo sobre o qual não se sabia ainda”, relacionando a questão de os participantes do grupo ainda não saberem as possíveis profissões que seguiriam. Nos relatos, perceberam-se elementos dúvida e medo bastante presentes, como nas falas escritas no diário de campo: “me identifiquei com algumas coisas que eles [meus colegas] falaram, vi que eles têm as mesmas dúvidas e as mesmas perguntas que eu me faço todos os dias”, “eles [colegas] têm medo de não fazer a escolha certa, o que eu tenho medo também”, “tenho dúvidas de duas profissões para *mim* seguir”. Neste terceiro dia, observou-se que o grupo mostrava-se cada vez mais coeso e à vontade para discutir temas íntimos e de difícil exposição, como percebido na escrita dos participantes (que não mais tentavam modificar a letra para encobrir sua identidade) e nos seguintes discursos: “a dinâmica me mostrou que às vezes é bom confiarmos um pouco mais no próximo”, “acho que me falta um pouco disso, por que às vezes eu sinto que deveria confiar mais nos meus amigos”, “foi maravilhoso compartilhar ideias”, “aqui eu posso expor o que penso, e o melhor de tudo é poder desabafar”.

### **3º DIA**

#### **5º Momento**

1. **Teorização** – Dinâmica Processo de Trabalho (adaptado de Neubaner, 1999): os adolescentes foram divididos em dois subgrupos (um grupo com cinco participantes e outro com quatro participantes), sendo orientados a trabalharem paralelamente. Estabeleceu-se uma monitora para cada grupo. Os estudantes do primeiro grupo foram orientados a permanecerem parados em fila indiana, como em uma linha de montagem, em que cada um recebia

um pedaço de argila e um cartão contendo uma ordem de serviço (instrução para confecção de pés, pernas, tronco, braços, mãos e cabeça). Os adolescentes ficaram dispostos de modo que um desconhecia a ordem do outro e, portanto, não sabia o que se formaria ao final: produção de um boneco. A monitora deste grupo permanecia no local cobrando pressa e, ao término das peças, ela passava puxando uma caixa, na qual os participantes, sequencialmente, iam montando o “produto final”. Concomitantemente, os estudantes do segundo grupo, foram dispostos sentados em roda, a monitora ordenava a montagem de um boneco com a participação de todos. Cobrava e estimulava o andamento até que o grupo concluísse junto o seu trabalho. Após terminado do trabalho dos grupos, o orientador coordenou um debate comparando o processo desenvolvido por cada grupo. Depois, os participantes foram instigados a relacionar esta dinâmica com a participação de todos nas atividades profissionais, destacando a importância do trabalho em equipe como característica indispensável em qualquer profissão.

2. **Objetivos:** discutir formas de organização do processo de trabalho; as diferenças entre os dois tipos de processo de trabalho quanto ao ritmo, produto final, envolvimento individual.
3. **Tempo de duração:** 90 minutos
4. **Recursos humanos:** uma coordenadora/facilitadora, três monitoras
5. **Recursos didáticos:** sala ampla e confortável; argila; caixa grande para recolher as peças; papel com as ordens de serviço escritas; música instrumental e aparelho de som; tapetes de EVA dispostos no chão demarcando os locais; luz ambiente (artificial).
6. **Pontos para discussão:** importância do trabalho em equipe para qualquer profissão; importância da motivação para o desenvolvimento de um trabalho de forma adequada.
7. **Diário de campo:** o primeiro grupo (representando a esteira de montagem) mostrou-se apreensivo e um pouco perdido com a cobrança realizada pela monitora, ao passo que a outra equipe (representando o trabalho conjunto)

manteve-se calma, indagando uns aos outros a opinião sobre o produto que estava sendo construído e discutindo as melhores formas de desenvolver o boneco. No debate, mesmo os que trabalharam em equipe, revelaram certa dificuldade para a consecução do projeto, referindo que quando “cada um quer do seu jeito” é difícil chegar a um consenso final. Quando solicitados a dar nome ao resultado final do trabalho (boneco), apresentaram também discordância e dificuldade de acordo. Neste momento, mais uma vez, teorizou-se sobre a importância do trabalho conjunto para qualquer profissão e as melhores formas de ultrapassar as barreiras que se apresentam e se apresentarão no desenvolvimento de atividades escolares e profissionais futuras.

### **3º DIA**

#### **5º Momento (continuação)**

1. **Teorização:** explanação sobre as principais profissões escolhidas pelos adolescentes. O grupo foi dividido em quatro subgrupos (três duplas e um trio), e cada subgrupo recebeu um envelope com informações sobre determinada profissão. Os componentes do subgrupo deveriam ler as informações e depois explicar para todo grupo o que haviam entendido.
2. **Objetivos:** trazer as principais informações sobre as profissões mais solicitadas pelos participantes no instrumento preenchido no 2º dia (questionário 2 – APÊNDICE B): medicina, enfermagem, psicologia e administração de empresas.
3. **Tempo de duração:** 30 minutos
4. **Recursos humanos:** uma coordenadora/facilitadora, três monitoras
5. **Recursos didáticos:** sala ampla e confortável; envelope médio; papel com resumo sobre as profissões escolhidas pelos adolescentes; música instrumental e aparelho de som; tapetes de EVA dispostos no chão demarcando os locais; luz ambiente (artificial).

6. **Pontos para discussão:** o caráter mutável da decisão da escolha profissional; o conhecimento prévio sobre a profissão que o grupo representava; a influência de pais, amigos, sociedade (*status* social) e mídia na decisão.
7. **Diário de campo:** por esta atividade exigir leitura e não ter sido desenvolvida por meio de dinâmicas, os adolescentes mostraram-se pouco dispersos e apresentaram-se desmotivados para a execução. Apesar disso, todos os adolescentes expuseram o que referiam saber sobre a profissão em pauta, complementando as apresentações dos colegas e, em vários momentos, mencionaram o “pouco conhecimento sobre a atividade profissional discutida”. Neste dia, os participantes não solicitaram o diário de campo para escrever.

#### 4º DIA

##### 6º Momento

1. **Sensibilização/Problematização** – Encenação e reflexão sobre o texto “O Louco” (adaptado de Equipe Mundo Jovem, 2003): o texto “O Louco” foi encenado pelas monitoras da pesquisa. Ao chegaram ao local dos encontros, foi pedido aos adolescentes para que aguardassem um momento fora da sala. Depois, para que se sentassem em círculo, e a uma meia luz, as monitoras adentraram o ambiente, representando o texto (Kahlil Gibran. Para além das palavras, 1995): “No pátio de um manicômio encontrei um jovem com rosto pálido, bonito e transtornado. Sentei-me junto a ele sobre a banqueta e lhe perguntei: ‘Por que você está aqui?’ olhou-me com olhar atônito e me disse: ‘É uma pergunta pouco oportuna a tua, mas vou respondê-la. Meu pai queira fazer de mim um retrato dele mesmo, e assim também meu tio. Minha mãe via em mim a imagem de seu ilustre genitor. Minha irmã me apontava o marido, marinheiro, como o modelo perfeito para ser seguido. Meu irmão pensava que eu devia ser idêntico a ele: um vitorioso atleta. E mesmo meus mestres, o doutor em filosofia, o maestro de música e o orador, eram bem convictos: cada um queria que eu fosse o reflexo de seu vulto em um espelho. Por isso vim para cá. Acho o ambiente mais sadio. Aqui pelo menos posso ser eu mesmo’.”

2. **Objetivos:** refletir sobre as pressões com que eles se deparam (ou se depararão) no processo de escolha profissional; identificar as maiores influências para os adolescentes no processo de escolha profissional; sensibilizá-los quanto à escolha da profissão a ser seguida, pois, mesmo diante de pressões e influências, esta seria, em última instância, sempre deles.
3. **Tempo de duração:** 60 minutos
4. **Recursos humanos:** uma coordenadora/facilitadora, três monitoras
5. **Recursos didáticos:** sala ampla e confortável; música instrumental e aparelho de som; tapetes de EVA dispostos no chão demarcando os locais; luz ambiente (artificial).
6. **Pontos para discussão:** o caráter mutável da decisão da escolha profissional; até que ponto a influência de pais, amigos, sociedade e mídia podem ser determinantes no meu processo de escolha profissional.
7. **Diário de campo:** muitos estudantes relataram a influência dos pais no processo de escolha profissional (dado trabalhado nos resultados e discussões desta investigação) e, através da troca de informações por meio da abertura da discussão em círculo, os adolescentes perceberam que, assim como eles, vários outros jovens enfrentavam pressões e influências. Alguns participantes resgataram informações sobre as profissões que foram discutidas no encontro anterior, enfatizando a importância deste conhecimento adquirido, visto que antes a preocupação estava em “apenas ganhar bem” e ter “*status* social”. Intentou-se trabalhar os dois lados do processo de escolha profissional (Equipe Mundo Jovem, 2003): o lado da pessoa que escolhe e o lado da profissão (ou profissões) que serão escolhidas, conversando e conhecendo estes dois lados.

## 5º DIA

### 7º Momento

1. *Aprendizagem/vivência*: Discussão do texto a seguir. Os estudantes ouviram a música “Fábrica” (RUSSO, 1986). Depois, deitados no chão sobre os tapetes de EVA, refletiram sobre esse processo, como ele é influenciado em sua vida, por que é difícil escolher. Em seguida, os adolescentes se dispuseram em círculo e conversaram sobre as expectativas de cada um(a) em relação ao ingresso no mercado de trabalho. O que esperavam? Quais caminhos profissionais eles esperavam trilhar? Instigou-se a cada participante a falar sobre a profissão ou profissões que gostaria de ter. Depois, individualmente, os participantes buscaram mais informações sobre as profissões citadas, em um material entregue por nós.

#### **Fábrica**

(Renato Russo)

*Nosso dia vai chegar  
Teremos nossa vez  
Não é pedir demais:  
Quero justiça,  
Quero trabalhar em paz  
Não é muito o que lhe peço  
Eu quero trabalho honesto  
Em vez de escravidão  
Deve haver algum lugar  
Onde o mais forte  
Não consegue escravizar  
Quem não tem chance  
De onde vem a indiferença  
Temperada a ferro e fogo?  
Quem guarda os portões da fábrica?  
O céu já foi azul, mas agora é cinza  
E o que era verde aqui já não existe  
Mas quem me dera acreditar  
Que não acontece nada de tanto brincar  
com fogo  
Que venha o fogo então  
Esse ar deixou minha vista cansada  
Nada demais  
Nada demais.*

2. **Objetivos:** aprofundar o conhecimento sobre a(s) profissão(ões) escolhidas individualmente; refletir sobre o processo de escolha profissional.
3. **Tempo de duração:** 60 minutos
4. **Recursos humanos:** uma coordenadora/facilitadora, três monitoras
5. **Recursos didáticos:** sala ampla e confortável; música “Fábrica”, de Renato Russo, e aparelho de som; tapetes de EVA dispostos no chão demarcando os locais; luz ambiente (artificial).
6. **Pontos para discussão:** o caminho a ser trilhado até a escolha profissional; o que esperar de um futuro próximo.
7. **Diário de campo:** neste dia, o diário foi escrito apenas ao final das duas atividades. Expõem-se as informações no próximo tópico.

## 5º DIA

### 7º Momento (continuação)

1. **Aprendizagem/vivência** – Dinâmica Estrada da Formação (NEUBANER, 1999): foram fixadas, nas paredes da sala onde o encontro estava sendo realizado, cartolinas, nas quais estavam desenhadas estradas e, ao fundo, montanhas. Entregaram a cada participante uma caixa com algumas bonecas ou bonecos recortados em papel, desenhos de pedras e desenhos de lanterna acesa. Em seguida, o orientador emitiu os seguintes comandos: primeiro os estudantes deveriam escrever nas montanhas o seu projeto pessoal (onde queriam chegar); em seguida colar um(a) boneco(a) de onde partiu em algum lugar na estrada; depois colar um(a) segundo(a) boneco(a) no ponto da estrada onde o adolescente estaria agora; após, eles deveriam colar pedras, significando obstáculos, que os impediriam de chegar onde queriam, dando nome às pedras; posteriormente, os participantes deveriam colar lanternas, significando instrumentos que eles utilizariam para superar as pedras (obstáculos) e chegar nas montanhas (objetivo), dando nomes às lanternas. Por fim, todos os adolescentes olharam os desenhos de todos



(deitados no chão), em seguida, misturando-se e ficando em frente ao esquema por eles construído, para então, explicar ao grupo “a sua estrada da formação”.

2. **Objetivos:** realizar avaliação e autoavaliação com relação à formação profissional; motivar a análise e a discussão de temas problemáticos do processo de escolha profissional.
3. **Tempo de duração:** 60 minutos
4. **Recursos humanos:** uma coordenadora/facilitadora, três monitoras
5. **Recursos didáticos:** sala ampla e confortável; música instrumental e aparelho de som; tapetes de EVA dispostos no chão demarcando os locais; cartolina; pincéis coloridos; papel veludo para desenho da montanha; recortes de desenhos de bonecos (as), pedras e lanternas; cola branca; luz ambiente (artificial).
6. **Pontos para discussão:** a formação é um processo no qual o que importa é “caminhar”, tendo claro o local em que se deseja chegar; os obstáculos foram comuns entre os adolescentes; ademais, as lanternas foram comuns entre os adolescentes.
7. **Diário de campo:** através das dinâmicas, os adolescentes mostraram dúvidas, medos e, principalmente, conseguiram determinar lanternas para os obstáculos, ou seja, soluções para superação das dificuldades que estavam encontrando ou encontrarão no processo de escolha profissional. Alguns conseguiram expressar sentimentos e relatar como queriam ser vistos neste todo. Entretanto, alguns ainda não sabiam o que seguir, não estabeleceram um foco. A incerteza foi predominante. Na dinâmica Estrada de Formação, muitos ficaram em dúvida sobre como “iniciar”, passando, também, algum tempo, para decidir o que escrever na montanha (onde quero chegar). Quando foram falar sobre cada estrada construída, todos citaram como pontos a superar (pedras) o medo e a incerteza do que seguir. Alguns citaram a conduta que os pais exerciam como pressão e outros como uma influência positiva (estes dados foram analisados no capítulo Resultados e Discussão deste estudo).

## 6º DIA

### 8º Momento

1. **Avaliação da aprendizagem** – Exposição dos constructos: no último encontro, realizou-se uma mostra de tudo aquilo que havia sido construído ao longo dos encontros anteriores, fixando em paredes os desenhos, as colagens, as folhas do diário de campo produzidas por todo grupo (pesquisadores e pesquisados), expondo as esculturas de argila com os respectivos nomes atribuídos pelos componentes dos subgrupos que as haviam construído. Com uma música ambiente (instrumental), os participantes percorrem a sala, observando o que eles haviam produzido. Muitos se emocionaram e choraram. Nesta ocasião, em concordância com todos os sujeitos, convidou-se a diretora do CABJ para conhecer o que havia sido produzido, já na perspectiva de sensibilização para as propostas que seriam posteriormente apresentadas. Depois, procedeu-se à avaliação de aprendizagem, apenas referentes a aspectos gerais da questão formação e escolha profissional, utilizando caixa de perguntas que passava de um estudante para outro até que a música parasse. Quem estivesse com a caixa quando a música fosse interrompida, deveria responder ao questionamento. Todos os adolescentes responderam às perguntas sem grandes dificuldades. No entanto, a avaliação que mais nos interessava, veio a seguir, uma avaliação geral das ações implementadas. Era cediço que a intervenção havia sido satisfatória, a partir das leituras dos registros nos diários de campo escritos pelos estudantes. As falas incluíram, entre outras coisas, **o prazer de estarem participando no grupo**, como: “sinto neste momento um enorme alívio por saber que não estou sozinho”; “a música, as atividades, as conversas destemidas, tudo isso são fatores que somados fazem com que nós nos sintamos fortes e esperamos às 18:00 horas ansiosamente”; “foi maravilhoso está neste grupo e poder compartilhar ideais”; os encontros nos ajudam a crescer, a ter um ponto de vista diferente das coisas, pensar no futuro porque somos muitos jovens para escolher uma profissão”; “quando sair daqui acho que vou ter amadurecido bastante”; “estou muito feliz por estar participando desse grupo, pois cada vez aprendo coisas diferentes”. Além disso, relataram **a necessidade de utilizar estas estratégias de**

**ensino em sala de aula**, por meio dos discursos: “só não estou mais feliz porque deveria ter sempre essas dinâmicas, adotar isso no colégio, iria ajudar muito, você conhece mais o próximo”; “aqui eu descanso e me carrego de energias positivas para o dia seguinte, no colégio era para ser assim”; “aqui dentro é muito diferente que lá fora, eu sinto como se nada existisse além de mim e o do meu grupo”. Por fim, entregou-se um DVD aos participantes com fotos dos encontros, alguns vídeos e uma mensagem final.

***PESQUISA DE CAMPO E  
ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES***

---

## **5 PESQUISA DE CAMPO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES**

### **5.1 Aproximação com o cenário e os contatos com os sujeitos da pesquisa: abordagem dos temas geradores da pesquisa**

A aproximação com o cenário da pesquisa ocorreu após o início das atividades, como docente do Colégio Agrícola de Bom Jesus, em abril de 2010, momento em que foi possível perceber, ainda que de forma empírica, que as questões envolvendo a saúde e o adolescer eram pouco trabalhadas nas atividades curriculares. O fato de a autora integrar o quadro de professores da instituição, também, favoreceu melhor abordagem dos adolescentes, resultando em um posicionamento mais livre e espontâneo dos estudantes durante o desenvolvimento do estudo.

O primeiro contato com os adolescentes na intenção de pesquisar ocorreu em novembro de 2010, durante a realização do I Encontro de Educação em Saúde do Colégio Agrícola de Bom Jesus – PI, em que foram debatidos assuntos envolvendo a adolescência com os estudantes da referida instituição de ensino. Em seguida, em uma reunião de pais e mestres, expôs-se ao colegiado e aos responsáveis pelos adolescentes o projeto de pesquisa, apresentando os objetivos, a metodologia que seria empregada e, ocasião na qual, anunciou-se a necessidade de autorização pelo estudante e pais para consecução da investigação.

Com o consentimento da direção, do colegiado e após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (ANEXO A), foi oficializada a realização do estudo com posterior anuência dos participantes por meio da assinatura dos sujeitos estudantes e responsável legal.

A partir de então, o encontro seguinte, direcionado ao desenvolvimento da pesquisa, ocorreu no dia 10 de junho de 2011, quando aplicou-se o primeiro questionário a 68 alunos que cursavam o 2º ano do ensino médio, concomitante aos cursos técnicos em agropecuária, enfermagem e informática. Nesta ocasião, foi possível obter os primeiros resultados referentes ao questionário 1 (APÊNDICE A), que originou os temas geradores, norteadores da pesquisa-ação, que refletiram os

interesses dos adolescentes. Percebeu-se a variabilidade de temas surgidos, e também, a impossibilidade de trabalhar todos eles, visto que para cada um deveria ser construído um Programa Educativo (PE), conforme a proposta escolhida para desenvolver a pesquisa-ação.

O desenvolvimento do PE, que é ao mesmo tempo produto desta pesquisa, e a análise dos resultados estão fundamentados nos pressupostos teóricos da Educação Libertadora, de Paulo Freire (1994), e nas propostas de Bueno (2001). Os autores discutem as estratégias do diálogo, que implica em conversas com propósitos entre pesquisados e pesquisandos, gerando ação-reflexão. Nesta construção, acredita-se na abertura ao diálogo e em um pensamento reflexivo no momento em que os adolescentes estavam diante dos questionamentos sobre a temática do estudo. Os conteúdos e as dinâmicas da pesquisa buscaram induzir ações na tentativa de construir, coletivamente, uma nova proposta de abordagem da temática formação profissional e assuntos correlatos na instituição sediadora, vislumbrando contribuições aos participantes do estudo.

A primeira parte dos resultados está organizada no quadro que expõe os temas geradores identificados pelos adolescentes. Os temas solicitados com maior frequência foram: Escolha/Formação Profissional; Álcool e outras drogas; Sexo e Sexualidade. Estas foram as temáticas mais assinaladas pelos adolescentes no questionário I (APÊNDICE).

Tema	Frequência
Escolha Formação Profissional	43
Álcool e outras drogas	36
Sexo e Sexualidade	35
Orientação Sexual	27
Gravidez Indesejada	24
Métodos Contraceptivos	20
Outros Temas (16)	Esportes (3); Moda e dicas de beleza (2); Downloads/Informática (2); Bullying (1); Pais e filhos (1); Sexualidade e família (1); Depressão e falta de amigos (1); Som automotivo (1); Doenças Sexualmente Transmissíveis (1); Como se comporta a humanidade(1); Autoestima, Bulimia e anorexia(1); Jogos e animes(1);

**QUADRO 1** – Temas escolhidos pelos adolescentes para serem abordados no programa educativo.

Percebeu-se, através da experiência empírica, que essas temáticas são sempre alvo de interesse por parte dos jovens quando indagados sobre assuntos que desejam dialogar, e certamente eles não esgotam, diante da necessidade de repetir e ampliar a discussão. Cardozo e Cocco (2003), em estudo sobre Projeto de Vida dos adolescentes à luz de Paulo Freire, constataram que os assuntos levantados pelos adolescentes para discussão em outros momentos incluíam Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), drogas, gestante adolescente e métodos contraceptivos, assim como questões sociais ligadas à fome, ao estupro, a armas, ao desemprego, à violência, moradia e morte violenta.

Após este momento, as pesquisadoras sentaram-se com os estudantes para apresentar os temas escolhidos por eles e estabeleceram-se as datas e horários dos encontros, os quais não poderiam atrapalhar as aulas do ensino médio e do curso técnico. Devido ao caráter integral de ensino da instituição, os horários pré-definidos e apresentados aos adolescentes foram: de 12h30min às 13h30min (com intervalo de meia-hora para almoço e meia-hora para descanso antes do retorno das aulas às 14h00min) ou de 18h00min às 19h00min (após o término da aula do curso técnico no período vespertino). Diante do exposto, nove alunos se prontificaram a participar das oficinas no horário de 18h00min às 19h00min. Os questionários destes alunos foram, então, selecionados, por meio dos códigos entregues (no primeiro momento) a estes adolescentes, possibilitando a triagem dos dados, sendo estes resultados analisados, segundo as categorias identificadas, possibilitando a eleição de assuntos centrais que foram ao encontro dos fatos empíricos que nortearam o desenvolvimento das ações e intervenções com os adolescentes.

Em seguida, procedeu-se à organização e análise das informações, obtidas pela aplicação do questionário 1, com os nove adolescentes que optaram por participar desta etapa, por meio das quais foram estruturadas as seguintes categorias: caracterização dos participantes do estudo; questões gerais sobre saúde e adolescência, posteriormente, inserção na temática escolhida - Escolha/Formação Profissional.

Durante o desenvolvimento do PE, também, foram adquiridas informações por meio dos discursos apresentados pelos adolescentes, das observações realizadas durante o desenvolvimento das dinâmicas de grupo, e das

anotações feitas pelos adolescentes ao longo das atividades (como referido anteriormente o participante poderia expressar-se verbalmente e de forma escrita), sendo apresentados de forma dialogada com os achados do questionário 1 (APÊNDICE A).

É importante ressaltar que o Projeto Educativo desenvolvido, como propõe Priotto (2008), não buscou esgotar o assunto escolhido, visto que ele nunca é um fim em si mesmo, mas apenas um pretexto para se aprender a refletir e questionar o próprio conhecimento. Foi idealizado para que os adolescentes pudessem engajar-se no processo de refletir criticamente, ajudando a perceber a realidade estudada.

## 5.2 Caracterização dos participantes do estudo

No intuito de realizar a investigação interventiva, foi necessário conhecer algumas características da população estudada. Assim, caracterizou-se o grupo, tentando identificar homogeneidades e diferenças entre os estudantes.

Código	Idade	Sexo	Orientação sexual	Renda familiar*	Mora	Residência	Curso técnico
A1	15	F	Heterossexual	< 1	Com os pais	Urbana	Enfermagem
A 2	18	M	Homossexual	Entre 1 e 2	Com os pais	Rural	Enfermagem
A3	18	F	Heterossexual	< 1	Com os pais	Urbana	Agropecuária
A4	16	F	Heterossexual	< 1	Com os pais	Urbana	Enfermagem
A5	15	F	Heterossexual	< 1	Outros familiares	Urbana	Enfermagem
A6	15	F	Heterossexual	Entre 1 e 2	Outros familiares	Urbana	Informática
A7	16	F	Heterossexual	Entre 1 e 2	Outros familiares	Urbana	Enfermagem
A8	15	F	Heterossexual	Entre 1 e 2	Com os pais	Urbana	Enfermagem
A9	15	F	Heterossexual	Entre 1 e 2	Com os pais	Urbana	Enfermagem

**QUADRO 2** – Caracterização dos adolescentes pesquisados, de acordo com idade, sexo, orientação sexual, renda familiar, residência e curso técnico.

\*Rendimento total médio mensal familiar (salário mínimo vigente de acordo com a Lei nº 12.382, de 25.02.2011: R\$ 545,00. Fonte: Brasil, 2011).



O grupo investigado foi constituído por sete alunos do curso técnico em enfermagem e somente um nas áreas informática e agropecuária. Também evidenciou outras características: faixa etária predominante entre 15 e 16 anos, a maioria do sexo feminino; consideraram-se, no que diz respeito à orientação sexual, heterossexuais; residiam na zona urbana, em geral, com os pais, com renda familiar mensal de no máximo dois salários mínimos.

Embora tenham sido convidado todos os alunos matriculados no 2º ano do ensino médio, independente do curso técnico frequentado, a superioridade de participantes cursando o técnico em enfermagem (sete adolescentes) decorreu da proximidade das coordenadoras da pesquisa com a turma, uma vez que estas eram docentes do referido curso. O fato de a população feminina também ser maioria esteve relacionada ao próprio curso técnico em enfermagem, que tem um número amplo de mulheres em comparação ao número de homens, evento percebido tanto a nível nacional como na própria unidade de ensino onde o estudo foi realizado, que possui o curso técnico em enfermagem constituído por 73,3% de mulheres matriculadas.

A faixa etária encontrada e o fato de residirem junto aos pais são condições esperadas para o ano do ensino médio cursado. A renda familiar foi, igualmente, prevista, e neste caso relaciona-se à questão regional, embora esta renda fosse inferior à renda média da população do estado do Piauí, que de acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares (2008-2009) é de R\$1.610,45 reais (IBGE, 2009).

Na etapa seguinte, apresentam-se os resultados dos temas geradores, a envolver: adolescência, saúde e escolha/formação profissional.

### **5.3 Descrição das temáticas/categorias: exploração dos temas geradores**

#### **5.3.1 Temática 1: adolescência e saúde**

Antes de introduzir este tópico e abordar as concepções dos adolescentes sobre a saúde e a própria adolescência, foi imprescindível entender que as percepções sobre estas temáticas envolviam o contexto social em que estes jovens estavam inseridos. Portanto, assinala-se que os jovens de hoje são infinitamente diferentes dos jovens de uma década atrás, e por este motivo tantos

conflitos/divergências emergem entre estes e seus pais, entre estes e seus irmãos, entre estes e sua escola, nos mais diferentes motes, inclusive no processo de escolha e formação profissional. É preciso, por conseguinte, que educadores se aproximem desse “objeto” que se intenta conhecer para que mais eficazmente seja possível funcionar como sujeito consciente (FREIRE, 2000).

### **- Significado de adolescência**

Os adolescentes expressaram o significado de adolescência baseado em relações sociais e vivências do cotidiano. Dessa forma, retrataram sentimentos, preocupações e percepções desta fase, bem como a compreensão que faziam de si mesmos, conforme categorias:

**Adolescência como uma fase de dúvidas e descobertas:** “[...] uma fase em que surgem muitas dúvidas ao adolescente, é fase que você descobre muitas coisas boas e outras ruins”, “[...] uma fase de descobertas, onde o adolescente costumam ser chamados de aborrecetes”, “[...] uma fase de dúvidas [...] mas também uma fase de decisões para quem sabe se divertir”, “[...] uma fase de descobertas”, “[...] fase de descobertas, sobre o mundo em que vivemos”, “[...] como uma fase de descobrimento”, “[...] uma fase onde nos descobrimos...” (A1-A3, A6-A9).

**Adolescência como uma fase de mudanças físicas e psicológicas:** “[...] uma fase em que estamos mudando o nosso pensamento, a maneira como agimos”, “uma fase de mudanças físicas e psicológicas [...]”, “[...] formamos a nossa personalidade [...]” (A4, A8, A9).

**Adolescência como uma das melhores fases da vida:** “[...] uma das melhores fases da vida” (A5).

**Adolescência como uma fase de construção de responsabilidades e preocupações:** “... [fase de] preocupações [...]”, “[...] começamos a lidar com o mundo de uma forma mais responsável” ( A3, A9).

As categorias revelaram que para os sujeitos pesquisados a adolescência apresentava vários significados, porém esta se relacionava, de um modo geral, à transformação, fosse no sentido de mudança do corpo, nas relações interpessoais -

no sentido de pensar e agir diferente, condição que acontece, naturalmente, nesta fase e inclui descobertas de si mesmo e do mundo.



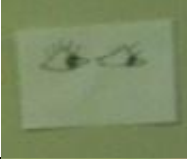
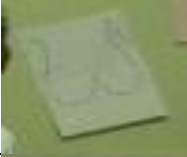
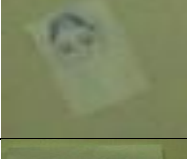
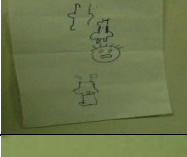


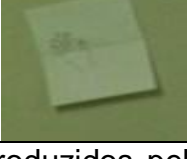
Nos discursos, mesmo de forma simplista, os adolescentes apresentaram concepções teóricas sobre esta fase. Acredita-se que esta aquisição de conhecimento decorreu por meio da literatura nas disciplinas cursadas ou por meio dos recursos da mídia tão presentes nos dias atuais. A maioria descreveu a adolescência como um período de muitas dúvidas e grande expectativa pela descoberta.

Essas concepções são discutidas por Resende (2008), que ressalta a adolescência como uma etapa importante no processo de crescimento e desenvolvimento, em que a transformação perpassa por aspectos físicos, psíquicos, sociais e, ainda, espirituais do ser humano. Grossman, Ruzany e Taquette (2008) complementam que os adolescentes atravessam um processo dinâmico e complexo de maturação. As transformações corporais, o surgimento de novas habilidades cognitivas e seu novo papel na sociedade é determinante do questionamento de valores dos adultos que os cercam. Assim, o meio externo e as interações sociais afetam diretamente nos pensamentos dos adolescentes, influenciando comportamentos e atitudes dos mesmos.

Retornando a descrever o desenvolvimento do Programa Educativo, no primeiro encontro destinado à implementação, buscou-se por apreender a percepção do estudante acerca da adolescência, através da utilização de uma adequação da dinâmica Imagem Mental, baseada nos ensinamentos de Priotto (2008). A intenção foi complementar as informações referentes a esta temática. Foi solicitado a cada adolescente que imaginasse a parte do corpo que mais descrevia a adolescência para eles, e em seguida, que a desenhassem em uma folha de papel. Inicialmente, os participantes mostraram-se tímidos, depois começaram a brincar uns com os outros sobre o que estavam desenhando, e, por fim, incorporaram a dinâmica e envolveram-se na discussão posterior.

Incitou-se para que os sujeitos colocassem os desenhos virados para baixo e os girassem no sentido horário, até que fosse solicitado para que parassem. Depois, cada adolescente com o desenho de outro participante em mãos, descreveu o que

havia entendido da figura impressa, comentando e mostrando o que a pessoa conseguiu transmitir de sua imagem mental. Os desenhos estão expostos no Quadro 3.

Participante	Desenho
A1	
A2	
A3	
A4	
A5	
A6	
A7	
A8	
A9	

**QUADRO 3** – Desenhos produzidos pelos adolescentes participantes na dinâmica Imagem Mental sobre a região corporal que mais representava a adolescência.

Imagens dos desenhos: **Nádegas:** A1e A4; **Face:** A2, A5 e A8; **Olhos:** A3 e A7; **Face e Corpo inteiro separados:** A6; **Mão:** A9.

O objetivo desta atividade foi ilustrar a temática, trazendo reflexões, tornando mais claro o que já haviam exposto na experiência anterior. É importante enfatizar que a utilização da dinâmica, baseada na construção de desenhos, não teve a pretensão de investigar, psicologicamente, o que as ilustrações de fato representavam, mas de facilitar o diálogo e a reflexão sobre o tema em discussão - a adolescência.

Entende-se, como Freire (2009), que é através do diálogo que ocorre a verdadeira comunicação, cujos interlocutores são ativos e iguais. A comunicação é uma relação social igualitária, dialógica, que produz conhecimento. Bueno (2001) complementa que o diálogo e a problematização devem ser constantemente recriados, de modo que a educação libertadora se ajuste às condições de cada novo cenário, fundamentando-se em uma hermenêutica do conhecimento, como decisivo para a ciência. E, ao buscar a validade do conhecimento e processo de discurso racional, é possível comunicar-se entre si, enfatizando o diálogo na reflexão compartilhada, a partir da experiência da cotidianidade, o que oferece componentes reais de uma terapia pedagógica emancipatória com vistas à busca da prática comprometida com a educação libertadora.

Monteiro (2007), ao realizar experiência semelhante a esta, mostra que através dos desenhos representando o adolescer, tenta-se compreender o conhecimento prévio dos sujeitos adolescentes, permitindo explorar a criatividade e a potencialidade dos participantes do grupo na produção deste material, proporcionando um momento de debate e troca, identificando consenso e dissenso essencial na busca de outras perspectivas.

Nesta experiência, observou-se que parte dos estudantes caracterizou em desenho face, nádegas e olhos como segmentos corporais mais representativos da adolescência. Nos relatos dos adolescentes, estas escolhas estiveram associadas à percepção de que, para eles, as mudanças ocorridas nesta fase estavam relacionadas, principalmente, a estas regiões, e ainda a importância dada pela mídia à exploração do corpo. Os discursos dos participantes ilustraram esta situação:

Eu acho que o adolescente tem que ter estilo, com um cabelo legal [...] mas eu sei que na realidade ele é lindo mesmo é por dentro. [emocionada] (A9)

Eu acho que ela desenhou uma bunda por que é o que os meninos gostam; outro dia tava passado com uma amiga e os meninos disseram olha a KLB aí, aí eu falei KLB? E eles disseram, sim, Que Lapa de Bunda. (A6)

[...] isso é porque a televisão diz que é bonito, ter corpão! (A5)

Eu acho que ela desenhou os olhos porque é a parte do corpo que ela acha mais atraente [...]. (A2)

Em pesquisa, Tonatto e Sapiro (2002) constataram que, no que diz respeito ao corpo, os adolescentes (principalmente as meninas), mostram-se, em diversos momentos, muito influenciados pela questão da valorização social de um determinado padrão estético e, a partir disso, muito preocupados com a manutenção de um ideal de corpo e de beleza. Cardozo e Cocco (2003) afirmam que o adolescente mantém constante preocupação com a imagem, buscando pelo ideal de beleza imposto pelo corpo magro, e a recusa do corpo real o leva a se sentir marginalizado na sociedade, dificultando as relações interpessoais.

Tonatto e Sapiro (2002) acrescentam que os jovens percebem que o seu corpo é visto e/ou analisado pelos outros, exigindo, portanto, uma série de cuidados para ser aceito e desejado. Desse modo, revela-se a grande preocupação com a aparência que os adolescentes apresentam. Para Machado, Garcia e Maranhão Neto (2008, p. 107) “[...] nesta mitificação do corpo, todos precisam se parecer com as estrelas da televisão, todos têm que ter corpos esculturais e belos.”

#### **- Dúvidas sobre a adolescência**

Este foi o momento em que os sujeitos relataram/redigiram toda e qualquer dúvida que tivessem sobre o adolescer, na perspectiva de, posteriormente, promover diálogo aberto e esclarecedor sobre algumas destas incertezas existentes. Os adolescentes demonstraram dúvidas a envolver, principalmente, sexo e sexualidade.

**Dúvidas relacionadas a sexo e sexualidade:** “Sexo e sexualidade, gravidez indesejada”, “Gravidez indesejada, [o] que é melhor fazer se os pais não aceitarem aborto”, “[...] sexo”, “Como se prevenir, o que fazer para não ser influenciada pelos outros”, “[...] sexualidade, queria entender os homossexuais, como isso ocorre e como pode isso acontecer” (A1, A3, A4, A5, A7).

**Dúvidas não referidas:** “Poucas dúvidas”, “eu não tenho muitas dúvidas, mas é sempre bom saber mais.” (A2, A8)

**Dúvidas relacionadas à formação profissional:** “[...] formação profissional.” (A9)

Pelos relatos, percebeu-se que havia muita curiosidade entre os adolescentes relacionada à sexo, sexualidade e aos aspectos relacionados, embora o tema escolhido pela maior parte dos participantes para ser discutido nas oficinas tenha sido Escolha/Formação profissional. Mesmo sabendo que a sexualidade é apenas um dos aspectos da vida do homem e da mulher, não se pode negar que é também um dos mais importantes acontecimentos na vida. Conforme afirma Abdo (2004), em torno de 96% dos brasileiros consideram a atividade sexual importante.

Na adolescência, esse interesse torna-se ainda mais acentuado, uma vez que é, justamente, nesta fase que vários jovens têm muitas dúvidas sobre as questões ligadas ao corpo e à sexualidade e, em geral, por não encontrarem materiais educativos atualizados ou com uma linguagem mais objetiva e simples, ou um lugar ou pessoas que possam esclarecer dúvidas (PRIOTTO, 2008).

Alguns sujeitos também relataram não ter dúvida sobre a adolescência, característica peculiar desta população, que muitas vezes acredita ser autossuficiente. Em relação ao conhecimento, este é inesgotável e, certamente, discutir o tema adolescência entre os que estão vivendo esta fase, suscita muitas questões e problematizações, favorecendo a reflexões entre eles, que podem tomar pra si a responsabilidade nos cuidados à saúde e outras decisões importantes para o crescimento pessoal e coletivo.

#### **- Com quem converso sobre as questões da adolescência e saúde**

Nesta categoria, pretendeu-se identificar as referências dos adolescentes nos momentos de busca e enfrentamento durante as experiências vivenciadas. As categorias demonstraram os sujeitos e/ou fontes que contribuíam, especialmente, nas fases de dúvidas e questionamentos.

**Mãe:** “[...] a maioria com minha mãe”, “com minha mãe, é a pessoa que eu mais confio.” (A2, A8)

**Amigos:** “com amigos; porque me sinto mais a vontade”, “com os amigos, por que interagimos”, “com as amigas, porque me sinto mais a vontade”, “com outros adolescentes [...], porque eles me entendem mais.” (A2, A4, A5, A9)

**Com ninguém (recorro à mídia):** “falar a verdade não tenho muito com quem conversar [...]”, “com ninguém, eu simplesmente pesquiso em livros ou na internet, porque me sinto mais a vontade.” (A3, A7)

**Outros (irmãos, primos, outros não especificados):** “com minhas primas de maior, porque elas têm mais experiências e também porque tenho vergonha de discutir com meus pais”, “com adultos, porque eles têm uma experiência maior de vida”, “[...] e com minha irmã, porque eles me entendem mais.” (A1, A6, A9)

Nessas falas, os amigos, ou seja, outros adolescentes foram as principais fontes de informação e troca de conhecimentos sobre adolescência. É com os pares, nas conversas entre eles mesmos que aprendem mais sobre adolescência. Outros os citaram indiretamente, como irmãos e primos que, em geral, possuíam faixa etária próxima, percebidos como iguais.

Visualizou-se a relevância dada pelos adolescentes aos amigos no que se refere às conversas sobre a adolescência e assuntos afins, como as relativas à sexualidade. Quase todos colocaram, em momentos diversos, o fato de que os amigos eram as fontes principais de esclarecimentos de dúvidas e o apoio nas horas mais difíceis. Segundo os próprios adolescentes, isso se devia ao fato de que, por terem uma idade muito próxima entre si, os amigos entendiam melhor os problemas da adolescência do que qualquer outra pessoa. Desse modo, para a maioria dos adolescentes, nesse momento, os pais não deixam de ter importância, mas outras instâncias e outros grupos assumem valor fundamental na vida dos jovens, como citados, os amigos. Na verdade, ocorre certo distanciamento, uma vez que o adolescente já não se identifica tanto (ou não quer mais se identificar) com as figuras parentais como na infância e, a partir disso, o adolescente passa a buscar



em outros meios as vivências e experiências que necessita nesse momento de sua vida (TONATTO; SAPIRO, 2002).

A ausência de referência a professores como fontes de informação sobre os assuntos relativos ao adolecer é um fator preocupante, apesar de os estudantes terem referido, quase de forma unânime, a importância de debater tais assuntos na instituição de ensino. Isto demonstra que os docentes, mesmo compartilhando a maior parte do dia com os alunos (visto o caráter integral de ensino da instituição), não estabeleceram, ainda, vínculo efetivo com estes adolescentes.

Consoante Tonatto e Sapiro (2002), os professores, apesar de perceberem a necessidade de adotar maior abertura para o tratamento das questões relativas ao adolecer (como sexualidade), continuam sem subsídios adequados para trabalhar essas questões. Assim, geralmente, acabam por relegá-la a um enfoque totalmente biologizante, que tem a função de preservar o educador frente aos alunos, com relação aos seus próprios questionamentos, receios e ansiedades. Moizés e Bueno (2010) confirmam que é indispensável maior conscientização e maior preparo dos educadores para lidarem adequadamente com as questões do adolecer no cotidiano dos alunos, uma vez que são eles que perpassam maior tempo com os educandos, demandando instrumentalização para lidarem com os temas da adolescência.

Na tentativa de elucidar os motivos da dificuldade do estabelecimento do diálogo entre professores e estudantes, procurou-se questionar tal perspectiva com os participantes, buscando clarificar como ocorria a comunicação.

#### **- Abordagem das questões da adolescência e/ou de saúde no curso técnico ou nas aulas do ensino médio**

Nos últimos anos no Brasil, várias iniciativas governamentais têm procurado articular, de forma sistematizada e definitiva, ações entre os setores saúde e educação, embora encontrando muitas dificuldades para a implementação de estratégias eficazes. Com a estruturação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1997, a temática saúde foi, enfim, balizada como tema transversal, devendo ser abordada por todas as instituições de ensino (incluindo a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica) e docentes. Entretanto, o que a experiência

empírica tem demonstrado é que existe, ainda, dificuldade ou resistência para que as nuances relativas à saúde sejam, de fato, trabalhadas de forma articulada entre escolas e educadores e as unidades de saúde. A seguir, aduz-se a visão dos adolescentes sobre esta abordagem na instituição de ensino.

Todos os sujeitos pesquisados relataram ter recebido informações sobre as questões envolvendo adolescência e/ou saúde no ambiente escolar, não sendo possível formular nenhuma categoria a este respeito. Sobre os temas que teriam sido trabalhados e as disciplinas nas quais estes assuntos foram discutidos, destacaram-se:

**Temas abordados:**

- Sexo e sexualidade: A1, A6, A9

- Saúde (sem especificação): A2

- Álcool e drogas: A4, A6

- Alimentação: A7

- Não especificou ou não se lembra: A3, A5, A8

**Disciplinas em que o assunto foi discutido:**

- Microbiologia (curso técnico em enfermagem): A1

- Biologia (aulas do ensino médio): A2, A8, A9

- Redação (aulas do ensino médio): A3, A4, A6

- Várias disciplinas: A5

- Nutrição (curso técnico em enfermagem): A7

As categorias mostraram que apesar de todos os alunos terem referido a discussão das temáticas do adolescer na escola, quase a metade deles não soube especificar ou não se lembrou do que foi tratado. Além disso, outro ponto a merecer atenção concerne às disciplinas em que os temas foram abordados, sendo mais

mencionadas aquelas que têm em comum a particularidade relativa à saúde, como as específicas do curso técnico em enfermagem e a disciplina biologia. Destaca-se como mudança favorável da atuação da escola a inclusão dos tópicos aborto e uso de álcool e outras drogas na disciplina de Língua Portuguesa, na modalidade de produção de textos.

A inserção apontava para iniciativas que vem ao encontro da proposta do Ministério da Educação, de incluir e desenvolver temas transversais (isto é, presentes em todas as áreas do conhecimento), nos PCN, contemplando fatores determinantes de saúde. Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem como temas transversais: ética, saúde, meio ambiente, trabalho e consumo, orientação sexual e pluralidade cultural. O tema saúde adota a promoção da saúde como referencial conceitual para a abordagem dos conteúdos e construção de projetos de trabalho na escola (BRASIL, 2006).

Para Pereira (2007), praticamente, todas as escolas trabalham os temas da adolescência, em especial sexualidade, entretanto apenas como conteúdo das ciências naturais e, geralmente, o fazem por meio da discussão sobre reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem, normalmente, não abarca as ansiedades e curiosidades dos adolescentes, nem o interesse, pois enfoca apenas o corpo biológico, excluindo outras dimensões. Moizés e Bueno (2010) corroboram que existe predominância da explanação das demandas da adolescência, quando esta ocorre na escola, da disciplina de ciências/biologia, destacando que os temas não são muito bem tratados como temas transversais.

De acordo com Menezes (2004), no cotidiano escolar, é observada dificuldade no que diz respeito ao desenvolvimento de determinados temas em sala de aula, como cidadania, ética, meio ambiente, sexualidade, dentre outros, tendo em vista que alguns professores argumentam que existe desinteresse por parte dos alunos. Pesquisa realizada pelo autor, com professoras que atuam com adolescentes, observou que elas consideram que a formação inicial não possibilitou preparo teórico-prático satisfatório para lidar com os adolescentes. Tendo em vista que a graduação está focada em conteúdos específicos das disciplinas que irão

ministrar e não contemplam questões relacionadas à aprendizagem e ao desenvolvimento humano, de modo a ampliar o olhar sobre o jovem.

A responsabilidade do professor ao tratar temas relativos à saúde, como orientação sexual, significa não apenas informar, mas orientar e educar, o que implica promover nos alunos mudança de atitudes para melhor qualidade de vida, fazendo com que reflitam e tenham a postura crítica sobre problemas como: o aumento de casos de gravidez indesejada entre os adolescentes, o risco representado pelas DST, entre as quais se destaca a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), transmitida pelo vírus HIV. Questões relevantes que requerem atenção não somente das famílias, como também do ambiente escolar, em todas as disciplinas (ALMEIDA, 2006).

Entretanto, ao se colocar o professor como agente de execução dos objetivos propostos pelos PCN, adotando na disciplina os temas transversais da adolescência, há que se pensar na real condição de trabalho e na qualidade da formação profissional. A transversalidade implica a necessidade do professor não apenas dominar o conteúdo programático da matéria que é responsável, como também do conhecimento específico das disciplinas curriculares e habilidade para inserir temas transversais que fogem da especificidade que está habituado a lidar. O grande desafio é capacitá-lo para desenvolver um trabalho eficaz e esclarecedor sobre as demandas do adolescer na escola. Faz-se necessário o preparo dos professores, tornando-os bem informados e conscientes acerca da importância de sua atuação na área (RIBEIRO, 1999 *apud* MOIZÉS; BUENO, 2010).

#### **- Classificação do conteúdo abordado relativo às questões da adolescência e/ou de saúde no curso técnico ou nas aulas do ensino médio**

Após esclarecer se de fato as temáticas envolvendo saúde haviam sido abordadas nas aulas do ensino médio e/ou técnico, e de, igualmente, investigar os temas abordados e disciplinas em que foram trabalhados, inquietou averiguar a percepção dos adolescentes das estratégias utilizadas.

**Conteúdo classificado como abordado adequadamente:** “[...] um conteúdo bem falado [...]”, “uma ótima iniciativa à questão de saúde humana”, “foi bom sim era para você dizer o que é ser adolescente, foi bom, você se expressar, e depois debater”,

“Interessante”, “acho que foi bom, esclareceu algumas dúvidas que eu tinha.” (A1, A2, A3, A7, A8)

**Conteúdo classificado como abordado inadequadamente:** “Péssimo”, “[...] fraco, pois foi abordado só o básico.” (A5, A9)

**Conteúdo classificado como polêmico:** “[...] um conteúdo muito polêmico.” (A4)

**Conteúdo não classificado:** “problemas mundiais.” (A6)

Os participantes da pesquisa consideraram, em sua maior parte, que o debate dos assuntos relativos à adolescência ocorrido na escola foi realizado de forma apropriada. Mesmo incipiente, a iniciativa de se desenvolver estratégias de promoção da saúde no local do estudo, com poucos assuntos relativos a toda gama do adolecer tendo sido abordados, já existe reconhecimento pelos estudantes de que o trabalho concebido até então foi benéfico, embora dois sujeitos o tenham qualificado como de uma abordagem péssima e fraca.

Após investigar sobre como os participantes da pesquisa avaliavam as tentativas de aproximação da escola com a temática adolescência e suas nuances, indagaram-lhes se tinham algum interesse em incluir este tema nas aulas das disciplinas, e não trabalhadas de forma isolada como geralmente ocorria. Os discursos categorizados a seguir enfatizaram o anseio dos alunos de que as questões referentes ao adolecer fossem abordadas nas aulas do ensino médio e/ou do curso técnico.

**Escola como um espaço de informação e conscientização sobre o adolecer:** “sim”, “sim”, “sim, pois só assim para você poder tirar suas dúvidas, e se expressar”, “sim, pois adquirimos mais conhecimento”, “[...] sim, porque nem todos têm essas conversas com os pais e o único jeito é na escola ou nas ruas”, “sim, é importante para a conscientização dos jovens”, “com certeza”, “acho sim.” (A1, A2, A3, A4, A5, A6, A8, A9)

**Escola não deve ser um espaço de informação e conscientização sobre o adolecer:** “dependendo da disciplina, eu acho que não, muitas vezes é perda de tempo.” (A7)

Nestas manifestações, apenas um sujeito acredita não haver necessidade de dialogar sobre estes assuntos na escola. Corroborando estudo de Ayres *et al.* (2003), o qual apresentou a opinião de 712 alunos acerca do desenvolvimento de metodologias participativas para abordar as demandas relativas à adolescência, constatando altíssimo grau de aprovação: 94% consideraram que estas estratégias eram “um bom jeito de conversar”; para 3,8% “não são um bom jeito de conversar”; e 2,2% disseram “não gostar de conversar esses assuntos”.

De acordo com Branco *et al.* (2008), as escolas, gradativamente, procuram inserir, em sua prática pedagógica, questões fundamentais para a promoção da saúde. Esta inserção é essencial, pois consoante Cerqueira (2008), a escola é um espaço privilegiado por congregar, por um período importante, crianças e adolescentes numa etapa crítica de crescimento e desenvolvimento. Entretanto, a promoção da saúde na escola é uma prioridade intersetorial complexa por várias razões, visto que ainda que as atividades de educação para a saúde venham se realizando desde muito tempo, na maioria das vezes, mantêm seu foco na prevenção e no controle de doenças e muito pouco na questão da formação de atitudes saudáveis de vida.

Conforme Pereira (2007), a escola é o melhor local para discutir assuntos relativos ao adolecer, como a sexualidade, percebendo sua importância no processo de informação e conscientização, ajudando em seu desenvolvimento, formação e preparação para a vida adulta. Para Bueno (2001), a escola pode ser vista como um espaço para socialização de conhecimento, confiança e informação, tendo papel fundamental na formação do indivíduo.

### 5.3.2 Temática 2: escolha e formação profissional

Esta temática foi foco da problematização da pesquisa, por ter sido solicitada previamente pelos adolescentes durante a aplicação do questionário 1, ou seja, foi destacada esta opção como assunto para ser discutido nas oficinas. Assim, foi possível direcionar a construção do Programa Educativo envolvendo esta temática com os adolescentes. Pela subjetividade do tema, evidenciaram-se muitas dificuldades para constituição do plano de intervenção, em especial, a última etapa

do programa que seria de avaliação. Em face das múltiplas possibilidades de discussão sobre esse tema e da percepção das mudanças constantes de opinião dos adolescentes, tanto na escolha como na própria formação profissional, o desenvolvimento do PE lançou-se, então, como um desafio a ser compartilhado com os adolescentes.

Após a escolha dos sujeitos, e no desenvolvimento da etapa de investigação do PE, quando os adolescentes listaram as profissões que tinham interesse, imaginou-se que seria inviável trazer as competências de cada profissão indicada e trabalhar cada uma delas com os participantes da pesquisa. Esta impossibilidade decorreu de dois motivos: tanto pelo número elevado de escolhas feitas pelos jovens como pelo caráter mutável da própria fase da adolescência, que traz muitas incertezas e na qual a qualquer momento os adolescentes podem modificar ideias, o que inclui alterar seu projeto de vida e futuro profissional.

Nesse sentido, optou-se por trabalhar ferramentas e metodologias junto aos jovens que fossem importantes para o bom desempenho profissional, independente da profissão escolhida, como: capacidade de interação; trabalho em equipe; utilização da imaginação criativa; desenvolvimento da atividade baseada no conhecimento e na reflexão para a ação. Andrade (2010) elucida que as novas estratégias de produção e organização passam a exigir trabalhadores com amplo conhecimento e habilidades generalistas, pois eles passam a lidar com mudanças e imprevistos, além de suas atividades habituais. Assim, dissemina-se a ideia de que a qualificação do trabalhador torna-se peça chave para o sucesso da empresa, que tem se apropriado crescentemente de suas capacidades cognitivas.

Ademais, no decorrer dos debates, apresentaram-se informações sobre as profissões mais solicitadas pelos alunos para serem conhecidas, como questão salarial, mercado de trabalho, competências necessárias, na perspectiva de auxiliá-los na preparação para a escolha, considerada complexa e influenciada por diversos fatores como mídia, pais e familiares, convívio social e oportunidades. Segundo Priotto (2008), é necessário oportunizar tempo, condições e conhecimentos aos adolescentes para pensar sobre seu futuro profissional. Eles precisam estar preparados para dar conta de suas responsabilidades, funções e comportamentos. Sabendo discutir trabalho, profissão e mercado de oferta, pesquisando sobre

profissões. Entretanto, as escolas têm antecipado e predisposto os jovens ao arrependimento e à frustração, fazendo com o que o adolescente que está em uma fase de experimentação biológica, psicológica e social tenha medo de mudar e trocar suas escolhas caso sintá-se desmotivado.

É imprescindível enfatizar que não foi objetivo da pesquisa atuar na perspectiva da orientação vocacional, que é muito mais complexa e exige formação especializada. Muito menos de esgotar questionamentos e demandas levantados em toda sua abrangência e complexidade. Assim, como propõe Priotto (2008), buscaram-se por respostas a questionamentos, proporcionando mais harmonia no dia a dia dos adolescentes participantes, estimulando-os a agir com mais autonomia e responsabilidade, procurando tratá-los como indivíduos de potencialidades ilimitadas.

Para melhor compreensão das categorias explanadas a seguir, apresentam-se alguns termos e expressões e seus respectivos significados, amplamente utilizados no texto e que, em alguns casos, podem ser confundidos, inadequadamente, como sinônimos: educação profissional, formação profissional, escolha profissional e orientação profissional/vocacional.

De acordo com Luft (2000), o vocábulo formação significa ação, efeito ou modo de formar; constituição de um ser ou de uma sociedade; maneira pela qual se constitui uma personalidade, um caráter, uma mentalidade; educação. O mesmo autor define a palavra profissional como sendo relativo à profissão (atividade especializada; mister; ofício; emprego), ou seja, pessoa que exerce determinada profissão. Assim, educação/formação profissional é a ação, efeito ou modo de formar ou educar uma pessoa para exercer determinada profissão.

Com a ampliação do conceito de formação profissional, e na razão da crescente diversificação dos níveis, graus e modalidades em que se realiza, registrar-se, em sua conceituação, tendência compreensiva de todos os tipos de educação profissional. No entanto, ressalvas, nesse sentido, têm sido julgadas necessárias. No documento do Seminário Internacional sobre “Planejamento da Educação e Formação Profissional para o Desenvolvimento” – Universidade de Stanford, 1968 – Eugene Staley preocupava-se em estabelecer cuidadosas



distinções entre educação e formação, embora ambos os termos sejam comumente usados com igual significado, mesmo na literatura específica. No contexto do preparo para os quadros ocupacionais, educação significa ensino e aprendizagem, altamente, relevantes para o desempenho de todas ou de um número considerável de funções operacionais (assim como para uma imensa variedade de outros objetivos e situações na vida). Formação, por outro lado, consiste no ensino e na aprendizagem, visando a uma boa performance em uma tarefa específica ou em um conjunto de tarefas que constituam um trabalho ou atividade (DANNEMANN, 2002).

A educação, conforme dita o *caput* do artigo 1º da Lei nº. 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDBEN), abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Dessa forma, esta seria uma concepção mais generalista que formação (BRASIL, 1996b).

No que concerne à expressão escolha profissional, Barreto e Aiello-Vaisberg (2007) afirmam que é uma conduta humana, e, assim, aplica-se às condutas e, também, às escolhas. Logo, há que se considerar que, sendo influenciada por fatores pessoais e sociais, trata-se de uma manifestação vincular, o que a torna essencialmente ligada às condições concretas da existência do homem.

No que concerne à orientação profissional, esta pode ser definida como um trabalho realizado por profissionais especializados, que objetiva auxiliar a pessoa que o procura a realizar escolhas ocupacionais conscientes, considerando determinantes individuais, familiares, sociais, políticos, educacionais e econômicos, com vistas a planejar seu projeto profissional (MANSÃO, 2005).

#### **- Ensino médio concomitante ao ensino técnico**

Nesta categoria, procurou-se investigar se os adolescentes percebiam o curso técnico que frequentavam como uma possibilidade profissional futura. Dos nove estudantes integrantes da pesquisa, sete cursavam o técnico em enfermagem, um o técnico em agropecuária e um o técnico em informática. Estes estudantes estavam desenvolvendo a educação profissional associada ao ensino médio na modalidade concomitante que se refere àquela oferecida somente a quem já tenha

concluído o ensino fundamental ou esteja cursando o ensino médio, na qual a complementaridade entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio pressupõe a existência de matrículas distintas para cada curso.

Por meio do Decreto 5.154, artigo 4º, foi determinado que a educação profissional técnica de nível médio, nos termos dispostos no inciso 2, do artigo 36, artigo 40 e parágrafo único do artigo 41 da Lei nº. 9.394, de 1996, seja desenvolvida de forma articulada com o ensino médio; o inciso 1º estabeleceu que a articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio pode ser realizada das seguintes formas: integrada, concomitante e subsequente (BRASIL, 2004).

**Relacionada a uma regra / obrigatoriedade da escola:** “é uma regra da escola”, “por causa da concomitância da escola, a partir da manhã e tarde”, “pela escola fornecer os dois [...]”, “porque sou obrigada”, “porque não tem como fazer só o ensino médio e o colégio obriga fazer o técnico”, “porque era a única opção”, “porque o CABJ é o melhor colégio de Bom Jesus, e a única forma que ele disponibiliza o ensino médio é concomitante com o técnico.” (A1, A2, A4, A5, A7, A8, A9)

**Relacionada a uma oportunidade para o futuro:** “é uma oportunidade única que se tem na cidade. Você pode receber o certificado do curso quando termina o ensino médio, e sai com o emprego garantido (por assim dizer)”, “por saber que será uma grande vantagem futuramente.” (A3, A6)

Quase a totalidade dos estudantes afirmou que somente cursavam a modalidade técnica concomitante ao ensino médio por ser uma obrigatoriedade do colégio, que não oferecia modalidade de docência em que o aluno pudesse cursar apenas o ensino médio. O fato de o Colégio Agrícola de Bom Jesus ser uma instituição bem conceituada na região, com altos índices de aprovação no exame vestibular e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), parece ser um fator determinante para a procura deste colégio pelos jovens (e seus pais) para conclusão do ensino médio. O objetivo dos estudantes ao se matricularem, bem como dos responsáveis destes, no CABJ é, portanto, a aprovação no exame vestibular e/ou

ENEM, com a possibilidade do ingresso no ensino superior, e não a formação técnica.

Costa e Martins (2007), em investigação sobre as expectativas de jovens afro-brasileiros no processo de formação escolar, também observou que os alunos escolheram a escola de ensino técnico por ser uma instituição conceituada e, segundo as autoras, fator importante para o ingresso no mercado de trabalho.

É interessante notar que os dois alunos que entenderam esta indissociabilidade entre educação profissional e ensino médio como uma oportunidade para futuro foram os únicos representantes na pesquisa dos cursos técnicos em agropecuária e informática. Acredita-se que isto decorreu de dois fatores: no caso do técnico em agropecuária, existe um amplo mercado de trabalho no município para área, derivado da grande expansão agrícola ocorrida na região nos últimos anos. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município apresenta como a segunda atividade econômica mais importante a agricultura com R\$17.675 reais de seu Produto Interno Bruto decorrente deste setor, sendo ultrapassada apenas pelo setor de serviços (IBGE, 2009).

Já no que concerne ao técnico em informática, provavelmente, essa percepção de favorecimento vindouro é proveniente das múltiplas opções que o curso apresenta em praticamente todos os setores do mercado de trabalho e, também, da importância de deter conhecimento na área para enfrentar os desafios profissionais. Ademais, conforme Soares (2002), hoje, não basta ter um diploma de ensino superior, é necessário, além de ter especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado, ter conhecimento de informática e de idiomas.

Diferentemente dos achados deste estudo, na pesquisa realizada por Rosa (2008), na Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá, no Rio de Janeiro, com 2.500 alunos, sobre a razão dos estudantes participantes de estar fazendo ensino médio técnico: 65% dos alunos declararam que é para ter uma profissão e arranjar emprego, percebendo o ensino médio como fase terminal de escolaridade. Dos demais, 22% informaram que pretendiam trabalhar como técnicos e, posteriormente, fazer um curso superior e 13% não respondeu ou informou que está

fazendo o ensino médio por fazer. Além disso, entre os optantes pelo ensino médio junto ao técnico, apenas 18% declararam ser importante a integração entre as duas modalidades; estes responderam que estavam fazendo o ensino médio técnico com a finalidade de conseguir um trabalho que lhes garantisse a sobrevivência enquanto cursavam uma faculdade.

#### **- Motivos de estar fazendo um curso técnico específico**

Além de procurar entender o significado para os adolescentes de cursarem o ensino técnico ao mesmo tempo em que concluíam o ensino médio, buscou-se identificar os motivos que levavam estes sujeitos a optarem pelo curso técnico específico, ou seja, os motivos que induziam uns estudantes a escolher agropecuária, outros optarem por informática e ainda aqueles que elegiam enfermagem.

**Relacionada a interesse/identificação com a área:** “Porque eu me interessei [...]”, “Por causa do meu amor à profissão[...]”, “porque eu gosto desta área[...]”, “porque foi um curso que me chamou a atenção; que eu acho importante[...]”, “porque dentre os três oferecidos foi o que eu mais me identifiquei [...].” (A1,A2, A4, A8, A9)

**Relacionada à obrigatoriedade (imposição dos pais ou do colégio):** “[...] porque os meus pais me influenciaram a fazer, e porque a escola proporciona o ensino médio junto com o técnico [...]”, “[...] porque eu queria estudar aqui no colégio [...]”, “porque minha mãe escolheu [...]”, “porque o colégio obriga, e não quero sair do colégio, pois é de grande qualidade [...].” (A1, A3, A5, A7)

**Relacionada à aquisição de conhecimento na área:** “[...] eu estou pretendendo não é nem pela vocação, e sim porque eu já saberei o básico [...]” “porque é algo atual, que está incluído na grande mudança que ocorre mundialmente [...].” (A3, A6)

Novamente a obrigatoriedade apareceu nos discursos dos estudantes, por imposição da escola ou influencia dos pais. Mesmo aqueles que afirmaram cursar o técnico concomitante ao médio por interesse ou identificação com área o faziam apenas vislumbrando a questão profissional, não relacionando essa modalidade de ensino à formação no sentido integral.

A LDBEN 9394/96, artigo 2º, destaca que o ensino médio deve proporcionar ao jovem a formação geral e o domínio dos princípios científicos e tecnológicos que compõem a produção moderna, para depois capacitá-lo para o exercício de profissões técnicas (BRASIL, 1996b).

Sobre este assunto, Silva e Stefanini (2009), em estudo recente, concluiu que o ensino técnico possui um significado eminentemente instrumental, verificando a assimilação do discurso da empregabilidade e do contínuo “coleccionar” de certificados para o enfrentamento da concorrência no mercado de trabalho. A pesquisa realizada por Rosa (2008) demonstrou que 82% dos alunos que cursavam o ensino médio concomitante ao técnico percebiam essa modalidade de ensino apenas como uma possibilidade de ter uma profissão e entrar no mercado de trabalho, respondendo que ambas as modalidades devem ocorrer de forma concomitante para possibilitar a certificação em tempo mais curto, já que necessitam trabalhar logo.

#### **- Importância de fazer um curso técnico**

O objetivo foi, todavia, identificar se os estudantes percebiam a inserção em um curso técnico como significativa, com a possibilidade de preparação adequada, caracterizada como qualificação para o trabalho, conforme proposições do Ministério da Educação.

**Relacionada à empregabilidade logo após terminar o curso:** “[...] e também por que você terminando o ensino médio e o curso técnico você já ingressa em uma área de trabalho [...]”, “[...] e ao final sai com um certificado do técnico e do ensino médio”, “[...] você já tem um curso profissionalizante logo que termina o técnico”, “[...] nos prepara para um mercado competitivo”, “[...] é uma opção para depois que você terminar o ensino médio”. (A1, A2, A3, A6, A8).

**Relacionada à aquisição de conhecimentos, independente da empregabilidade:** “[...] você aprende muitas coisas novas”, “[...] aprendemos novas experiências”, “[...] mais conhecimento na vida é sempre bom”, “[...] o conhecimento sempre é válido em qualquer situação”. (A1, A5, A7, A9)

**Relacionada à aquisição de conhecimento para decisão quanto à profissão a ser seguida:** “[...] adquirimos conhecimento desta profissão e sabemos se é essa ou não que queremos seguir.” (A4)

Todos os estudantes concordaram acerca da significância de fazer o curso técnico concomitante ao médio, referindo que esta integração ampliava a possibilidade de empregabilidade, fosse no sentido de decidir sobre a profissão que seria seguida ou como uma opção frente ao mercado de trabalho que se apresentaria. A preocupação dos alunos esteve, portanto, em conseguir um emprego após concluir o ensino médio, mas alguns ressaltaram a importância da aquisição de conhecimentos que seriam utilizados ao longo da vida. Sobre isto, as análises realizadas por Frigotto, Ramos e Ciavatta (2005) apontam que a defesa de um ensino médio integrado ao técnico deve pautar-se em expectativas sociais mais amplas do que simplesmente preparar de forma linear para o mercado de trabalho.

Machado (2009) corrobora com a ideia de não ser mais aceitável, a afirmação de que conteúdos considerados gerais não seriam profissionalizantes; isto porque uma sólida formação geral tem sido reconhecida não apenas como um requisito de qualificação profissional no atual mundo do trabalho, como, talvez, o mais importante.

No desenvolvimento das oficinas, também percebeu-se que entre os medos relatados pelos adolescentes estava o desemprego, e entre os anseios a vontade de conseguir decidir rapidamente sobre qual profissão seria por eles seguida. Três participantes da pesquisa-ação redigiram nas anotações os seguintes discursos:

“Gostei muito [da oficina], porque conheci melhor os meus colegas, e me identifiquei com algumas coisas que eles falaram, vi que eles têm as mesmas dúvidas e as mesmas perguntas que eu me faço todos os dias e que eles têm medo de não fazer a escolha certa o que eu tenho medo também. Por isso eu peço a Deus todos os dias que me ilumine e me guie nessa trilha.” (A4)

“Espero decidir logo o que fazer de minha vida, pois não quero ficar sem fazer nada. Tenho muitas incertezas, dúvidas, medos, anseios. Medo de me tornar adulta e não saber o que quero; não quero depender de meus pais para tudo.” (A6)

“Na verdade eu queria saber qual a minha vocação...”(A1)

Rodrigues (2010) revelou que as expectativas de jovens em relação ao mundo do trabalho, realizado com alunos do curso técnico de nível médio integrado em Eletrônica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, demonstrou que um aspecto que pareceu ser comum a todos os sujeitos é o sentimento de dúvida e incerteza no que se refere ao alcance de um lugar digno no mundo do trabalho. A configuração de um novo modelo de trabalhador, exigido pelo processo de reestruturação produtiva, e seus processos de precarização das relações de trabalho, aliado à falta de experiência profissional e idade precoce se mostraram como fatores decisivos que desencadeiam um sentimento de fragilidade quanto ao futuro profissional e pessoal dos jovens.

#### **- Relação entre o curso técnico atual e a profissão futura**

Neste momento, buscou-se apreciar se a importância atribuída à formação técnica profissional, em contradição aos discursos referidos anteriormente pelos adolescentes sobre a obrigatoriedade de fazerem o técnico concomitante ao médio e não como uma escolha, decorria do medo do desemprego e de não se decidir rapidamente pela profissão a ser seguida (referidos na categoria anterior), ou se existiria, realmente, uma perspectiva profissional futura ou, pelo menos, alguma identificação com a área, no que concerne ao curso frequentado.

Os discursos assinalaram que dois adolescentes (participantes A2 e A9) percebiam que o curso técnico que estavam fazendo possuía alguma relação com a profissão que pretendiam seguir futuramente, ao passo que os demais não relacionavam (sujeitos A3, A5, A6, A7, A8) ou não sabiam (participantes A1, A4) se o curso frequentado teria relações com a sua profissionalização.

Sobre as causas de relacionarem ou não o ensino profissionalizante vivenciado e a carreira futura emergiram as seguintes categorias:

#### **Relacionada aos motivos para querer relacionar o curso técnico à profissão futura:**

- Gostar do curso técnico que está fazendo: “[...] gosto do que eu faço, tudo com amor, dedicação e afeto”, “talvez eu decida seguir ela sim, pois eu estou gostando muito.” (A2, A9)

**Relacionada aos motivos para não querer ou não saber ainda se relacionará o curso técnico à profissão futura:**

- Ter pouco conhecimento sobre o curso: “[...] estou ainda conhecendo enfermagem”, “[...] pois ainda [estou] no início do técnico.” (A1, A6)

- Não ter vocação: “[...] o que eu quero é totalmente diferente”, “[...] eu acho que não tenho vocação pra isso.” (A3, A7)

- Ter dúvidas sobre a profissão futura: “[...] As vezes eu tenho dúvida se é esta que eu quero seguir”, “[...] tenho muitas dúvidas.” (A4, A8)

As falas demonstraram que os estudantes não sabiam ou não percebiam o curso técnico que frequentavam como uma opção futura de empregabilidade, com apenas dois alunos afirmando que poderiam seguir a profissão que estavam cursando. Entre os motivos relatados pelos jovens para não querer ter a carreira de técnico em agropecuária, enfermagem ou informática, citaram: ter pouco conhecimento sobre o curso, não ter vocação e ter dúvidas sobre a profissão.

Provavelmente, o desinteresse esteve, também, relacionado à pretensão de prestar o exame vestibular e/ou o ENEM ao concluir o ensino médio. Na realização dos encontros, todos os adolescentes escreveram que almejavam cursar o ensino superior, entretanto, alguns temiam não conseguir devido à distância de suas residências dos centros de estudo. Embora o município de Bom Jesus–PI apresente vários cursos de nível superior (Agropecuária, Biologia, Engenharia Florestal, Medicina Veterinária, Zootecnia – ofertados pela Universidade Federal do Piauí; e Letras, Pedagogia e Direito – disponibilizados pela Universidade Estadual do Piauí), as profissões referidas pelos sujeitos da pesquisa como de maior interesse não são ofertadas no município, conforme mostra o Quadro 4.

Madeira (2006), em investigação sobre ensino profissional de jovens, realizado com duas turmas do curso de Informática em uma área suburbana de Lisboa – Portugal, verificou que embora uma maioria pretenda ingressar no mercado de trabalho ao concluir o curso, deseja simultaneamente prosseguir estudos. Neste sentido, as modalidades de formação profissionalizante são predominantemente



orientadas para a vida ativa, apesar de permitir também o prosseguimento de estudos.

No estudo realizado por Sparta e Gomes (2005), o vestibular foi a escolha dominante entre as cinco alternativas de atividades possíveis a serem assumidas pelos jovens, após o término do ensino médio. Esse dado indica que o estudante do ensino médio atribui grande importância ao ingresso na educação superior. Os resultados deste estudo também mostraram que os alunos das escolas públicas consideraram o ingresso imediato no mercado de trabalho como opção relevante, mostrando-se interessados na formação profissionalizante. Esses resultados podem estar associados à situação socioeconômica dos participantes, já que a entrada imediata no mercado de trabalho subentende o aumento da renda familiar. Por outro lado, a importância atribuída pelos estudantes à alternativa pelo curso pré-vestibular pode ter relação com uma preocupação com a qualidade de formação escolar, questão esta já apontada pela literatura.

Ainda, no estudo realizado por Silva e Stefanini (2008), os alunos mais jovens se orientavam para o ensino técnico, buscando inserção profissional e uma garantia caso não adquiram um futuro *status* profissional pela via do ensino superior. Já os alunos de maior faixa etária demonstravam o abandono de expectativas de trajetórias no ensino superior e passavam a buscar, com o ensino técnico, meras melhorias no mercado de trabalho e/ou promoções de cargo.

#### **- Demonstração das profissões de maior interesse pelos jovens**

Durante a implementação do Programa Educativo, no momento de investigação, aplicamos um instrumento (APÊNDICE B), baseado na proposta de Priotto (2008), no qual os participantes deveriam escolher as profissões que deveriam ser abordadas na oficina. Eles poderiam marcar mais de uma opção, incluindo todas aquelas que tinham muito ou pouco interesse e, ainda, foi reservado espaço para escreverem algum ofício que não tivesse sido listado no instrumento.

<b>Profissão</b>	<b>Frequência</b>
Médico	8
Enfermeiro	7
Psicólogo	5
Administrador	5
Assistente Social	4
Dentista	4
Fisioterapeuta	4
Técnico em Enfermagem	4
Advogado	3
Arquiteto	3
Artista	3
Bibliotecário	3
Compositor	3
Dançarino	3
Ecologista	3
Economista	3
Pedagogo	3
Professor	3
Veterinário	3
Outros*	69

**QUADRO 4** – Distribuição das profissões referidas pelos alunos como de maior interesse para serem explanadas na realização das oficinas.

\*Profissões referidas por dois ou apenas um aluno (Agricultor, Agrônomo, Agropecuarista, Analista de Sistema, Apicultor, Apresentador, Atleta, Ator, Aviador, Biólogo, Bioquímico, Bombeiro, Cantor, Capoeirista, Cineasta, Coordenador, Costureiro, Decorador, Desenhista, Detetive, Diarista, Diplomata, Economista, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Entrevistador, Escritor, Escultor, Estilista, Farmacêutico, Filósofo, Floricultor, Fotógrafo, Fonoaudiólogo, Guia Turístico, Historiador, Cientista, Jogador de Futebol, Jornalista, Juiz, Marinheiro, Massagista, Matemático, Metalúrgico, Motorista, Pintor, Poeta, Político, Repórter, Técnico em Informática, Vendedor).

Na análise, quase todos os itens da planilha foram marcados pelos alunos, sendo que as profissões mais referidas (e trabalhadas nos encontros) foram: medicina, enfermagem, psicologia e administração. Aqui duas situações foram destacadas: a primeira foi a variabilidade de carreiras sugeridas como de interesse pelos alunos e a segunda foi a prevalência das áreas das ciências da saúde, com medicina e enfermagem citadas por oito e sete estudantes, respectivamente.

Sobre a questão da diversificação de carreiras apontadas, acredita-se que se relaciona à própria fase que os participantes estão vivenciando, caracterizada, como já descrito na literatura (ALMEIDA, 2009; NASCIMENTO, 2006; TEIXEIRA; HASHIMOTO, 2005), por ser uma escolha arraigada a conflitos, dúvidas e indecisões, própria da fase em que se encontram. Para Almeida (2009), os

adolescentes, pelo momento vivenciado, estão em fase de exploração, ensaios, de testarem seus recursos psíquicos e interesses, sendo que, em muitos casos, alguns também acabam por precipitar em escolher por não tolerarem a dúvida, os conflitos, ou mesmo, a pressão na escola, de professores e colegas, e em casa, dos seus familiares.

Sobre o assunto, Leitão e Miguel (2004) salientam que a prática profissional pode ser considerada uma das atividades de maior importância na vida de um indivíduo adulto, sendo que é na adolescência, fase na qual se intensificam as dúvidas a respeito do futuro que os interesses profissionais começam a evidenciar-se, tendendo a se resolver até o início da vida adulta.

Ademais, Teixeira e Hashimoto (2005) adicionam que o jovem não consegue se decidir entre muitas profissões, porque escolher uma significa deixar de viver todas as outras possibilidades que então se apresentam. Quando se decide por uma profissão, perdem-se todas as outras, isto é, excluem-se as outras escolhas profissionais, porém se ganha “uma perspectiva de futuro”. São questões importantes a serem consideradas e que muitas vezes estão presentes nas situações de escolha e decisão.

Já no que concerne à preferência pela área da saúde, esta decorre da maior parte dos participantes da pesquisa cursarem o técnico em enfermagem, cujo interesse pode ter surgido, previamente, à inserção ao ensino médio ou ter sido despertado ao longo do curso, ou, ainda, ambas as hipóteses. Além disso, existe, atualmente, no Nordeste, grande procura pela área das ciências da saúde, em especial medicina, relacionada aos exorbitantes salários ofertados e à percepção de “status social” trazida pela profissão. Dados da Universidade Federal do Piauí apontam que o vestibular para Medicina é o mais concorrido neste estado, com 52,52 candidatos inscritos para uma vaga em 2010, tendo ultrapassado a concorrência para o mesmo curso neste mesmo ano da Universidade de São Paulo (UFPI, 2010).

Segundo Fernandes e Narita (2000), os dados do Censo de 1980 a 1991 para calcular os diferenciais controlados de rendimentos entre as formações mostram que o curso de medicina apresenta o maior rendimento entre as carreiras,

quase duas vezes maior que geografia, a carreira que tem o menor rendimento. Os autores ainda apontam que as formações que apresentam maiores rendimentos também são as mais concorridas nos vestibulares. Maffei (2008) afirma que os fatores econômicos estão muito mais presentes do que se imagina na hora da escolha profissional, pois os jovens ao fazer suas escolhas têm utilizado como critério de decisão o mercado de trabalho, se uma profissão está gerando emprego hoje, automaticamente o jovem inclina-se a ela.

Lara *et al.* (2005) afirmam que para os adolescentes que têm um alto poder aquisitivo assegurado pelos pais, é possível notar que há uma maior preocupação com a realização pessoal e já para os adolescentes de famílias menos favorecidas e pertencentes à classe média, percebe-se uma preocupação maior com o padrão financeiro, ainda que direcionado à satisfação pessoal.

#### **- Conhecimento dos adolescentes sobre as profissões**

No desenvolvimento da estratégia educativa, investigou-se o conhecimento prévio dos estudantes sobre as profissões por eles escolhidas, no intuito de balizarmos as ações/intervenções que seriam com eles construídas. Buscou-se pelo entendimento da visão dos adolescentes sobre o que seriam para eles “aqueles ofícios” apontados, identificando até que ponto as competências, as funções, as questões gerais de cada profissão por eles referidas estavam pautadas em conhecimento prévio.

Neste processo, destaca-se que valorizar o conhecimento dos discentes sobre os conteúdos em estudo (sejam eles “curriculares” ou não) é um passo fundamental na arte de educar. Conforme Freire (2009), o professor ou, mais amplamente, a escola tem o dever de não apenas respeitar os saberes dos educandos – saberes socialmente construídos na prática comunitária, mas também, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao ensino dos conteúdos.

Pensando nisso, decidiu-se problematizar também com eles, o que de fato queriam saber sobre aquela(as) profissão(ões) que escolheram. Assim,

proporcionar as reflexões expostas, seguidamente, nas categorias sobre o aprendizado que eles gostariam de construir relacionado às profissões.

**Relacionada ao salário:** “[...] tem uns com salários altos, outros baixos; a que eu mais me identifico é com dentista, bom eu acredito que é uma área em que o salário é bem alto, é bem conhecida no mercado [...]”, “[...] algumas eu sei que dá muito dinheiro [...].” (A1, A7)

**Relacionada a pouco conhecimento:** “não sei muita coisa só o básico, a técnica”, “[...] na verdade eu não sei muita coisa; são profissões que me chamaram a atenção”, “[...] não [sei] muita coisa; marquei por ser os *mais interessantes* para mim.” (A3, A8, A9)

**Relacionada ao mercado de trabalho:** “[...] há uma grande concorrência no mercado de trabalho”, “[...] são bem interessantes e que hoje no mercado de trabalho está bem difícil.” (A5, A6)

**Relacionada às especificidades das profissões:** “[...] são profissões que mostram seus cuidados e atenções”, “[...] é relacionado à saúde, a pessoas.” (A2, A4)

As informações que os estudantes detinham sobre as profissões eram ainda muito restritas. Mesmo os adolescentes que referiram algum conhecimento relacionaram a profissão a demandas inespecíficas como salário e mercado de trabalho, sem também apresentar aprofundamento sobre estas variáveis. É importante destacar que os sujeitos participantes cursavam o segundo ano do ensino médio e, portanto, se preparam para ingressar em uma universidade ou diretamente no mercado de trabalho, ou ainda as duas opções. Embora apresentassem dúvidas sobre a profissão a ser seguida (o que é de se esperar em virtude da faixa etária, como já anteriormente referido), é imprescindível que educadores, pais e comunidade empenhem-se em apresentar a estes jovens as alternativas relacionadas ao trabalho e à educação, para que de forma consciente e autônoma possam de fato decidir sobre qual caminho a ser seguido.

Lara *et al.* (2005) esclarecem que é importante que o jovem conheça as várias profissões, a si mesmo e as influências que atuam sobre ele para poder fazer

uma escolha satisfatória. Os autores ainda concluem em estudo que os adolescentes julgam como facilitador, para a escolha, informações sobre as profissões e gostariam de ter orientação profissional dentro da escola, incluída na grade curricular, pois essa auxilia o adolescente a desfazer as imagens distorcidas sobre as profissões e, além do mais, promove o autoconhecimento e o conhecimento das variadas profissões.

Corroboram-se Teixeira e Hashimoto (2005) quando destacam que escolher uma profissão não significa apenas escolher que curso (profissionalizante ou de nível superior) fará, como também o início do compromisso com o mundo adulto, que permeará todo o processo de busca de progressão profissional. Apesar disso, de acordo com Lara *et al.* (2005), muitos jovens acabam tomando decisões imaturas por serem pressionados a tomar decisões imediatas. Acabam fazendo escolhas erradas, das quais podem vir a se arrepender mais tarde e ter de retornar ao ponto de partida, ou seguir com uma escolha insatisfatória.

Complementando, os autores citados ainda questionam: a escola está cumprindo sua verdadeira função que é a de ser agente formadora de pessoas na produção do saber? Há muita informação em livros, jornais, revistas, internet, mas esse capital cultural não está de acordo com a realidade do jovem da atualidade, esta cultura não vem ao encontro com o cotidiano do jovem. Em consequência disso, o jovem não se sente preparado para escolher uma profissão, mas se percebe sob a pressão de uma sociedade que exige dele a independência e autonomia financeira, pois a adolescência é o período de passagem para a vida adulta (LARA *et al.*, 2005).

Nessa perspectiva, é imprescindível, como estabelece Moura, Garcia e Ramos (2007) que os docentes percebam a importância da integração de conhecimentos no currículo escolar. Os professores de Química, de Matemática, de História, de Língua Portuguesa podem tentar pensar em sua atuação não somente como professores da formação geral, como também da formação profissional, desde que se conceba o processo de produção das respectivas áreas profissionais na perspectiva da totalidade.

Destaca-se, ainda, que esta indecisão tão presente neste processo de escolha, observada nos registros escritos feitos pelos alunos e ressaltada nos discursos realizados na abertura dos debates, vem ao encontro das ideias de Freire (2000) sobre o que ele chama de “tirania da liberdade”, em que os jovens, são habituados, ainda crianças, “ao tudo podem”. Assim, submetidas ao rigor sem limites da autoridade arbitrária, as crianças experimentam fortes obstáculos ao aprendizado da decisão, da escolha, da ruptura, tornando-se adolescentes e jovens com as mesmas dificuldades.

Para Barreto e Aiello-Vaisberg (2007), os jovens são criados atualmente de forma diferente do modo mais tradicional, que já dava responsabilidades paulatinamente, não ocasionando grande diferença entre a infância e a adolescência. A prática atual parece realmente estabelecer uma divisão drástica entre mundo infantil e adulto, contribuindo para o medo do futuro e para a dificuldade do estabelecimento de metas. Voltando tal prática para a questão da escolha profissional, antigamente, era natural que os pais escolhessem a profissão para os filhos, o desejo paterno era entendido como caminho natural e seguro para a escolha profissional: eram os pais quem diziam quem seria padre, quem estudaria, e se estudaria direito ou medicina. Hoje, é fundamental acompanhar o avanço da liberdade individual. Se, antigamente, havia dezenas de profissões possíveis entre aquelas que exigiam cursos de nível médio e superior, hoje há mais de uma centena de cursos de graduação, além das especializações possíveis que demandam novas escolhas e oferecem novas possibilidades.

Após identificar o conhecimento prévio destes adolescentes sobre os aspectos gerais das profissões, instigou-se o interesse dos sujeitos sobre o que eles, de fato, gostariam de saber sobre estas profissões no desenvolvimento das oficinas.

**Relacionada ao salário:** “quanto recebe? Se é uma área de trabalho boa”, como escolher uma profissão [...] que me faça ganhar bem”, “quais as profissões que estão em alta e que dão mais dinheiro.” (A1, A7, A9)

**Relacionada às especificidades da profissão:** “os cuidados, os deveres, os fazeres.” (A2)

**Relacionada à vocação:** “eu gostaria de saber qual é a minha vocação; que eu já mudei tanto a minha opinião que eu já nem sei, mas qual o que eu quero”, “[...] principalmente como saber se você tem vocação para a profissão que escolher e como descobrir a carreira que quer seguir.” (A3, A8)

**Relacionada à satisfação:** “como optarmos para escolher uma profissão que gosto realmente”, “como eu posso me interessar mais ainda sobre a minha escolha profissional”, “como escolher uma profissão que me agrada.” (A4, A5, A7)

**Relacionada às profissões mais procuradas:** “qual mais interessa os jovens atualmente.” (A6)

Novamente sobressai o aspecto salarial como uma das maiores preocupações dos adolescentes, além das inquietações sobre vocação e satisfação profissional. Procuramos, assim como solicitado pelos adolescentes, incluir no Programa Educativo informações sobre estas temáticas, tentando elucidar que as questões envolvendo a descoberta da vocação são muito mais complexas e necessitam de acompanhamento especializado, já que envolvem muitas nuances da vida individual, familiar e até mesmo social desses jovens. A necessidade da inclusão da orientação profissional no espaço escolar é, portanto, uma sugestão à direção e colegiado da instituição de ensino sede do estudo na etapa de devolução dos achados.

Sobre a inquietação dos adolescentes no que concerne ao tema salário e relacionando-a com o fato de todos os estudantes terem mencionado almejar a inserção na universidade, esta também é uma situação discutida por outros pesquisadores. Casari (2006) refere que as pessoas que escolhem investir na educação superior esperam obter diferencial de salário em relação àqueles que alcançaram somente o ensino médio. Muitos estudos tem demonstrado como e quanto o investimento em educação e, especificamente, no ensino superior origina benefícios. A autora, citando Betts (1995), complementa que a percepção das pessoas sobre a renda é determinante para a escolha profissional, entretanto, assim como nesta pesquisa, estudantes americanos têm pouco conhecimento sobre os salários das diferentes áreas de trabalho ao iniciar a graduação, este conhecimento aumenta ao longo do curso.



Fatores como renda, perspectiva de empregabilidade, taxa de retorno, *status* associado à carreira ou vocação fazem parte do processo de decisão individual para escolha da profissão a ser seguida. Espera-se que uma pessoa escolha a carreira que lhe proporciona o maior fluxo esperado de utilidade dentre todas as opções (BARTALOTTI; MENEZES-FILHO, 2007).

#### **- Motivação para escolha profissional**

Nesta categoria, o aspecto salarial continuou a ser discutido entre eles e, juntamente com a vocação, constitui aspecto de maior relevância, segundo os jovens da pesquisa, para decisão da carreira a ser seguida.

**Relacionada ao salário:** A1, A5, A7, A9

**Relacionada à vocação:** A1, A2, A4, A5, A6, A7, A9

**Relacionada à influência dos pais:** A1, A5, A9

**Relacionada ao reconhecimento social:** A3

**Relacionada à influência dos amigos:** A9

Na análise das categorias, para o grupo de adolescentes participantes, atualmente, os aspectos mais relevantes no processo de escolha profissional são a vocação e o salário, tendo a influência dos pais ocupado a terceira posição na opinião dos jovens e referida sempre em associação com outras categorias já mencionadas. A preocupação com a rentabilidade e a ansiedade em se descobrir “o que de fato eu quero ser quando crescer” já havia sido demonstrada em outros questionamentos anteriormente expressos e também percebidas durante a realização dos encontros educativos. Na realização da dinâmica “Estrada da Formação: o caminho que quero trilhar”, integrante da etapa Sensibilização/Problematização do Programa Educativo, os estudantes relataram em suas anotações os significados do processo de escolha profissional vivenciado e também referiram (de forma direta ou indireta) salário, vocação e influência dos pais como fatores predisponentes na eleição da carreira a ser seguida.

Eu espero ser alguém na vida, seguindo os meus valores [...] espero ter uma família, uma boa condição financeira, uma profissão que eu goste [...]. (A2)

Eu acho muito bonito área da medicina, mas acho que não tenho muita vocação, antes meus pais diziam que não dava. Na verdade eu queria saber qual a minha vocação [...]. (A6)

“[...] Um caminho de sabedoria, conhecimento, um caminho onde eu possa verdadeiramente descobrir, o que quero de verdade.” (A1)

[...] meu pai ele opina e eu não quero seguir o que ele quer, se bem que eu tenho uma certa vocação para ser cabelereira, mas não é muito o meu rock, meu tipo, quero outra coisa algo me chame a atenção que eu goste e não só porque meus pais querem ou porque tenho medo de magoá-los, porque tenho medo de deixá-los tristes [...]. (A4)

A influência dos pais pesa muito, pois nós sempre queremos agradar a eles e nem sempre o que queremos é o mesmo que eles querem [...]. (A9)

Eu amo muito meu pai e eu quero que ele se orgulhe de mim, mas essa é uma barreira muito forte, mas não culpo ele de maneira nenhuma, pois sei que ele só quer o melhor pra mim [...]. (A7)

[...] quero ir bem longe onde posso me orgulhar de mim mesma. Quero dar uma vida melhor para meus pais, quero retribuir em dobro o que eles fazem por mim. (A3)

Verificou-se que a importância dada à opinião dos pais foi recorrente, mesmo que não referida claramente. Isto acontece, pois segundo Lara *et al.* (2005), embora a forma aberta de manifestação dos pais a respeito das profissões esteja sendo deixada de lado, ela está dando lugar a métodos mais sutis de influência sobre os filhos, por meio de certa sugestão social, carregada de mensagens subliminares - valorização ou desvalorização de certas profissões. Isso sugere que os pais podem estar empurrando seus filhos na direção de uma profissão que eles mesmos desejaram um dia, ou, pais que detestam a própria profissão, irão ressaltar os aspectos negativos de sua carreira, esquecendo que todas as profissões possuem dois lados, o positivo e o negativo.

A escolha da profissão é um momento em que a família também vivencia uma crise, pois implica a possibilidade de continuidade de seus projetos. A expectativa dos pais, que aparece de diferentes formas, nem sempre explícitas, torna ainda mais intrincado o período da adolescência (TEIXEIRA; HASHIMOTO, 2005).

A tarefa primordial de um pai (aqui se entenda mãe também), amoroso da liberdade, mas não licencioso, zeloso de sua autoridade, mas não autoritário, não é *manejar* a opção partidária, religiosa ou profissional de seus filhos, “guiando-os” para

este ou aquele partido ou esta ou aquela igreja ou profissão. Pelo contrário, sem omitir lhes sua opção partidária, religiosa ou profissional, o que lhe cabe é testemunhar-lhes sua profunda amorosidade pela liberdade, seu respeito aos limites sem os quais a liberdade fenece, seu acatamento à sua liberdade em aprendizagem, para que eles e elas, amanhã, a usem plenamente no domínio político e no processo de escolha profissional tanto quanto no domínio da fé. É fundamental, do ponto de vista da mentalidade democrática, não enfatizar a importância espontânea do testemunho de pai ou mãe sobre a formação dos filhos. O ideal, reconhecendo esta importância, é saber usá-la e a melhor maneira de aproveitar a força de seu testemunho é exercitar a liberdade do filho no sentido da gestação de sua autonomia. Quanto mais filhas e filhos se vão tornando-se “seres para si” tanto mais se vão fazendo capazes de reinventar seus pais, em lugar de puramente copiá-los ou, às vezes, raivosa e desdenhosamente, negá-los (FREIRE, 2000).

Sobre o valor dado a rentabilidade, Lara *et al.* (2005) constataram em sua pesquisa, com alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola estadual do Paraná, que a consequência levantada pelos entrevistados que já fizeram a escolha profissional está voltada para o possível retorno financeiro. Já os adolescentes que ainda não fizeram a escolha levantam como consequência a realização pessoal no trabalho. Muitos dos entrevistados colocaram como critério para sua escolha profissional o interesse e gosto, além do gosto estar relacionado à definição da identidade, esse critério também está ligado à história de vida do indivíduo. Porém, pode-se perceber que, muitas vezes, isso deve ser deixado de lado, e o que prevalece para a decisão é a realidade social, em que o jovem precisa escolher o curso conforme sua situação financeira.

Todavia, mesmo com esta veemência atribuída pelos adolescentes à questão financeira sobre a escolha profissional, em praticamente todas as categorias analíticas, é imprescindível, como educadores, que se possibilite aos estudantes uma releitura de mundo, na qual, possam perceber que todas as atividades de trabalho, embora diferentes, apresentam sua importância. É necessário, conforme Freire (2000), uma releitura do mundo, no processo de formação do educando, que não inferiorize o trabalho do “dependente”, a partir de uma ideologia dominante, intensificando sua subordinação. Por grande que seja a força condicionante da economia sobre o comportamento individual e social, não se

pode aceitar a total passividade perante ela. Na medida em que se aceita que a economia exerce sobre nós um poder irreconhecível, não se tem outro caminho senão renunciar à capacidade de pensar, de conjecturar, de comparar, **de escolher** [grifo do autor], de decidir, de projetar, de sonhar.

#### **- Entendimento sobre formação profissional**

Nesta categoria, os adolescentes expressaram o significado desta expressão, demonstrando o que realmente entendiam sobre o assunto, o modo como estavam vivenciando a experiência no ambiente social.

**Entendida como uma formação em uma área/profissão determinada:** “[...] é uma formação que você teve na área que você fez algum dia”, “uma ótima formação pelo que você foi atrás e conseguiu com esforço seu trabalho”, “é quando uma pessoa escolhe uma determinada profissão para se formar”, “é uma formação de pessoas capacitadas para exercer determinada profissão”, “é quando uma pessoa está preparada para exercer a profissão, em que ela se empenha.” (A1, A2, A4, A6, A7)

**Entendida como uma formação para a vida:** “é se formar para a vida”, “é a preparação para a vida; é a decisão do que queremos ser.” (A8, A9)

**Entendida como algo que deve ser feito para sobreviver:** “quase nada, só sei que é o que devemos fazer para nos sustentar.” (A5)

Os adolescentes participantes percebiam, portanto, em sua maior parte, a formação profissional como uma constituição para uma carreira específica, não integrada à formação para vida. É importante enfatizar, conforme propõe Silva e Stefanini (2009) que os significados que os sujeitos de pesquisa atribuíram à escolarização técnica e, conseqüentemente, à formação profissional, devem ser compreendidos como fruto de influência mútua entre aspectos subjetivos e objetivos e resultantes de um processo dialético, contraditório e histórico de apropriações e objetivações. Eles são revestidos por sentidos singulares de cada um dos estudantes e relacionam-se às oportunidades educacionais e profissionais e às condições objetivas de formação humana delimitadas pelo contexto histórico e atuais tendências do ensino técnico de nível médio.

A importância dada, pois, a questão financeira para a motivação da escolha profissional, o medo do desemprego, o anseio em descobrir, rapidamente, a profissão a ser seguida e o significado atribuído à formação apenas na perspectiva da profissionalização revela, de certo modo, como também referem os autores supracitados, a crise dos empregos e a precarização social e do trabalho, que faz acirrar a concorrência por capital cultural e que esta ocorre por meio de diferentes estratégias, que variam de acordo com a posição ocupada no espaço social e o perfil e etapa da configuração familiar.

Entretanto, é essencial que o educador se posicione, diante desta realidade, não apenas como mero espectador, que nada pode fazer perante o inevitável. Conforme Freire (2000), uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta. É trabalhar a genuinidade dessa luta e a possibilidade de mudar, vale dizer, é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores. É defender uma prática docente, em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra. A necessária formação técnico-científica dos educandos nada se refere à estreiteza tecnicista e cientificista que caracteriza o mero treinamento. É por isso que o educador progressista, capaz e sério, não apenas deve ensinar muito bem a disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica em que é uma presença.

## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

---

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A adolescência é uma temática complexa, que desperta o interesse de muitos estudiosos, instigando tantas investigações. Quanto mais se estudam, mais questões inquietam e, deste modo, percebe-se a necessidade de continuar pesquisando o tema. Assim, toda investigação tem o seu caráter inacabado e a sua necessária e expectante ampliação.

Nesta pesquisa, o objeto de estudo foi adolescentes de uma escola de ensino médio profissionalizante e os significados que estes atribuem à adolescência, à saúde e à formação profissional. Através da delimitação, intentou-se entender as dificuldades e as preocupações de jovens sobre o adolecer que estavam vivenciando, que poderiam interferir para que este processo não se desenvolvesse de uma forma saudável. A ênfase foi dada ao papel exercido pela escola e por seus professores. O processo de construção da proposta educativa utilizou pressupostos da pesquisa-ação e da educação libertadora.

Na inclusão dos sujeitos da pesquisa, houve pouca participação dos estudantes dos outros cursos técnicos, dos quais as pesquisadoras não eram docentes (agropecuária e informática), apontando que as tentativas de aproximação com as demais turmas, por meio da realização de encontros com os adolescentes e reuniões de pais e mestres, ainda foram insuficientes. Entretanto, a participação dos discentes dos cursos técnicos em agropecuária e informática poderá ser melhor sucedida em estudos posteriores, sendo corrigida esta deficiência, visto que, como já referido, esta pesquisa dará margens a outros estudos, que poderão ser realizados pelas próprias pesquisadoras deste ou por diversos estudiosos que desejarem aprofundar esta temática.

Entre os resultados assinalados pela investigação, os adolescentes atribuíram à adolescência um sentido de transformação, com concepções com certa base teórica, ainda que referidas de maneira simplista; além disso, apresentaram muitas dúvidas sobre esta fase e sobre as questões envolvendo saúde, em especial, sexo e sexualidade, embora tenham optado como temática a ser trabalhada nas

oficinas Escolha e Formação Profissional. Os participantes consideraram seus pares como as principais fontes de informação sobre os motes, envolvendo o adolescer e a saúde, e mesmo referindo que na escola eram abordados assuntos da adolescência, o estudo apontou que existe, ainda, uma aproximação incipiente da instituição no que diz respeito a estes assuntos.

A pesquisa demonstrou, tanto pela revisão de literatura como pelo próprio anseio dos adolescentes, que enfatizaram ser a escola o melhor local para serem trabalhadas as nuances da adolescência e da saúde, a importância de que estas instituições de ensino e professores instrumentalizem-se e envolvam-se, de fato, no tratamento destas questões, uma vez que são os educadores que passam a maior parte do tempo com estes sujeitos.

No que diz respeito aos aspectos envolvendo a temática formação profissional, o estudo explicou que os adolescentes que cursavam o ensino técnico não percebiam esta profissionalização como opção de carreira a ser seguida, referindo a obrigatoriedade da escola, que não oferecia a modalidade de docência em que o aluno pudesse cursar apenas o ensino médio, como o motivo por estarem cursando o ensino técnico concomitante ao médio. Contraditoriamente, todos os estudantes concordaram acerca da importância de cursar a modalidade curso técnico simultaneamente ao médio, referindo que esta integração ampliava a possibilidade de empregabilidade, no sentido de decidir se era a profissão que seria seguida ou como uma opção frente ao mercado de trabalho que se apresenta.

Ademais, a investigação constatou que os estudantes não sabiam ou não percebiam o curso técnico que frequentavam como uma opção futura de empregabilidade, apontando como motivos para esta recusa ou indecisão o fato de terem pouco conhecimento sobre o curso, ou de não terem vocação ou, ainda, de terem dúvidas sobre a profissão. Este desinteresse estava, também, relacionado à pretensão de prestar vestibular ao concluir o ensino médio, citada por todos os adolescentes.

Em síntese, os sujeitos consideraram importante concluir o curso técnico, porém não o percebiam como alternativa de carreira a ser seguida, e somente o cursava pela obrigatoriedade imposta pelos pais ou pela própria escola. Tantas



contradições apresentadas pelos estudantes sobre o sentido da formação profissional e suas relações com o fato de cursarem uma escola de ensino técnico demonstra a necessidade de orientação. É preocupante a percepção de que estudantes do 2º ano do ensino médio, com pouco mais de um ano para conclusão desta etapa e possível inserção no mercado de trabalho, ainda encontrarem-se tão confusos e desejosos por serem norteados neste caminho.

Assim como também debatido amplamente por vários estudiosos do assunto, a pesquisa demonstrou que para os adolescentes o processo de escolha profissional é bastante complexo, apresentando muitas dúvidas (quanto à opção pela profissão a ser seguida), medos (de não obterem êxito no processo de escolha, do desemprego, de continuarem a depender dos pais) e anseios (de decidir rapidamente a profissão almejada). Além disso, identificaram como principais motivos para tomarem a decisão a vocação e o salário, tendo a influência dos pais ocupado a terceira posição na opinião dos jovens e referida sempre em associação com os outros pontos já mencionados. A questão salarial foi amplamente citada pelos jovens, em praticamente todas as categorias desta temática, demonstrando que o aspecto financeiro é, hoje, um dos fatores determinantes para os adolescentes optarem por uma carreira e adentrarem no mercado de trabalho, tanto pela influência exercida pelos pais como pelo valor atribuído ao status social.

Sobre o sentido da formação profissional, os participantes perceberam-na como uma formação para uma carreira específica, não integrada à formação para vida.

Finalmente, como contribuição deste estudo, delineiam-se propostas, entre elas a necessidade premente da inserção nesta instituição de estratégias de Orientação Profissional, com profissionais devidamente qualificados, para auxiliar os adolescentes a vivenciarem e passarem por este momento, sem maiores percalços. Outra sugestão é que todos os docentes da instituição devem procurar abordar esta temática em suas disciplinas, oferecendo maior apoio aos jovens neste momento. Ademais, é essencial que a escola forneça maiores informações sobre as múltiplas profissões para as quais os estudantes possam se direcionar, de forma que estes ampliem visões e conheçam as opções de modo mais consistente para tomarem suas decisões de maneira verdadeiramente autônoma.

Urge, ainda, o desenvolvimento de estratégias conjuntas (setor saúde, escola e comunidade) para a implementação efetiva dos temas transversais nesta instituição de ensino, conforme proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, de forma a instrumentalizar colégio e docentes a exercerem atividades que abordem os temas relativos à adolescência e à saúde.

Apresenta-se, também, como proposição desta investigação a inserção de estratégias de ensino na perspectiva da educação libertadora, com vistas à reflexão para ação. Porém, esta é uma decisão da instituição e do educador, que tem sua autonomia e compromisso social com esta causa. Neste sentido, o autor se disponibiliza a sensibilização dos envolvidos, por meio da apresentação, discussão e reorganização das propostas, conjuntamente à direção, professores, estudantes e pais/responsáveis, construídas a partir dos resultados da investigação.

## ***REFERÊNCIAS***

---

## REFERÊNCIAS

ABDO, C. **Estudo da Vida Sexual do Brasileiro**. São Paulo, Bregantini, 2004, 193 p.

AERTS, D. *et al.* Promoção de saúde: a convergência entre as propostas da vigilância da saúde e da escola cidadã. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, jul./ago. 2004.

ALMEIDA, T. J. B. Abordagem dos temas transversais nas aulas de ciências do ensino fundamental, no distrito de Arembepe, Município de Camaçari. **Revista Virtual**, Candombá, v. 2, n. 1, p. 1-13, jan./jun. 2006.

ALMEIDA, F. H. **Orientações de pais com filhos em processo de escolha profissional**: uma intervenção em grupo operativo. 299f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, 2009.

ALVES, C. R. L; VIANA, M. R. A. **Saúde da família**: cuidando de crianças e adolescentes. Belo Horizonte: Coopmed, 2003. 282 p.

ANDRADE, F. R. B. A nova realidade no mundo do trabalho e o desafio da articulação do ensino médio com a educação profissional no Brasil e no Ceará. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 33. 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2010. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT09-6422--Int.pdf>>. Acesso em: 12 ago., 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM – ABEn. **Adolescer**: Compreender, Atuar e Acolher. Brasília: ABEn, 2001. 304 p.

AYRES, J. R. DE C. M. *et al.* Adolescência e AIDS: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 7, n. 12, fev. 2003.

BARRETO, M. A.; AIELLO-VAISBERG, T. Escolha profissional e dramática do viver adolescente. **Psicologia & Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 107-114, jan./abr. 2007.

BARROS, L. de O.; MATARUNA, L. A saúde na escola e os parâmetros curriculares nacionais: analisando a transversalidade em uma escola fluminense. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 10, n. 82, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd82/saude.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

BARTALOTTI, O.; MENEZES-FILHO, N. A relação entre o desempenho da carreira no mercado de trabalho e a escolha profissional dos jovens. **Revista Economia aplicada**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 487-505, out./dez. 2007.

BASTOS, O. M.; DESLANDES, S. F. Adolescer com deficiência mental: a ótica dos pais. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, jan./fev. 2009.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, abril, 2004.

BOGDAN, R; BIKLEN S. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRANCO, V. M. C. *et al.* Saúde do Adolescente no Município do Rio de Janeiro: escolas como parceiras privilegiadas. In: Brasil. Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil**. Brasília: MS, 2006. 272 p. Série Promoção da Saúde, n. 6. p. 170-180.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas reguladoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996**. Informe Epidemiológico do SUS 1996; v.5, n. 2, p. 14-41, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Base da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 26 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Decreto nº 5.154, de 23 de JULHO DE 2004**. Regulamenta o inciso 2º do artigo 36 e os artigos 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 jul. 2004. Disponível em: [http://www.idep.ac.gov.br/docs/leg\\_fed/dec5154\\_04.pdf](http://www.idep.ac.gov.br/docs/leg_fed/dec5154_04.pdf). Acesso em: 26 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Escolas promotoras de Saúde: experiências do Brasil** / Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde. Brasília: MS, 2006. 272 p. Série Promoção da Saúde; nº 6.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde; Ministério da Educação. **Programa Saúde na Escola**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Lei nº. 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 dez. 2008b. Seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 26 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde na escola**. Brasília: MS, 2009. 96 p. Série B. Textos Básicos de Saúde, Cadernos de Atenção Básica; n. 24.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: MS, 2010. 132 p. Série A Normas e Manuais Técnicos.

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 12.382, DE 25 de fevereiro de 2011**. Dispõe sobre o valor do salário mínimo em 2011 e a sua política de valorização de longo prazo; disciplina a representação fiscal para fins penais nos casos em que houve parcelamento do crédito tributário; altera a Lei nº 9.430, de 27 de dezembro de 1996; e revoga a Lei nº 12.255, de 15 de junho de 2010. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 fev. 2011. Disponível em: [http://www.portalbrasil.net/salariominimo\\_2011.htm](http://www.portalbrasil.net/salariominimo_2011.htm). Acesso em: 20 jun. 2011.

BUENO, S. M. V. **Educação preventiva em sexualidade, DST-Aids e drogas nas escolas**. 2001. 263 p. livre docência EERP – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.

CARDOZO, C. P; COCCO, M. I. M. Projeto de vida de um grupo de adolescentes à luz de Paulo Freire. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 6, nov./dez. 2003.

CASARI, P. **Retorno esperado e escolha profissional: fatores associados à escolha da carreira dos alunos da Universidade de São Paulo**. 2006. 68f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

CERQUEIRA, M. T. A Construção da Rede Latino Americana de Escolas Promotoras de Saúde. In: Brasil. Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil**. Brasília: MS, 2006. 272 p. Série Promoção da Saúde, n. 6. p. 33-39.

CONCIANI, W.; FIGUEIREDO; L. C. A produção de ciência e tecnologia nos Institutos Federais, 100 anos de aprendizagem. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica v. 2, n. 2, nov. 2009. Brasília: MEC, SETEC, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec>. Acesso em: 21 ago. 2011.

COSTA, F. S.; MARTINS, A. M. As expectativas dos jovens afro-brasileiros sobre a educação técnica de nível médio e o trabalho. **Cadernos de Pós-graduação – Educação**, São Paulo, v. 6, p. 69-75, 2007.

DANNEMANN, R. N. Atos e fatos da formação profissional. In: **Boletim técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, maio/ago. 2002. Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/303/boltec303a.htm>. Acesso em: 7 jul., 2011.

DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.

EQUIPE MUNDO JOVEM. Dinâmicas de formação para a cidadania: Caminhos profissionais. **Jornal Mundo Jovem-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, Rio Grande do Sul, n. 339, p. 14, ago. 2003. Disponível em: <http://www.pucrs.br/mj/subsidios-dinamicas-25.php>. Acesso em: 11 jun. 2011.

FERREIRA, A. G. N. **Círculo de cultura com adolescentes pertencentes a grupos religiosos e a prevenção do HIV/AIDS**. – Dissertação de Mestrado em Enfermagem – Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem. Programa de Pós-graduação em Enfermagem – UFC, Fortaleza: 2010, 116 p.

FIGUEIREDO, T. A. M.; MACHADO, V. L. T.; ABREU, M. M. S. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n.2, p. 397-402, 2010.

FONSECA, D. C. Formação profissional, humana e as ações educativas mediadas pelas concepções de adolescência: os profissionais da estratégia de saúde da família em questão. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 15., 2009, Maceió. **Anais...** Maceió: 2009. Disponível em: [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/103.%20forma%20profissional,%20humana%20e%20as%20a%C7%D5es%20educativas%20mediadas%20pelas%20concep%C7%D5es%20de%20adolesc%C7%BAncia.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/103.%20forma%20profissional,%20humana%20e%20as%20a%C7%D5es%20educativas%20mediadas%20pelas%20concep%C7%D5es%20de%20adolesc%C7%BAncia.pdf). Acesso em: 16 jan. 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 158 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos** / Paulo Freire. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa** / Paulo Freire. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FRIGOTTO, G (org.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. A gênese do Decreto nº 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: RODRIGUES, C. M. Da Escola ao Trabalho – as expectativas de jovens alunos em relação ao mundo do trabalho. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E

PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 33. 2010, Caxambu.. **Anais...Caxambu**, 2010. p. 1-15. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/P%C3%B4steres%20em%20PDF/GT03-6859--Int.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2011.

FERNANDES, R.; NARITA, R. T. Instrução superior e mercado de trabalho no Brasil. **Revista Economia aplicada**, v. 5, n.1, 2001.

GARCIA, S. R. O. O fio da História: A gênese da formação profissional no Brasil. In: CONGRESSO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2001, Caxambu. **Anais...** Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0904t.PDF>. Acesso em: 22 ag. 2011.

GONÇALVES, F. D. *et al.* A promoção da saúde na educação infantil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v.12, n. 24, p.181-92, jan./mar. 2008.

GROSSMAN, E.; RUZANY, M. H.; TAQUETTE, S. R. A consulta do adolescente e jovem. In: BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do Adolescente: Competências e Habilidades**. Brasília: MS, 2008. v. 1. p. 41 - 46.

GUARALDO, L. M. **Discursos jovens sobre vida, escola e trabalho**: estudo realizado em uma escola estadual de ensino médio em São Paulo. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, A. M. D. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRA, J. A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Rev Latino-am Enfermagem**, n. 11, v. 3, p. 293-8, maio/jun. 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009 - Despesas e Rendimentos. **Rendimento total médio mensal familiar**. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pi>> Acesso em: 20 maio 2010.

\_\_\_\_\_. Sinopse do Censo Demográfico 2010. **Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade BRASIL – 2010**. 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 set. 2011.

KUNZE, N. C. O surgimento da rede federal de educação profissional nos primórdios do regime republicano brasileiro. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica v. 2, n. 2, nov. 2009. Brasília: MEC, SETEC, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec>. Acesso em: 21 ago. 2011.

LARA, L. D; ARAÚJO, M. C. S.; LINDNER, V.; SANTOS, V. P. L. S. O adolescente e a escolha profissional: compreendendo o processo de decisão. **Arq. Ciênc. Saúde Unipar**, Umuarama, v. 9, n.1, jan../abr. p. 57-61, 2005.



LEITÃO, L. M.; MIGUEL, J. P. Avaliação dos interesses. In: LEITÃO, L. M. (Org.). **Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional**. p. 179-262. Coimbra: Quarteto.

LIBERAL, E. F. *et al.* **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, supl, p. 155-163, 2005.

LOCATELLI, A. C. D.; BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S. E. R. A motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro. **Revista Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 268-276. 2007.

LUFT, C. P. **Minidicionário Luft**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MACHADO, L. R. de S. Ensino médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa. In: MOLL, J. *et al.* (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: Desafios, tensões e possibilidades**. 1. ed. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: ARTMED EDITORA S.A., 2009.

MACHADO, M. DA S.; GARCIA, P. F.; MARANHÃO NETO, G. A. **Adolescência, atividade física e saúde**. In: BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do Adolescente: Competências e Habilidades**. Brasília: MS, 2008. v. 1. p. 103 - 110.

MACIEL, E. L. N. *et al.* Projeto Aprendendo Saúde na Escola: a experiência de repercussões positivas na qualidade de vida e determinantes da saúde de membros de uma comunidade escolar em Vitória, Espírito Santo. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 2, p. 389-396, 2010.

MADEIRA, M. H. Ensino Profissional de Jovens: um percurso escolar diferente para a (re)construção de projectos de vida. **Revista Lusófona de Educação**, v. 7, p. 121-141, 2006.

MAFFEI, A. M. A situação socioeconômica e a escolha profissional de jovens brasileiros. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**. Porto, n. 5, p. 164-174. 2008. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10284/908>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MANSÃO, C. S. M. **Interesses** profissionais: validação do self-directed search career Explorer - SDS. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009. 315p.

MEIRA, A. M. G. Jogos de adolescentes. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 11, p.101-104, 1995.

MEIRELLES, Z. (Org.); RUZANY, M. H. Promoção de saúde e protagonismo juvenil. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: MS, 2008. v. 1. p. 35 - 39.

MENEZES, L. H. P. **Identidade e saberes de professores (as) de adolescentes: uma aproximação ao processo de sua constituição**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação, 2004.

MEYER, D. E. E. *et al.* "Você aprende. A gente ensina?" Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, jun. 2006.

MIRANDA, K. C. L.; BARROSO, M. G. T. A contribuição de Paulo Freire à prática e educação crítica em enfermagem. **Rev. Latinoam. Enferm.**, v. 12, n. 4, p. 631-635, jul./ago. 2004.

MIRANDA, K. C. L.; BARROSO, M. G. T. Aconselhamento em HIV/AIDS: análise à luz de Paulo Freire. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.15, n.1, jan./fev. 2007.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.44, n.1, mar. 2010.

MONTEIRO, E. M. L. M. **(Re)Construção de ações de educação em saúde a partir de círculos de cultura: experiência participativa com enfermeiras do PSF do Recife/PE**. 2007. 179f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

MORETTI-PIRES, R. O.; BUENO, S. M. V. Relação docente-discente em Enfermagem e problemas na formação para o Sistema Único de Saúde. **Acta Paul Enferm.**, v.22, n. 5, p. 645-51, 2009.

MOURA, D. H; GARCIA, S. R. O; RAMOS, M. N. Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio. **Documento Base**. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, dez. 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec>. Acesso em: 21 ago. 2011.

NEUBANER, G. M. DE S. Dinâmicas de formação para a cidadania: Estrada da formação. **Jornal Mundo Jovem-Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, Rio Grande do Sul, n. 301, p. 20, out. 1999. Disponível em: <http://www.pucrs.br/mj/subsidios-dinamicas-25.php>. Acesso em: 11 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Dinâmicas de formação para a cidadania: Processos de Trabalho. **Jornal Mundo Jovem-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, Rio Grande do Sul, n. 301, p. 20, out. 1999. Disponível em: <http://www.pucrs.br/mj/subsidios-dinamicas-25.php>. Acesso em: 11 jun. 2011.

PEREIRA, K. C. **Sexualidade na a dolescência**: trabalhando a pesquisa-ação com referenciais teórico metodológicos de Paulo Freire – Dissertação de Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica - EERP – USP, Ribeirão Preto: 2007, 113 p.

POLIT, D.; HUNGLER, B. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**: métodos, avaliação e utilização. 5. ed. Porto Alegre: Artmed; 2004.

PRIMI, R. *et al.* Desenvolvimento de um inventário de levantamento das dificuldades da decisão profissional. **Revista Psicologia Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 13, n. 3. 2000.

RESENDE, M. P. **O impacto do trabalho precoce na adolescência**: um estudo de enfermagem. 2008. 113f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

ROSA, D. A. **Educação profissional de nível médio**: Formação para a Cidadania ou emancipação Humana? 2008. 156f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RUSSO, R. **Fábrica**. intérprete: legião urbana. In: Legião Urbana Dois. Produção: Mayrton Bahia. Rio de Janeiro, p.1986. 1 disco sonoro (47min), 12 faixas, faixa 11 (5 min).

RUZANY, M. H.; SZWARCOWALD, C. L. Oportunidades perdidas de atenção integral ao adolescente: resultados do estudo-piloto. **Adolesc Latinoam**, v. 2, p. 26-35, 2000.

SANTOS, K. F.; BÓGUS, C. M. A percepção de educadores sobre a escola promotora de saúde: um estudo de caso. **Rev. Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 17, n. 3, p. 123-133, 2007.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.10, n.3, p. 707-717. 2005.

SERRÃO, M; BALEEIRO, M. C. **Projeto de Vida**. In: COSTA, A. C. G. organizador. Protagonismo Juvenil – adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht; 2000. p. 242 – 244.

SILVA, E. M. A.; ARAÚJO, C. M. Reflexão em Paulo Freire: uma contribuição para a formação continuada de professores. In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 2005, Recife, **Anais...**, Recife, 19 a 22 - setembro. Disponível em: <http://www.paulofreire.org.br/asp/template.asp?secao=coloquios&sub=5coloquio>

SILVA, E. P.; STEFANINI, D. M. As expectativas de formação profissional e trabalho de jovens e adultos de uma escola técnica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 15., 2009, Maceió, **Anais...** Maceió. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/AnaisXV/ENABRAPSO/93.%20as%20expectativas%20de%20forma%C7%C3o%20profissional%20e%20trabalho%20de%20jovens%20e%20adultos%20de%20uma%20escola%20%C9cnica.pdf>. Acesso em: 3 ago., 2011.

SILVEIRA, R. S. *et al.* Conceptualizando a prática da Enfermagem a partir de Paulo Freire. **Rev. Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 4, n. 2, p. 156-162, maio/ago. 2005

SILVEIRA, P. D.; AXT, M. Diário de campo na formação docente: escrita, leitura e análise de experiências. In: SEMINÁRIO REDESTRADO – NUEVAS REGULACIONES EN AMÉRICA LATINA, 7., 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires, 2008. P. 1-22.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.

SOBRAL, F. J. M. Retrospectiva Histórica do ensino agrícola no Brasil. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, v. 2, n. 2, nov. 2009. Brasília: MEC, SETEC, 2009. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec>. Acesso em: 21 ago. 2011.

SPARTA M.; GOMES, W. G. Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 6, n. 2, p.45-53. 2005.

TEIXEIRA, M. A. R.; HASHIMOTO, F. Família e escolha profissional: a questão espacial, temporal e o significado. **Revista de Psicanálise**. São Paulo, Ano XVIII, n. 182, p. 63-73, jun. 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17. ed., São Paulo: Cortez, 2009.

TONATTO, S.; SAPIRO, C. M. Os Novos Parâmetros Curriculares das Escolas Brasileiras e Educação Sexual: Uma Proposta de Intervenção em Ciências. **Revista Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, Santa Catarina, v. 14, n. 2, p. 163-175; jul./dez. 2002.

UFPI. **Colégio Agrícola de Bom Jesus**. Disponível em: <http://www.ufpi.br/cabi/index/pagina/id/2111> >. Acesso em: 6 jul. 2010.

WITTACZIK, L. S. Educação profissional no Brasil: Histórico. **E-Tech: Atualidades Tecnológicas para Competitividade Industrial**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 77-86, 1º. sem. 2008. Disponível em: [http://www.revista.ctai.senai.br/index\\_php/edicao01/article/.../26/21](http://www.revista.ctai.senai.br/index_php/edicao01/article/.../26/21) .Acesso em: 14 ago. 2011.

# ***APÊNDICES***

---

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO 1 – APLICADO NA FASE EXPLORATÓRIA DA PESQUISA

#### 1 CARACTERIZAÇÃO DO ADOLESCENTE:

- **NOME DO PARTICIPANTE:**

- **NOME DO SEU RESPONSÁVEL:**

- **IDADE:**

10 ANOS A 13 ANOS, 11 MESES E 29 DIAS

14 ANOS A 17 ANOS, 11 MESES E 29 DIAS

18 ANOS A 19 ANOS, 11 MESES E 29 DIAS

- **SEXO:**

Feminino  Masculino

- **ORIENTAÇÃO SEXUAL. EU ME CONSIDERO...**

HETEROSSEXUAL (Gosta de pessoas do sexo oposto)

HOMOSSEXUAL (Gosta de pessoas do mesmo sexo)

BISSEXUAL (Gosta de pessoas do sexo oposto e do mesmo sexo)

ASSEXUAL (Não gosta nem de pessoas do sexo oposto e nem do mesmo sexo)

NÃO SEI AINDA

- **RENDA FAMILIAR (QUANTO SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS GANHAM POR MÊS):**

MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO

ENTRE 1 E 2 SALÁRIOS MÍNIMOS

ENTRE 3 E 5 SALÁRIOS MÍNIMOS

6 OU MAIS SALÁRIOS MÍNIMOS

- **MORA:**

COM OS PAIS  OUTROS FAMILIARES  AMIGOS  SOZINHO

- **RESIDÊNCIA**

ZONA URBANA  ZONA RURAL

- **CURSO TÉCNICO:**

Técnico em Agropecuária

Técnico em Enfermagem

Técnico em Informática

#### 2 DISCUSSÃO SOBRE AS QUESTÕES DA ADOLESCÊNCIA

1. O que você entende sobre a fase da adolescência?

2. Que dúvidas você tem sobre a adolescência, tais como sexo e sexualidade, gravidez indesejada, uso de álcool e outras drogas, entre outras?

3. Durante a realização do seu curso técnico ou nas aulas do ensino médio, em algum momento as questões da adolescência e / ou de saúde foram abordadas? Se sim, o que foi abordado e em qual disciplina foi discutido?

4. Se você respondeu sim a questão anterior, como você classificaria o conteúdo abordado?

5. Você considera importante discutir na sala de aula os assuntos relativos à adolescência, tais como sexo e sexualidade, gravidez indesejada, uso de álcool e outras drogas, entre outros?

6. Com quem você conversa quando tem dúvida sobre a adolescência? Por quê?

7. Você tem interesse em participar de um grupo de discussão sobre a fase da adolescência que você está vivenciando?

8. Se sim, sobre o que você gostaria de conversar no que diz respeito à adolescência no nosso próximo encontro? Você pode marcar mais de uma opção.

Sexo e sexualidade  Gravidez indesejada  Métodos contraceptivos

Álcool e outras drogas  Escolha profissional  Orientação sexual

Outros temas. Especifique: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B

### QUESTIONÁRIO 2 – APLICADO NA ETAPA DE INVESTIGAÇÃO DO PROGRAMA EDUCATIVO. TEMÁTICA: ESCOLHA / FORMAÇÃO PROFISSIONAL

1. Por que você faz o ensino médio ao mesmo tempo em que faz um curso técnico?
2. Você acha importante fazer um curso técnico? Se sim, por quê?
3. O que você entende sobre formação profissional?
4. Por que você está fazendo esse curso técnico? Você já sabe se esta é a profissão que vai seguir?  
Por quê?
5. Marque com um **X** para a(s) profissão (ões) que lhe interessam e que não lhe interessam:

<u>PROFISSÃO</u>	<u>INTERESSA</u>	<u>NÃO INTERESSA</u>
Administrador		
Advogado		
Astronauta		
Agricultor		
Agrônomo		
Agropecuário		
Analista de Sistemas		
Apicultor		
Apresentador		
Arquiteto		
Artista		
Assistente Social		
Atleta		
Ator		
Aviador		
Bibliotecário		
Biólogo		
Bioquímico		
Bombeiro		
Botânico		
Cabeleireiro		
Camareiro		
Cantor		
Capoeirista		
Caricaturista		
Carteiro		
Cineasta		
Compositor		
Construtor		
Contador		
Coordenador		
Coreógrafo		
Costureiro		
Coveiro		
Dançarino		
Decorador		
Dentista		
Desenhista		
Detetive		
Diarista		
Digitador		
Diplomata		



Doméstico		
Ecologista		
Economista		
Educador Físico		
Eletricista		
Encanador		
Enfermeiro		
Engenheiro Ambiental		
Engenheiro Civil		
Engenheiro Eletrônico		
Engenheiro Mecânico		
Entrevistador		
Escritor		
Escultor		
Esteticista		
Estilista		
Farmacêutico		
Filósofo		
Fisioterapeuta		
Floricultor		
Fotógrafo		
Fonoaudiólogo		
Gari		
Geólogo		
Guia Turístico		
Historiador		
Cientista		
Jogador de Futebol		
Jornalista		
Juiz		
Pedagogo		
Marceneiro		
Marinheiro		
Massagista		
Matemático		
Médico		
Metalúrgico		
Mineiro		
Modelo		
Motorista		
Padre		
Pintor		
Poeta		
Político		
Professor		
Psicólogo		
Radialista		
Repórter		
Segurança		
Taxista		
Técnico:		
Telefonista		
Vendedor		
Veterinário		
Outros:		

6. O que você gostaria de saber sobre escolha profissional?
7. O que você sabe sobre a(s) profissão (ões) que você marcou?
8. O que você gostaria de saber sobre a(s) profissão (ões) que você marcou?
9. O que lhe motivou a escolher a(s) profissão (ões) que você marcou?
  - a)  Salário
  - b)  Vocação
  - c)  Influência dos pais
  - d)  Influência da mídia
  - e)  Influência da mídia
  - f)  Influência dos amigos
  - g)  Reconhecimento social
  - h)  Outros. Especifique: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Maria Augusta Rocha Bezerra, RG 2001034034721 - SSPCE, Universidade Federal do Piauí – Colégio Agrícola de Bom Jesus, está realizando a pesquisa intitulada “**EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA DE ADOLESCENTES: ENFOQUE NA PESQUISA-AÇÃO**”, que tem entre os objetivos “Realizar junto aos estudantes uma oficina pedagógica a respeito de assuntos relacionados à educação em saúde levantados nos discursos dos adolescentes”. Por essa razão, o (a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa, autorizando seu (sua) filho (a), estudante do Colégio Agrícola de Bom Jesus, a participar deste estudo. A participação do (a) estudante consistirá em, primeiramente, responder uma entrevista na qual ele relatará sobre seus questionamentos, dificuldades, anseios e expectativas enfrentados na adolescência que será realizada pela pesquisadora, e, logo em seguida, participará de encontros, realizados por meio de oficinas para, dentro de uma perspectiva de construção coletiva com os educadores, propor medidas para o enfrentamento destes problemas vivenciados. Os instrumentos utilizados não causarão nenhum tipo de constrangimento aos sujeitos do estudo.

O principal benefício esperado com o estudo é que os adolescentes poderão ser capacitados para responder as suas inquietações para que dentro de uma educação libertadora sintam-se seguros para enfrentar seus medos, anseios e expectativas. Todas as informações que o(a) Sr.(a) e seu filho (a) nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas respostas serão confidenciais e seu nome não aparecerá na divulgação dos dados e nem quando os resultados forem apresentados. A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso o(a) Sr.(a) aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado a responder a entrevista e a participação nas oficinas.

Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a professora Maria Augusta Rocha Bezerra, Colégio Agrícola Federal – Campus Cinobelina Elvas, Curso Técnico em Enfermagem, localizado à BR 135, km03, Bairro Planalto Horizonte, CEP 64.900-000, (89) 35622535, Bom Jesus PI, em horário comercial. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar também a direção da UFPI ou do CABJ. Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

## TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr. (a) \_\_\_\_\_, portador (a) da cédula de identidade \_\_\_\_\_, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa. E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Bom Jesus-PI, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

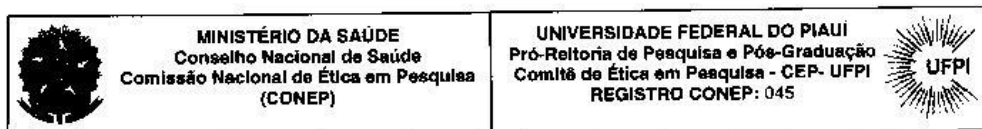
\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pelo participante

***ANEXO***

---

## ANEXO A

### CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ



### CARTA DE APROVAÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – (CONEP/MS) analisou o protocolo de pesquisa:

**Título:** Proposta de educação emancipatória de adolescente em escola técnica: enfoque na pesquisa-ação.

**CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética):** 0088.0.045.000-11

**Pesquisador Responsável:** Aldina de Figueiredo Cunha

Este projeto foi APROVADO em seus aspectos éticos e metodológicos de acordo com as Diretrizes estabelecidas na Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde. Toda e qualquer alteração do Projeto, assim como os eventos adversos graves, deverão ser comunicados imediatamente a este Comitê. O pesquisador deve apresentar ao CEP:

**Setembro/2011    Relatório final**

Os membros do CEP-UFPI não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores.

**DATA DA APROVAÇÃO:** 08/06/2011

Teresina, 10 de Junho de 2011.

  
Prof. Dr. Carlos Ernando da Silva  
Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI  
COORDENADOR